

Catarina Jesus Gregório

**Perceções das educadoras de infância sobre a
promoção do desenvolvimento da linguagem através da
exploração ativa de elementos da natureza**



Universidade do Algarve

Escola Superior de Educação e Comunicação

2021

Catarina Jesus Gregório

**Perceções das educadoras de infância sobre a
promoção do desenvolvimento da linguagem através da
exploração ativa de elementos da natureza**

**Relatório da Prática de Ensino Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**Trabalho efetuado sob a orientação de:
Doutora Ana Catarina Baptista de Jesus Correia
Doutora Susana Filipa Viegas Rodrigues**



**Universidade do Algarve
Escola Superior de Educação e Comunicação
2021**

**Perceções das educadoras de infância sobre a promoção do desenvolvimento
da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza**

Declaração de autoria do trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Copyright

Catarina Jesus Gregório

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

“Brincar é um comportamento de escolha livre, dirigido pessoalmente, com um propósito explorador, de risco e procura adaptativa, aprendizagem e com enorme empenho de imaginação e fantasia.”

Carlos Neto (2020, p.39)

Agradecimentos

O percurso foi marcado por diversos momentos, altos e baixos, mas sempre com o objetivo de terminar esta etapa tão importante na minha vida. São esses momentos que moldam as pessoas e as tornam mais resilientes, confiantes e determinadas. Todos esses momentos são possíveis de ultrapassar como reflexo de quem está ao nosso lado. Praticar a gratidão deve ser um momento chave para o sucesso, assim como, a humildade e empatia.

Primeiramente, tenho que agradecer às professoras orientadoras, Prof. Doutora Ana Catarina Baptista e Prof. Doutora Susana Rodrigues, por terem sido o elemento-chave na realização deste relatório de investigação. Agradecer por exigirem mais de mim, permitindo-me reconhecer que sou capaz de fazer melhor.

Agradecer também à Universidade do Algarve que foi a minha segunda casa durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar e, que tantos ensinamentos me deu. Reconhecer também a importância de todos os professores com quem me cruzei, que transmitiram conhecimento e valores nas suas unidades curriculares.

À minha educadora cooperante que se tornou uma amiga, que tanto me ensinou e demonstrou. Por todos os momentos de partilha, reflexão e divertimento dentro e fora da sala de atividades, que me tornaram no ser consciente e sensível ao que me rodeia. Às crianças que me ensinaram a ser um ser humano melhor, e que, o amor deve prevalecer sempre na prática pedagógica. Um grande agradecimento às auxiliares, que demonstraram que trabalhar em equipa pode e deve ser possível com todos os adultos da sala.

Às supervisoras institucionais, educadora Patrícia Beira Grande e educadora Ivone Silva, por terem cruzado o meu caminho e terem ensinado que a paixão pela profissão é o elemento impulsionador de um bom profissional.

Às educadoras de infância que participaram no estudo, pela disponibilidade em participar no estudo e pelos seus ensinamentos. Assim como, a toda a equipa educativa da instituição pela amabilidade com que me receberam durante o meu percurso.

À minha família e amigos. Agradecer por estarem sempre presentes no meu percurso académico e pessoal, agradecer por me apoiarem e amparem o coração sempre que o senti sair do peito. Por todos os momentos em que pensei desistir, questioneei a

minha força e coragem e, acima de tudo, por me amarem e demonstrarem que o amor é e sempre será a chave para uma vida recheada de aprendizagens, conhecimento e sucesso.

Às minhas colegas de licenciatura, que apesar de não termos continuado juntas no percurso académico me continuaram a acompanhar e congratular.

Por fim, um obrigada a todos aqueles que cruzaram o meu caminho, por todos os altos e baixos do meu percurso profissional e pessoal, pois todos os dias são uma aprendizagem e sem esses dias, não chegaria até aqui.

Obrigada.

Resumo

O presente relatório de investigação, com o título *Perceções das educadoras de infância sobre a promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza*, realizou-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) no distrito de Faro, numa sala de jardim de infância com crianças com idades compreendidas entre os cinco e seis anos de idade, no ano letivo de 2020/2021.

O estudo inicial tinha como metodologia a recolha de dados junto de uma sala de jardim de infância, no entanto, em virtude da situação pandémica e de forma a dar continuidade ao tema em estudo, repensou-se a metodologia.

Para responder à questão de investigação *Qual a influência da exploração ativa dos elementos da natureza no desenvolvimento léxico-semântico de um grupo de crianças de 5 e 6 anos?*, estabeleceram-se dois objetivos: (1) perceber qual a perspetiva das educadoras de infância na promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza; (2) perceber quais as perceções e conhecer as práticas das educadoras de infância na área da linguagem e exploração dos elementos da natureza com as crianças.

O estudo é de natureza qualitativa, cujas técnicas utilizadas incidiram numa entrevista semiestruturada realizada de forma presencial e, numa recolha de áudio previamente autorizada pelas educadoras do jardim de infância. Os resultados obtidos permitiram compreender quais as perspetivas das educadoras de infância, qual a posição que tomam em relação aos temas abordados e, ainda, exemplos práticos de como colocar em prática atividades e/ou momentos de reflexão com o grupo de crianças.

Em resposta aos resultados obtidos, verificou-se a importância atribuída ao desenvolvimento léxico-semântico pelas educadoras, assim como, do impacto positivo da brincadeira livre com os elementos da natureza.

Palavras-chave: brincadeira livre; desenvolvimento léxico-semântico; educação pré-escolar; exploração dos elementos da natureza; papel do/a educador/a de infância.

Abstract

The present research, entitled *Percepções das educadoras de infância sobre a promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza*, took place within the scope of the Supervised Teaching Practice (PES) curricular unit, in a Private Institution of Social Solidarity (IPSS) in the district of Faro, in a kindergarten room with children aged between five and six years old, in the 2020/2021 school year.

The initial study had the methodology of collecting data from a kindergarten room, however, due to the pandemic situation and to continue the topic under study, the methodology was rethought.

To answer the following research question: What is the influence of the active exploration of the elements of nature on the lexical-semantic development of a group of 5 and 6-year-old children?, two objectives were established: (1) to understand the perspective of the teachers of the kindergarten in promoting language development through active exploration of the elements of nature; (2) understand what are the perceptions and know the practices of kindergarten teachers in the area of language and exploration of the elements of nature with children.

The study has qualitative nature, whose techniques focused on a semi-structured interview conducted in person and on audio collection previously authorized by the kindergarten teachers. The results obtained allowed us to understand the perspectives of kindergarten teachers, what position they take concerning the topics covered, and practical examples of how to put into practice activities and/or moments of reflection with the group of children.

In response to the results obtained, the importance attributed to lexical-semantic development by the educators was verified, as well as the positive impact of free play with the elements of nature.

Key words: free play; lexical-semantic development; preschool education; exploration of the elements of nature; role of the kindergarten teacher.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Índice de figuras	vii
Índice de tabelas	vii
Índice de quadros.....	vii
Lista de abreviaturas	viii
Introdução.....	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	3
1.1. Aquisição e Desenvolvimento Linguístico.....	3
<i>1.1.1. Aquisição e desenvolvimento léxico-semântico.....</i>	<i>7</i>
1.2. O Papel do/a educador/a de infância no desenvolvimento linguístico	10
1.3. Brincadeira livre	12
<i>1.3.1. A importância do espaço exterior</i>	<i>15</i>
1.4. A brincadeira livre e o desenvolvimento linguístico	18
Capítulo II – Metodologia	21
2.1. Contextualização da investigação.....	21
2.2. Questão de investigação	21
2.3. Objetivos de investigação.....	21
2.4. Participantes	22
2.5. Opções metodológicas.....	22
<i>2.5.1. Técnicas e métodos de recolha de dados.....</i>	<i>23</i>
Capítulo III – Análise dos Resultados	26
3.1. Resultados.....	26
3.2. Discussão de Resultados.....	40

Considerações Finais	44
Limitações de estudo e propostas futuras	45
Referências Bibliográficas.....	46
Apêndices	51
Apêndice I – Guião de entrevista	51
Apêndice II – Documento de informação da confidencialidade da entrevista e autorização da recolha de áudio	56
Apêndice III – Transcrição da entrevistas à E1	57
Apêndice IV - Transcrição da entrevista à E2.....	69
Apêndice V - Transcrição da entrevista à E3	77
Apêndice VI - Transcrição da entrevista à E4.....	86
Apêndice VII - Transcrição da entrevista à E5.....	96
Apêndice VIII - Transcrição da entrevista à E6	105
Apêndice IX - Transcrição da entrevista à E7	114

Índice de figuras

Figura 1 - Modelo conceptual que inter-relaciona conhecimento lexical, compreensão de leitura e qualidade da produção escrita (retirado de Duarte, 2011, p.10). 9

Figura 2 - Documento de informação da confidencialidade da entrevista e autorização da recolha de áudio. 56

Índice de tabelas

Tabela 1 - Informações sobre a entrevista da E1	57
Tabela 2 - Informações sobre a entrevista da E2	69
Tabela 3 - Informações sobre a entrevista à E3	77
Tabela 4 - Informações sobre a entrevista à E4	86
Tabela 5 - Informações sobre a entrevista da E5	96
Tabela 6 - Informações sobre a entrevista da E6	105
Tabela 7 - Informações sobre a entrevista da E7	114

Índice de quadros

Quadro 1.1 - Marcos e etapas do desenvolvimento da linguagem (Sim-Sim et al., 2008, p.26).....	6
Quadro 2.1 - Categorias e questões para análise de dados das entrevistas aplicadas às educadoras de infância.....	25
Quadro 3 - Guião de entrevista.....	55
Quadro 6 - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza.....	123

Lista de abreviaturas

B1 – Bloco C

B2 – Bloco D

B3 – Bloco E

E1 – Educadora 1

E2 – Educadora 2

E3 – Educadora 3

E4 – Educadora 4

E5 – Educadora 5

E6 – Educadora 6

E7 – Educadora 7

IPSS - Instituição Particular de Solidariedade Social

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES – Prática de Ensino Supervisionada

Introdução

O desenvolvimento linguístico e a exploração dos elementos da natureza sempre foram alvo de muito interesse e curiosidade. Compreender como se desenvolve a linguagem no ser humano, foi sempre um fator chave ao longo da formação académica e, relacionar com o mundo natural e o impacto da brincadeira livre, uma motivação na prática com as crianças, pelo que, a escolha do tema surgiu de forma espontânea e com base nas observações realizadas em práticas pedagógicas anteriores.

A linguagem é a ferramenta mais utilizada e importante pelo ser humano, sendo uma das suas capacidades inatas que permite comunicar através de diversos sistemas (Horta, 2016). É importante reconhecer a importância da natureza no desenvolvimento, e o impacto que tem nas crianças é visível em vários aspetos da sua vida, como por exemplo, através da brincadeira livre. O contacto e exposição que a criança tem com a imprevisibilidade quando em exploração na natureza, é de facto, a forma mais ancestral de construção de conhecimento e sabedoria conquistada pelo ser humano (Neto, 2020).

O presente relatório de investigação intitula-se “Perceções das educadoras de infância sobre a promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza” realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré-Escolar, no ano letivo 2020-2021. A prática decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) do distrito de Faro, em contexto de jardim de infância.

O documento está organizado em três capítulos, em que o capítulo I contém o enquadramento teórico composto por diversos pontos, mais concretamente, a aquisição e desenvolvimento linguístico (1.1); aquisição e desenvolvimento léxico-semântico (1.1.1.); papel do/a educador/a de infância no desenvolvimento linguístico (1.2); brincadeira livre (1.3); a importância do espaço exterior (1.3.1); a criança na natureza (1.3.2) e, por fim, a brincadeira livre e o desenvolvimento linguístico (1.4).

O capítulo II direciona-se para a metodologia da investigação, sendo caracterizado pelos seguintes pontos: contextualização da investigação (2.1); questão de investigação (2.2.); objetivos de investigação (2.3); participantes (2.4); opções metodológicas (2.5); técnicas e métodos de recolha de dados (2.5.1). Para responder aos objetivos propostos na investigação selecionou-se uma metodologia qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas às educadoras de infância.

O último capítulo corresponde à apresentação e discussão dos resultados obtidos na investigação, cuja organização é caracterizada pela apresentação de excertos das entrevistas às educadoras de infância e a consequente discussão e conclusão no final do capítulo.

Por fim surgem as considerações finais do estudo, referências bibliográficas e apêndices.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1.1. Aquisição e Desenvolvimento Linguístico

A linguagem é a capacidade que o ser humano possui para adquirir e utilizar a língua da sua comunidade, pelo que é encarada acima de tudo como comunicação. É através da palavra que o ser humano se expressa e exprime os seus sentimentos e ideias, quais as suas preferências, opiniões e existe um enriquecimento mútuo através da partilha de informação. A linguagem resulta assim, num instrumento importante no que toca à comunicação, sendo que os primeiros anos de vida das crianças correspondem a um período crítico nesse desenvolvimento e essencial no desenvolvimento de outras áreas (Freeman & Hartshorne, 2009; Horta, 2016; Santos, 2012; Sim-Sim et al., 2008).

É importante compreender quais as diferenças e as similaridades entre a linguagem e a comunicação, uma vez que, muitas vezes são encaradas como sinónimos. A comunicação é definida como um processo ativo que resulta na troca de informação que envolve a codificação (ou formulação), na transmissão e consecutiva descodificação (ou compreensão) da mensagem, seja entre dois ou mais intervenientes e vai influenciar o comportamento dos outros implicando respeito e compreensão mútua. Para que essa comunicação tenha sucesso, os interlocutores têm que dominar um código comum, ou seja, um conjunto de sinais usados para essa transmissão da mensagem. Os sinais podem ser variados (morse, braille, etc.), mas neste ponto em concreto, os sinais utilizados na comunicação verbal estão relacionados com os códigos mais complexos utilizados pelos seres humanos, o sistema linguístico. Esse sistema linguístico é vulgarmente denominado de linguagem, que utiliza diversos mecanismos que podem ser extralinguísticos ou paralinguísticos. A linguagem pode também ser definida como um código social partilhado ou um sistema convencional para representar conceitos através do uso arbitrário de símbolos e, combinações de regras desses símbolos. Por outras palavras, estes símbolos ou palavras são arbitrárias e os falantes sabem o significado desses símbolos, que por sua vez, são organizados de forma a transmitir uma ideia. (Franco, et al., 2003; Owens, 2016; Sim-Sim, 1998).

Como já foi referido anteriormente, a linguagem permite que existam trocas de mensagens, mas também, a produção e compreensão da mesma mensagem através de uma grande diversidade de enunciados linguísticos (Sim-Sim, 1998). Lentin (1981, como citado em Silva, 2018) refere que “Para viver em sociedade, mesmo numa sociedade

restrita, a criança tem necessidade de uma linguagem que lhe permita transmitir e receber informações e mensagens. É-lhe, portanto necessário dominar não apenas a produção, mas também a compreensão dessa linguagem” (p.4).

A compreensão e a produção são componentes utilizadas no processamento da informação verbal que o ser humano recebe. Essa compreensão está diretamente relacionada com a receção e decifração da mensagem de uma cadeia de sons, sendo que, essa compreensão não ocorre se o falante e ouvinte não dominarem o mesmo sistema linguístico, pelo que, é essencial um meio envolvente estimulante (Sim-Sim, 1998).

A produção está ligada à estruturação da mensagem, ou seja, formada de acordo com as regras do sistema linguístico em que está inserido/a. No que toca à linguagem oral através de cadeias fónicas origina a fala, na língua gestual através de gesto e, por fim, na linguagem escrita através de sinais gráficos. A linguagem pode ser também encarada como “a janela do conhecimento humano” e existe portanto, um interesse cada vez maior nesse processo de apropriação da linguagem (Sim-Sim, 1998).

A aquisição da linguagem é um processo de apropriação subconsciente, mais concretamente, de um sistema linguístico que acontece durante o período da infância, de forma natural e espontânea de acordo com o seu meio envolvente, através da exposição com falantes dessa mesma língua, sendo que existem evidências de que a qualidade de informação que as crianças captam é mais importante do que a quantidade. A predisposição biológica e genética que o ser humano possui permite que ocorra essa aquisição, sendo a única geneticamente programada para adquirir sistemas complexos, estruturados e específicos que dizem respeito às línguas naturais. São os sistemas complexos que permitem que a criança aprenda a falar e se relacione com os que a rodeiam, tornando essas relações importantes na troca de informação e aprendizagem. Quando a criança começa a utilizar a linguagem como forma de comunicar possui um desenvolvimento muito poderoso, no sentido de que, a comunicação que existe com os outros permite que sejam adquiridas várias competências sociais (Law et al., 2017; Sim-Sim, et al., 1997; Sim-Sim, 1998; Sim-Sim, et al., 2008; Horta, 2016).

Sim-Sim (1998) defende que “As estruturas anatómicas e neurológicas que nos permitem produzir e compreender a linguagem, preservadas e transmitidas através do código genético, são responsáveis pela nossa evolução como animais linguísticos” (p.54). Sim-Sim (2002) afirma ainda que:

O valor da linguagem está profundamente enraizado na cultura ocidental. É através dela que se processam a maior parte das nossas interações pessoais e é ainda devido à especificidade linguística do ser humano que nos é possível transferir a informação de e para outros tempos e lugares. A eficácia da transmissão está, em grande parte, condicionada ao nível do desempenho linguístico de quem produz e de quem recebe a mensagem, qualquer que seja a vida (oral ou escrita) (p.200).

Esse contato com o sistema linguístico permite que a criança tenha uma aquisição natural e espontânea da linguagem, que permitirá a compreensão e a apreensão das regras específicas desse sistema mais concretamente, um respeito à forma, conteúdo e ao uso da língua. Assim como ocorre a aquisição da linguagem, esta passa também pelo desenvolvimento que corresponde a um desenrolar de várias etapas. Esse desenvolvimento da linguagem é atribuído às alterações no que toca ao conhecimento da língua que acontecem durante o período de aquisição da linguagem (Sim-Sim, 1998). Como refere Sim-Sim (1998) “(...) o desenvolvimento percorre o mesmo trajeto em todas as crianças (...) em termos de linguagem, a repetição de cadeias de sílabas é anterior à articulação de palavras isoladas que, por sua vez, precede a produção de frases” (p.26).

No entanto, é importante também considerar o termo *aprendizagem*, pois é um processo igualmente essencial no desenvolvimento da criança. A aprendizagem, segundo Sim-Sim (1998) “(...) é o processo por meio do qual, e através da experiência ou da prática, de forma mais ou menos consciente, se instalam modificações no desempenho do sujeito” (p.28). Pelo que, tanto a aquisição, como o desenvolvimento e a aprendizagem são co dependentes uns dos outros.

Para facilitar a compreensão dos marcos e etapas do desenvolvimento da linguagem, é apresentado na página seguinte um quadro com a explicitação de como ocorre o desenvolvimento da linguagem desde o nascimento até à puberdade.

Idade	Desenvolvimento fonológico	Desenvolvimento semântico/sintático	Desenvolvimento pragmático
0 6 meses	Reação à voz humana Reconhecimento da voz materna Reação ao próprio nome – Reações diferentes a entoações de carinho ou de zanga – Vocalizações (palreio, lalação) com entoação	-----	Tomada de vez em processos de vocalização
12 meses	Produção de alguns fonemas	– Compreensão de frases simples, particularmente instruções – Produção de palavras isoladas (holofrase)	Produções vocálicas para: – fazer pedidos – dar ordens – perguntar – negar – exclamar
18 meses	– Produção de muitos mais fonemas – Utilização de variações entoacionais	– Cumprimento de ordens simples – Compreensão de algumas dezenas de palavras – Produção de discurso telegráfico (2/3 palavras por frase)	Uso de palavras e embriões de frases simples para: – fazer pedidos – dar ordens – perguntar – negar – exclamar
2 anos 3 anos	Produção de muitos fonemas Melhoria no controlo do volume, ritmo e intensidade da voz Reconhecimento de todos os sons da língua materna	– Compreensão de centenas de palavras – Grande expansão lexical – Produção de frases – Utilização de pronomes – Utilização de flexões nominais e verbais – Respeito pelas regras básicas de Concordância	– Uso de frases para realizar muitos actos de fala (pedidos, ordens, perguntas, chantagens, mentiras)
4/5 anos	Completo domínio articulatorio	– Conhecimento passivo de cerca de 25000 palavras – Vocabulário activo de cerca de 2 500 palavras – Compreensão e produção de muitos tipos de frases	– Melhoria na eficácia das interacções conversacionais (formas de delicadeza e de subtileza)
Até à puberdade	-----	– Domínio das estruturas gramaticais complexas – Enriquecimento lexical	– Domínio das regras pragmáticas do(s) ambiente(s) onde convive

Quadro 1.1 - Marcos e etapas do desenvolvimento da linguagem (Sim-Sim et al., 2008, p.26).

1.1.1. Aquisição e desenvolvimento léxico-semântico

As palavras funcionam como ferramentas poderosas. Elas permitem o acesso às bases de dados no que toca ao conhecimento, exprimam ideias, sentimentos, novos conceitos e aprendizagens (Duarte, 2011; Sim-Sim et al., 2008). Reconhecendo que as palavras são as ferramentas básicas da linguagem, Sim-Sim (1998) afirma que “Conhecer uma palavra em qualquer língua implica conhecer o respectivo significado, ou seja, conhecer os atributos que determinam a formação de determinado conceito que a palavra representa” (p.121).

O conhecimento dessas palavras faz parte de um processo complexo para a criança. Para que a criança possa aprender a palavra é necessário emparelhar uma sequência fónica específica com um significado, onde esse significado é transmitido pela cadeia de sons e vai expressar um conceito (que diz respeito às representações mentais do real) e posteriormente, quando o conceito e os sons se unem forma-se uma palavra. Conhecer uma palavra, é portanto, reconhecer de forma simultânea uma sequência de sons e o seu significado (Santos, 2012; Sim-Sim, 1998).

No entanto, conhecer uma palavra envolve um conhecimento intuitivo muito complexo, caracterizado por diversos aspetos importantes, segundo Duarte (2011):

- a. Conhecer a sua forma fónica;
- b. Conhecer a sua forma ortográfica;
- c. Conhecer o(s) seus(s) significado(s);
- d. Saber a que classe e subclasse de palavras pertence;
- e. Conhecer as suas propriedades flexionais;
- f. Reconhecer as unidades mínimas com significado que a constituem;
- g. Saber com que classes de palavras se pode combinar para formar unidades linguísticas mais extensas;
- h. Saber que papéis semânticos distribui pelas expressões linguísticas com que se pode combinar;
- i. Saber que propriedades sintático-semânticas têm de ter as expressões linguísticas a que atribui papéis semânticos (p.17).

O léxico, in Dicionário Terminológico, consultado em linha, é caracterizado como:

“Conjunto de todas as palavras ou constituintes morfológicos portadores de significado possíveis numa língua, independentemente da sua actualização em registos específicos. O léxico de uma língua inclui não apenas o conjunto de

palavras efectivamente atestada num determinado contexto (cf. vocabulário), mas também as que já não são usadas, as neológicas e todas as que os processos de construção de palavras da língua permitem criar.”.

Para que seja possível existir uma diversidade lexical é importante o conhecimento e utilização de um determinado vocabulário, que corresponde a um conjunto exaustivo de palavras utilizadas em determinado contexto, e está diretamente relacionado ao meio social a que pertence, pelo que, no desenvolvimento da linguagem este domínio é um dos mais afetados pelo ambiente sociocultural em que cresce e permanece ao longo da sua vida (Dicionário Terminológico (s.d); Sim-Sim, 1998). O desenvolvimento léxico-semântico tem sido alvo de investigação ao longo dos anos, resultando na conclusão de que são interdependente. Sim-Sim, et al. (2008) afirma que “O desenvolvimento lexical começa muito cedo, quando a criança é capaz de atribuir significado a uma palavra que ouve frequentemente associada a uma pessoa, uma acção ou um objecto, mas prolonga-se por toda a vida” (p.18), sendo que esse desenvolvimento não se dirige exclusivamente para a aquisição de novos vocábulos e significados, como também, das relações que estabelecem entre eles. No que toca ao desenvolvimento semântico, este é caracterizado por ser o conhecimento do significado das palavras, ou seja, quais os atributos que correspondem a uma palavra, assim como, das frases, do discurso e ao processo de apreensão desse conhecimento que é construído (Sim-Sim, et al., 2008).

No entanto, para que exista esse conhecimento do significado das palavras no desenvolvimento semântico devem existir regras que são responsáveis, tanto pela capacidade de adquirir novo vocabulário e o seu significado, como também do seu processo complementar, o de organizar os conceitos que vai adquirindo na memória e produzir ou responder às interações comunicativas que acontecem à sua volta. (Cardoso, 2018).

Esse desenvolvimento lexical inicia-se antes da produção das primeiras palavras e é, um processo contínuo, ou seja, prolonga-se ao longo da vida e vai-se refletir nas interações sociais e posteriores aquisições escolares, pois uma criança que não tenha um meio estimulante terá um capital lexical mais reduzido. Para além disso, irá refletir-se posteriormente na sua predisposição para a leitura e consecutiva atribuição de significado ao que estão a ler. Por capital lexical entende-se como um leque variado de palavras, no

entanto, pode ser considerado léxico ativo (palavras utilizadas) e léxico passivo (palavras que conhece mas não utiliza) (Laranjeira, 2011; Sim-Sim, 1998).

Na seguinte figura é possível compreender como influenciam os fatores externos à criança no seu capital lexical, como argumentado nos pontos anteriores.

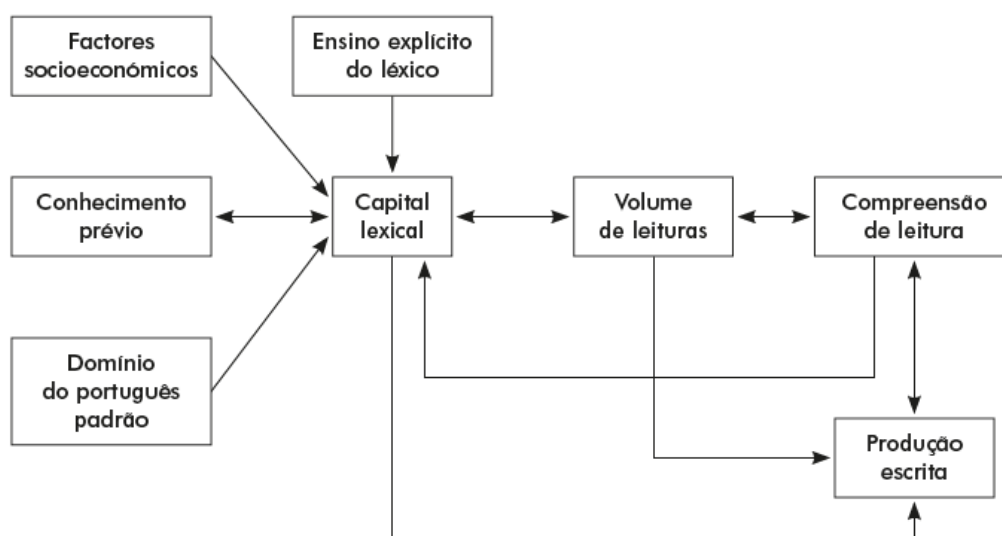


Figura 1.1. - Modelo conceptual que inter-relaciona conhecimento lexical, compreensão de leitura e qualidade da produção escrita (retirado de Duarte, 2011, p.10).

Como já mencionado anteriormente, A criança começa a produzir as primeiras palavras, entre os 9 e 12 meses, sendo que geralmente inicia pelos monossílabos ou repetição de sílabas. Por volta dos 18 meses estima-se que a criança já produza cerca de 50 palavras, e compreenda cerca de uma centena de palavras que ouve no contexto em que está inserido através da interação com o adulto. Quando surgem as primeiras palavras que compreende e produz estas estão associadas a ações que marcam a criança no presente. É também através dessas primeiras palavras que se começam a afinar certos mecanismos na perceção e produção de fala, onde a criança constrói uma nova ferramenta intelectual, o léxico mental. À medida que a criança vai compreendendo determinadas palavras provoca uma antecipação ou realização de uma ação. Já a produção de uma palavra é acompanhada de uma determinada ação (Santos, 2012; Sim-Sim et al., 2008).

Sim-Sim et al. (2008) referem por fim que:

À medida que a palavra vai surgindo em contextos variados, o aprendiz de falante separa o vocábulo de um contexto particular e a palavra ganha a dimensão de uma

representação (símbolo) para um determinado referente (conceito ou entidade). Quando a criança desconhece a palavra para denominar um conceito ou entidade específica, usa frequentemente o rótulo lexical por ela conhecido, por vezes inventado, e que melhor expressa o que quer comunicar. O uso de sobregeneralizações é muito frequente nestes casos (p. 18).

1.2.O Papel do/a educador/a de infância no desenvolvimento linguístico

A Lei-Quadro (Lei nº 5/97 de 10 de fevereiro, Artigo 10.º) apresenta um conjunto de tópicos e objetivos direcionados à criança e ao/a educador/a de infância, sendo que um dos objetivos é “Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo”.

O/a educador/a tem um papel muito importante no desenvolvimento da criança e, é através de uma educação com intencionalidade educativa relacionada também com a participação da família, comunidade envolvente, interação de pares que a criança começa a descobrir-se a si mesma e ao que a rodeia, assumindo portanto um papel ativo na sua aprendizagem e desenvolvimento. É nesse sentido que o/a educador/a tem o papel essencial de facilitador da aprendizagem, neste caso em específico no desenvolvimento linguístico que influenciará todas as outras áreas do seu desenvolvimento (Horta, 2016).

É importante que seja criado um ambiente de comunicação do/a educador/a para com as crianças. A maneira como o/a educador/a fala, se exprime vai constituir um modelo linguístico permitindo uma interação e conseqüente aprendizagem das crianças. Os questionamentos e reformulações por parte do profissional de educação contribuem na expansão do vocabulário e o conseqüente domínio no que toca a construir frases mais complexas (Lopes da Silva et al., 2016).

Horta, (2016) com base em Reyes Santana (2013) realça a importância da existência de um conjunto de qualidades que o/a educador/a deve possuir para que exista uma “comunicação afetiva” e, uma coerência entre a linguagem verbal e não-verbal. Segundo a análise e perspectiva da autora, a **clareza** do/a educador/a consiste na maneira como se deve exprimir, de forma clara e direta e de forma articulada proporcionando modelos corretos; o/a educador/a deve ter também a competência de **integridade**, ou seja,

evitar quaisquer barreiras e interferências com o grupo de crianças na forma como comunica seja através da oralidade ou escrita; o **equilíbrio**, onde o/a educador/a deve fazer-se acompanhar de uma intencionalidade educativa com o objetivo de servir de suporte no desenvolvimento da linguagem; a existência de **moderação**, observar o grupo e moderar a intervenção de acordo com os interesses e necessidades do grupo que proporciona um eficácia na comunicação; **difusão**, pois deve existir uma preocupação por parte do profissional de educação se todas as crianças estão interessadas, motivadas no que toca à sua comunicação e por fim, a **avaliação**, no sentido de que o/a educador/a deve estar constantemente a avaliar o seu desempenho enquanto facilitador do desenvolvimento da linguagem e evoluir no decorrer da profissão (Horta, 2016).

Segundo Rigolet (2006) “O educador deve estar atento ao facto de a criança ouvir bem ou não e ainda se discrimina corretamente os sons próximos” (p.159), uma outra estratégia é “verificar se a criança tem, ou não, uma boa estruturação espaço-temporal a partir de histórias a sequenciar, por exemplo, e ainda no relato de acontecimentos” (p.159).

São várias as estratégias que podem ser utilizadas pelo profissional de educação no que toca à promoção de um bom ambiente de desenvolvimento linguístico. No desenvolvimento da consciência lexical, nos primeiros anos em contexto escolar, as melhores estratégias que o/a educador/a pode adotar estão relacionados com construir atividades lúdicas e interativas, mas que na verdade, estão a estimular a concentração na forma fónica das palavras, na sua forma ortográfica, estrutura interna, na adaptação que o contexto impõe e no seu significado. Momentos de aprendizagem como estes, despertam o interesse e curiosidade por parte das crianças, no sentido de quererem saber mais acerca das palavras e promover ao mesmo tempo, estratégias autónomas relativamente à aprendizagem de palavras novas (Duarte, 2011).

Lopes da Silva et al. (2016) exemplificaram algumas estratégias nas OCEPE:

- Proporciona jogos que promovem o desenvolvimento da linguagem (identificação de sons, vocabulário, mensagens);
- Conta histórias, promove conversas sobre as mesmas, cria oportunidades para as crianças contarem ou criarem as suas próprias histórias;
- Promove, no quotidiano, oportunidades de comunicação criança-adulto e criança-criança, tanto em momentos informais como mais estruturados (refeições, recreios, atividades na sala, comunicação em grande ou pequeno grupo);

- Incentiva cada criança a expor as suas ideias e experiências, dando-lhe suporte para o fazer de modo cada vez mais elaborado, considerando as especificidades de cada uma (crianças com dificuldades de linguagem ou cuja língua materna não é o português, etc.);
- Utiliza e promove o uso de linguagem ajustada a funções específicas (formulações de uma pergunta, de uma narrativa, de um poema, de uma ordem) etc. (p.63).

Também Duarte (2011) exemplifica algumas atividades que o/a educador/a pode realizar com o grupo de criança, “Memorização e produção de trava-línguas e lengalengas (...) Actividades de reconhecimento e uso contextualizado de compostos (...) Actividades de associação de palavras (e.g., sinónimos, antónimos, hiperónimos, hipónimos, holónimos, merónimos) (...), etc.” (p.25). Estes são apenas alguns exemplos do que o profissional de educação pode explorar com o grupo de crianças e, à medida que o/a educador/a de infância vai conhecendo o grupo, as estratégias vão sendo adaptadas de acordo com os interesses e necessidades.

Quanto mais estimulante for o ambiente linguístico em que a criança está inserida e as vivências, mais desafios são colocados ao aprendiz de falante. Contribuindo no aumento de desenvolvimento cognitivo, linguístico e emocional sendo que, /a educador/a tem um papel essencial na criação desse ambiente estimulante (Sim-Sim, et al., 2008).

1.3. Brincadeira livre

O conceito de brincadeira livre é mais complexo do que aparenta, pelo que, iniciar a sua compreensão pelo brincar é uma estratégia adotada por diversos autores. O brincar é definido através de diversos argumentos e justificações descritivas do que é realmente o brincar, sendo referido também que fazer essa definição é uma tarefa difícil no sentido de que deriva de diversas perspetivas e, depende do objetivo pretendido. O brincar pode ser visto, muitas vezes, como uma atividade lúdica, tendo como principal objetivo proporcionar momentos de alegria e bem-estar às crianças, onde por vezes todas as aprendizagens resultantes desses momentos são desvalorizadas (Pedroso, 2015).

Ao longo dos anos, a investigação científica tem vindo a demonstrar que o comportamento de brincar, durante os primeiros anos de vida de uma criança tem muitas vantagens no seu desenvolvimento humano, entre as quais se destacam: a promoção da linguagem e da literacia; a capacidade de adaptação física e motora; a resolução de problemas e a estruturação cognitiva; a socialização e, por fim, a construção da imagem

de si próprio, a nível criativo e controlo emocional (Neto & Lopes, 2017). É também nesse sentido que vários autores se dedicam ao estudo do brincar. Lopes da Silva et al. (2016) definem o brincar como “Atividade espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração” (p.105).

Um fator importante na compreensão do que é realmente o brincar na infância está relacionado com a observação e Ferreira (2010), citado por Martins & Neves (2020) referem que:

(...) ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito, relacionadas à formação pessoal e social, à expressão e comunicação e ao conhecimento do mundo. Dessa forma, os momentos de brincadeiras permitem, também, ao educador, observar o desenvolvimento das mesmas em todos os níveis, por isso ele deve estar extremamente atento às mesmas, uma vez que poderá existir a ideia errada de que, pelo fato do brincar ser livre e depender da criança, não demanda observação, registo e nem planeamento (p.122).

É no decorrer dessa brincadeira que a criança se expressa, interage, aprende a lidar com o mundo que a rodeia e começa a moldar a sua personalidade, recria também situações que observa no seu quotidiano e expressa-se. Os pontos referidos anteriormente permitem que se compreenda a importância do brincar, mais concretamente, como forma de se expressar e desenvolver as capacidades de criação, de se relacionar e interagir com o que a rodeia. Esse ato de brincar pode ser conduzido independentemente do tempo, espaço e objetos, isto porque, as crianças têm uma grande capacidade de utilizar a sua imaginação (Lira & Rubio, 2014).

Sousa (2015) refere que “(...) a criatividade está presente no dia-a-dia da criança e principalmente quando estas brincam de forma livre, pois nestes momentos as crianças podem imaginar cenários, criar situações e reinventar episódios” (p.11). Aliado a tudo isto, é importante considerar que o brincar é tão natural como as outras necessidades, tal como afirma Pedrosa (2019) “Brincar está tão presente no dia a dia das crianças que é

uma ação que faz parte delas, é tão natural como as necessidades fisiológicas; brincar é fundamental para o desenvolvimento integral da criança” (p.16).

Para complementar esse desenvolvimento das crianças, a brincadeira deve também estar inserida no contexto educativo cujo objetivo deve servir de suporte no processo de aprendizagem (Lira & Rubio, 2014). O contexto educativo onde a criança está inserida é essencial, Hohmann e Weikart (1995), como citados por Ferreira (2015) referem que “É importante salientar ainda, para que haja um ambiente favorável para estas brincadeiras livres, é necessário que o ‘espaço e os materiais estejam à disposição da criança e das suas brincadeiras’” (p.12). Assim como o espaço e os materiais devem estar à disposição das brincadeiras e para que sejam livres, numa sala de pré-escolar é necessário disposição por parte da equipa educativa e, tempo para esses momentos de brincadeira livre ou atividades que estimulem o grupo de crianças (Sousa, 2015).

A brincadeira pode ser distinguida em dois tipos, a livre e a estruturada. Sendo que, na brincadeira livre a criança toma as suas decisões de forma livre no que pretende brincar e quais os materiais que quer explorar sem recorrer ao/à educador/a de infância, enquanto, na brincadeira estruturada é o profissional de educação que estrutura e orienta o momento. A brincadeira livre pode ser ainda caracterizada por um período de tempo em que a criança decide e escolhe com quem quer brincar, interage com pares, seja com crianças ou adultos através das mais variadas brincadeiras e exploração do espaço que se encontra, dos objetos e brinquedos disponíveis. Ao longo desse tempo de brincadeira livre são várias as competências que estão a ser desenvolvidas (Ferreira, 2020; Silva, 2010).

Um outro autor, Hanscom (2018), como citado por Ferreira (2020), caracteriza a brincadeira como:

(...) ‘uma das oportunidades educativas mais valiosas’ (...) pois as crianças têm liberdade de se expressarem sem restrições sendo que o/a educador/a deverá assumir o papel fundamental de saber quando e como pode intervir, quer como elemento ‘enriquecedor’ da brincadeira ou como mediador de conflitos que possam surgir (p.20).

É no seguimento da possibilidade de as crianças criarem atividades inovadoras que a equipa educativa deve proporcionar esses momentos, de forma que possam

expressar os seus valores, ideias, criatividade, imaginação e representem assim o que são e acreditam, dando essa liberdade de se expressarem livremente evitando consequências na formação da sua personalidade (Silva, 2010). Ferland (2006) como citado por Sousa (2015) defende ainda que “Na brincadeira livre, as crianças tomam decisões sobre o que querem fazer e quais os brinquedos ou materiais que querem utilizar” (p.13).

A brincadeira livre passou a ser encarada como importante, mas também, como uma componente essencial no desenvolvimento da criança, desde o social, intelectual, criativo e pessoal. Se for aliada ao brincar ao ar livre, a criança terá contacto com novas experiências e, algumas delas impossíveis de realizar em contexto de sala. É através dessas atividades ao ar livre, seja através de brincar com a terra, correr, saltar ou até mesmo observar um pássaro que a criança desvenda a natureza (Ferreira, 2015; Silva, 2015).

1.3.1. A importância do espaço exterior

O espaço exterior é uma área com diversas potencialidades e é um dos espaços mais eleitos pelas crianças no que toca ao brincar e, segundo Lopes da Silva et al. (2016) “O espaço exterior é igualmente um espaço educativo pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior” (p.27). Quando as crianças têm a oportunidade de ir para o espaço exterior, o interesse e entusiasmo que demonstram por brincarem ao ar livre é visivelmente notório (Duarte, 2015).

Esse espaço é encarado como o local preferencial pelas crianças, devido à liberdade que lhes é dada e sentem que ao explorar esse espaço, principalmente nos dias de hoje, onde as horas que as crianças passam dentro de quatro paredes aumentou substancialmente. O brincar foi sujeito a alterações e evoluções, pois apesar das crianças ainda brincarem fazem-no de forma diferente devido ao aparecimento das novas tecnologias, assim como, a institucionalização dos tempos livres e a consequente falta de contacto com a natureza, como consequência de um aumento da inexistência de espaços livres para brincar associado depois a uma diminuição de autonomia de mobilidade. Estes são apenas alguns dos constrangimentos atuais, consistindo na redução de acesso ao jogo livre (Duarte, 2015; Neto & Lopes, 2017).

No decorrer das mudanças e evoluções que têm ocorrido ao longo dos anos, existiu uma maior dedicação à investigação sobre a importância do espaço exterior e os

seus benefícios no desenvolvimento das crianças. O brincar no exterior tem enormes benefícios no que toca ao desenvolvimento da criança, desde as suas habilidades motoras às sociais. Esse contacto com o exterior contribui numa relação positiva com a natureza, permitindo que esta construa uma outra percepção da sua importância (Duarte, 2015).

Como foi referido anteriormente, o espaço exterior tem uma grande importância no desenvolvimento da criança em todos os níveis, nomeadamente no desenvolvimento pessoal (autonomia, autoestima, autocontrolo); social (cooperação, linguagem, percepção e consciência do outro) que resulta da interação de pares; emocional e afetivo (aceitação do outro, gestão de conflito e stress, compreensão); a nível estético; físico (desenvolvimento motor, consciência do seu corpo, do espaço que o rodeia); e por fim, cognitivo (imaginação, criatividade, pensamento crítico, investigativo do que o rodeia) (Libânio & Linhares, 2020).

Esse espaço educativo deve ser encarado como um prolongamento do que é realizado no interior da instituição e Duarte (2015) argumenta que “O espaço exterior deve ser um prolongamento do espaço interior, na medida em que promove uma continuidade da ação educativa” (p.21). A continuidade do espaço exterior com o interior pode ser associada a um conjunto de aprendizagens importantes para a criança, que passa por diversas fases, tais como, a exploração do espaço, descoberta, recordação do que experienciou, expressão, aplicação e por fim, transferência (Neto, 2020). Se as atividades que se realizam no interior, são levadas para o exterior pelo/a educador/a e crianças, comprova que esse espaço educativo tem as características e potencialidades que permitem um enriquecimento das oportunidades e, diversificação no que exploram (Lopes da Silva et al., 2016).

Para que esse espaço seja rico tem que existir um cuidado na organização, cujos alicerces devem partir de uma intencionalidade educativa com base nos interesses e necessidades do grupo de crianças, adequando assim o espaço às atividades exploratórias. Posto isto, o espaço exterior é um espaço em constante mudança no decorrer do ano, acompanhando o desenvolvimento das crianças, resultando num local propício à ocorrência de aprendizagens significativas (Duarte, 2015).

Segundo alguns modelos pedagógicos tais como o modelo Reggio Emilia, esse espaço educativo pode ser considerado com um “terceiro educador”. Duarte, (2015) defende que “(...) o ambiente físico é considerado como ‘terceiro educador’ devido à

importância dada à utilização dos espaços, e às funções educativas que daí podem advir” (p.27). O espaço é também valorizado pelo seu poder de criar momentos que contribuem na construção de relações agradáveis com o adulto presente e outras crianças mesmo que de diferentes idades, contribui também na criação de um ambiente atrativo e adaptativo (Inácio, 2019).

O facto desse espaço ter múltiplas funções exige do/a educador/a de infância uma reflexão sobre as potencialidades que o espaço tem a oferecer e, que a sua organização seja detalhadamente e cuidadosamente idealizada, em especial no que se refere à qualidade, acessos aos materiais e segurança (Lopes da Silva et al., 2016).

1.3.2.A criança na natureza

Os ambientes naturais e materiais permitem as crianças conhecerem-se e descobrir as suas personalidades, permitem também uma maior liberdade na construção de competências. Esses ambientes permitem o contacto com estímulos mais ricos e completos, permitindo que o seu desenvolvimento seja mais saudável e integral, contribuindo num melhor conhecimento de si mesma, o outro, do seu meio e as suas relações (Fonsechi (s.d); Napoleão, 2019).

Esse contacto direto com a natureza contribui para o melhor o conhecimento do mundo que as rodeia, autoconsciência e também, aprendizagens sobre a preservação do meio ambiente (Martins & Neves, 2020).

A exploração da natureza e dos seus elementos têm diversos benefícios no desenvolvimento da criança. Existem evidências de que a exposição das crianças a ambientes naturais promove a criatividade, estimulação no desenvolvimento motor, capacidade de concentração e resolução de problemas e, promove também uma evolução nas decisões relacionadas com o ambiente. Esse contato com a natureza permite também uma maior expansão no conhecimento do mundo que a rodeia e dos diferentes sistemas, contribuindo na construção de aprendizagens com base nas suas experiências com o meio natural. A natureza promove o contacto com outros seres vivos e elementos da natureza, que leva a uma observação por parte das crianças, pois são naturalmente curiosas. Essas experiências estimulantes proporcionam momentos de reflexão, compreensão e conhecimento (Bento & Portugal, 2016; Lopes da Silva, et al. 2016; Napoleão, 2019).

A natureza permite que as crianças se aventurem, através de diversos desafios sejam eles estéticos ou físicos, seja o contato com a lama, a areia e as diferentes texturas e formatos dos elementos que caracterizam a paisagem natural. As cores das diversas plantas e flores, os cheiros, cores, diferentes pesos do que exploram, os animais que habitam esse espaço e do que se alimenta, assim como a diversidade de insetos e os seus ruídos muito peculiares, o contato com as raízes das árvores, o seu tronco, folhas e caules (Martins & Neves, 2020).

A brincadeira com esses elementos da natureza cria momentos únicos às crianças que marcam para sempre a sua memória como momentos de prazer e liberdade e, a infância é caracterizada por um conjunto dessas memórias que foram marcas por essas experiências na natureza (Neto & Lopes, 2017). Bilton et al. (2017), como citado por Ferreira (2020) afirmam que “(...) as crianças brincarem com paus, pedras, saltar poças, lançar rochas, são brincadeiras que lhes fornecem informações importantes e lhes garantem uma melhor noção do seu corpo e dos seus limites, promovendo a autoestima e a confiança” (p.29).

As crianças aprendem também a conhecer os perigos que existem na natureza, assim como, aprendem a lidar com eles e a avaliar o ambiente que as rodeia (Ferreira, 2020). Esses momentos não só são produtivos como pacificadores e benéficos para a saúde das crianças. Um ambiente com vegetação e elementos naturais contribui para um aumento de concentração, autocontrole, acalma as crianças e faz com que haja uma queda na produção da hormona do cortisol (hormona associada ao stress) e a produção de anticorpos (Fonsechi, s.d.).

1.4.A brincadeira livre e o desenvolvimento linguístico

Como já foi abordado em pontos anteriores, mais concretamente no ponto *1.1. (Aquisição e Desenvolvimento Linguístico)*, o meio onde a criança está inserida contribui no desenvolvimento linguístico. Pelo que, no decorrer e das últimas décadas têm sido realizadas investigações no campo das ciências da cognição, nomeadamente da linguística e da psicologia experimental, esclarecendo que o crescimento linguístico apesar de ter a sua predisposição genética necessita das influências do meio, em especial, em contexto educativo. Esse meio fornece às crianças as ferramentas necessárias na estimulação da linguagem, assim como, na promoção de momentos de brincadeira livre, pois através desses momentos de brincadeira a criança está a retirar diversas experiências

significativas no que toca ao relacionar-se com os outros e, na comunicação com o que a rodeia (Fonsechi, s.d; Sim-Sim, 1997).

Para passar por essa brincadeira livre, as crianças sentem a necessidade de utilizar palavras para descrever o que observam e sentem, como por exemplo, falar sobre os estados de água, estações do ano, volumes, etc. Esse contacto com a natureza facilita e estimula o desenvolvimento da linguagem e o pensamento divergente das crianças. (Bento & Portugal, 2016).

O facto de as crianças serem naturalmente curiosas permite que sejam realizadas investigações e descobertas enquanto brincam e exploram. A natureza tem um efeito terapêutico, pois estimula todos os sentidos e ajuda numa boa integração sensorial, sendo que o termo é utilizado para caracterizar a organização e interpretação da informação proveniente do exterior, no que toca aos sentidos, como o equilíbrio, gravidade, posição do corpo, movimento, toque, cheiro, paladar, visão e audição (Martins & Neves, 2020; Serrano, 2016).

Quando a criança está a explorar algo, desde o tocar, ouvir, saborear, ver, cheirar ou enquanto se movimenta está a discriminar essa sensação construindo um significado, traços muito específicos, atribuindo assim uma experiência afetiva. Assim como a criança está a atribuir um significado com determinada experiência, elemento da natureza, também esse momento está a contribuir na atribuição de um significado, atributo que posteriormente irá gerar uma palavra, um novo vocábulo, estimulando o desenvolvimento semântico. Ambos os processos fazem parte de uma experiência afetiva para a criança e essas informações ficam guardadas nos seus “ficheiros” cerebrais, para mais tarde formar aprendizagens cada vez mais complexas (Cardoso, 2018; Serrano, 2016; Sim-Sim, 1998). Esses momentos podem ser acompanhados por atividades sensoriais, como referem, Martins e Neves (2020) “criam oportunidades para a construção do conhecimento, baseado na experiência própria da criança, acreditando que as crianças são aprendizes ativos” (p. 124).

Martins e Neves (2020) referem que:

Através desse contato, é possível desenvolver as diferentes estimulações de sentidos, como por exemplo: [...] o olfato, tato, paladar, visão e audição, o contacto com os quatro elementos da natureza - terra, fogo, água e ar, a

aproximação com a fauna e a flora local, a exploração das capacidades e habilidades motoras (subir em árvores, cavando, escalando, correndo, etc.), exercícios para a autonomia, socialização (p. 123).

No decorrer dessa socialização, ou seja, interação com crianças, objetos, relação ou entre pares a criança está a receber cada vez mais informação, seja a nível de conhecimento do mundo, novas palavras, entre outros aspetos. Informações essas, que são encaminhadas para zonas específicas no cérebro permitindo que se relacionem com informações anteriores e que façam sentido. As funções comunicativas vão-se estruturando à medida que ocorre esse contacto, interação e através das experiências vividas (Serrano, 2016; Silva et al., 2016).

Quando as crianças estão realmente integradas, têm prazer, liberdade e gostam do que estão a realizar e a sua aprendizagem acontece de forma muito mais rápida, ativa e com maior rendimento, no entanto, é necessário criar esse ambiente no espaço envolvente para que esse conhecimento seja estimulado. Aliado a isso, o desenvolvimento da linguagem deve acontecer através de uma aprendizagem ativa, ou seja, sempre que possível ligada a uma experiência direta e com isso, construído um momento rico em aprendizagens e estímulos.

Posto isto, o/a educador/a de infância como promotor/a de aprendizagens e aquisições de competências, deve permitir que a criança faça as suas próprias descobertas. Ao ser dada a liberdade de explorar os materiais que tem à sua disposição e brincar de forma livre, a criança vai expressar-se através de gestos, atitudes e palavras do que a marcou durante esse momento de descoberta. Pelo que, a brincadeira livre deve ser encarada como um momento importante e fundamental no desenvolvimento integral da criança (Martins & Neves, 2020; Rigolet, 2016; Rolim, et al., 2008).

Capítulo II – Metodologia

O capítulo II destina-se à apresentação da metodologia desenvolvida no presente estudo, começando pela contextualização da investigação; questão de investigação; objetivos de investigação; participantes; opções metodológicas; técnicas e métodos de recolha de dados.

2.1. Contextualização da investigação

A investigação apresenta-se como um estudo realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), em contexto de jardim-de-infância numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) do distrito de Faro, caracterizada por um grande espaço exterior cujo Projeto Educativo está direcionado para o desenvolvimento das crianças na natureza.

A PES realizou-se em duas partes como consequência da situação pandémica, sendo que, a primeira parte decorreu entre novembro de 2020 e janeiro de 2021 e, a segunda e última parte em contexto virtual, de fevereiro a março de 2021.

O método de recolha de dados foi sujeito a alterações, onde inicialmente iria ser realizado através de atividades orientadas às crianças. Contudo, devido a situação pandémica, esse método de recolha e objetivos foram alterados para entrevistas semiestruturadas a um grupo de educadoras da instituição, cujo guião se encontra nos apêndices (Apêndice I).

2.2. Questão de investigação

A questão de investigação define-se como “Qual a perceção de um grupo de educadoras de infância sobre a influência da exploração ativa dos elementos da natureza no desenvolvimento léxico-semântico?”

2.3. Objetivos de investigação

Partindo da questão de investigação e da revisão da literatura efetuada, foram delineados os seguintes objetivos:

- Perceber qual a perspetiva das educadoras de infância na promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza;
- Perceber quais as perceções e conhecer as práticas das educadoras de infância na área da linguagem e exploração dos elementos da natureza com as crianças.

2.4. Participantes

Os participantes da investigação correspondem a um grupo de sete educadoras de infância cuja maioria detém o grau de mestre, de uma IPSS do distrito de Faro. Inicialmente foram contactadas onze educadoras, contudo, apenas sete participaram nas entrevistas semiestruturadas em contexto educativo, que se realizaram através de marcações presenciais, cujo momento foi recolhido através de uma gravação áudio devidamente autorizada no início da entrevista (Apêndice II).

2.5. Opções metodológicas

A metodologia utilizada na presente investigação teve em consideração a questão de investigação e os seus objetivos, pelo que, se adequava a investigação com carácter qualitativo. Amado (2014) refere que:

(...) central nesta investigação é a compreensão das intenções e significações – crenças, opiniões, perceções, representações, perspectivas, conceções, etc. – que os seres humanos colocam nas suas próprias ações, em relação com os outros e com os contextos *em que* e *com que* interagem (p.40-41).

Neste sentido, a investigação surgiu a partir de momentos presenciais com as educadoras no decorrer de entrevistas, cujo objetivo principal foi o de conhecer a perceção das mesmas sobre o tema em estudo. Para que esse momento fosse possível, foi necessário a construção de um guião.

O processo de investigação teve como base um carácter interativo, ou seja, através de uma relação entre as diversas partes constituintes de uma investigação qualitativa desde, o modelo teórico, estratégias na pesquisa de informação, os métodos de recolha e análise de informação, avaliação e apresentação dos resultados (Aires, 2011).

Na compreensão dos dados recolhidos foi considerada a perspectiva das educadoras de infância, conhecimento e eventual sensibilidade, sendo assim, a base de toda a investigação através de diversas estratégias de proximidade durante o momento da entrevista.

2.5.1. Técnicas e métodos de recolha de dados

Realizada a contextualização, questão de investigação, objetivos, participantes e opções metodológicas surge o ponto referente às técnicas e métodos de recolha de dados da investigação.

As técnicas e métodos de recolha correspondem a uma entrevista semiestruturada caracterizada por 27 perguntas, cuja recolha contou com a transcrição da gravação de áudio recolhida durante o momento da entrevista (Apêndice III a IX)

Entrevista Semiestruturada

A utilização desta técnica permite compreender o ponto de vista dos entrevistados sobre determinado tema, neste caso em concreto, a perspetiva de um grupo de educadoras de infância sobre o desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza, sendo que, esta técnica é considerada como uma das técnicas mais comuns e imprescindíveis em estudos e na compreensão do ser humano. A entrevista é também encarada como um intercâmbio com diversos pontos de vista, entre duas pessoas ou mais, sobre um determinado tópico em estudo e de interesse mútuo, onde a interação humana é analisada para a produção de conhecimento e a situação social dos dados de pesquisa enfatizada (Aires, 2011; Cohen et al., 2007).

Bogdan e Biklen (1994) sublinham, por isso mesmo que “(...) a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p.134).

Neste caso em particular, a entrevista utilizada foi de cariz semiestruturado com um guião previamente estruturado que contou com cinco blocos. O guião construído e utilizado ao longo das entrevistas, foi delineado com base nos pressupostos teóricos da dissertação.

Para que uma entrevista tenha sucesso, é importante que exista uma relação entre entrevistador e entrevistado que permita uma conversa em que sejam abordadas as opiniões e sejam apresentados os pontos de vista, livremente (Bogdan & Biklen, 1994). Um outro autor, Oppenheim (1992) como citado por Cohen et al. (2007) refere que “As entrevistas têm uma maior taxa de resposta do que os questionários porque os entrevistados tornam-se mais envolvidos e, portanto, motivados” (p.352).

Por fim, Bogdan e Biklen (1994) defendem que:

As entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação. Algumas, embora relativamente abertas, centram-se em tópicos determinados ou podem ser guiadas para questões gerais (Méton & Kendall, 1946). Mesmo quando utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude de temas considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo (p.135).

As questões utilizadas ao longo da entrevista seguiram um fio condutor, tendo como objetivo construir um momento didático e rico em informação. A linguagem utilizada permitiu que a sua compreensão fosse fácil, assim como, acessível a todas as entrevistadas. A posterior análise qualitativa dos dados recolhidos nas entrevistas passou por uma outra fase, onde inicialmente se procedeu a uma transcrição na íntegra das entrevistas (apêndice III a IX), e de seguida, uma seleção de pontos-chave do estudo e, por fim, a respetiva discussão dos dados recolhidos na investigação.

As questões apresentadas foram alvo de uma reflexão acerca da sua importância e relevância no estudo. Para que uma entrevista contenha por bons resultados é necessária a construção de um bom ambiente de comunicação, pelo que, o Bloco B teve como objetivo conhecer as educadoras de infância e, permitir que se sentissem mais à vontade durante toda a reunião, pelo que, não foi alvo de análise de dados mas sim, de preparação de um ambiente favorável na recolha de dados.

Das vinte e sete questões que constituem o guião de entrevista, apenas catorze foram selecionadas para uma análise mais profunda. As restantes questões encontram-se apresentadas em apêndice, assim como, a respetiva transcrição global.

O quadro (2.1) que se apresenta na página seguinte tem como objetivo apresentar o guião de entrevista, assim como, as questões selecionados para alvo de análise detalhada e assim, permitir uma melhor compreensão na sua leitura e análise.

Categoria	Questões
<p>Bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no de desenvolvimento da linguagem? – Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento? – Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo? – Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?
<p>Bloco D- Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza</p>	<ul style="list-style-type: none"> – O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza? – Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza? – Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças? – O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?
<p>Bloco E- Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da, linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza? – Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma? – Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida? – Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma? – Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê? – Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso académico das crianças?

Quadro 2.1 - Categorias e questões para análise de dados das entrevistas aplicadas às educadoras de infância.

Capítulo III – Análise dos Resultados

3.1. Resultados

Os dados recolhidos durante a fase de entrevistas às educadoras de infância serão apresentados ao longo deste capítulo, assim como, a sua discussão e análise de resultados. A organização utilizada no presente capítulo facilita a sua leitura e compreensão.

A apresentação e discussão de resultados está organizada de acordo com o bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento; bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza e por fim, o bloco E - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza, com as respetivas entrevistadas: Educadora 1 (E1), Educadora 2 (E2), Educadora 3 (E3), Educadora 4 (E4), Educadora 5 (E5), Educadora 6 (E6), Educadora 7 (E7).

O bloco C - **Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento**, está caracterizado com diversas questões-chave, tais como, “Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?”. Na primeira questão as educadoras demonstraram ter consciência da importância do seu papel no desenvolvimento, referindo serem modelos para as crianças e promotoras desse desenvolvimento. A E1 afirmou que “(...) *Como nós falamos com eles e para eles é muito importante. E isso é uma coisa que nós temos que ter muita atenção porque eles absorvem tudo, são esponjas, eles são mesmo esponjas. (...) Agora claro que nós somos os modelos deles, ponto, e é aí que temos que ter muita atenção como é que falamos, o que é que dizemos (...)*”. Também a E2 afirmou que “*Somos uma referência, eles aprendem connosco. tudo o que fazemos, eles são esponjinhas que vão absorver, portanto, somos muito importantes.*”. A E3 reforçou também a ideia “*Toda a importância, acho que nós que trabalhamos na parte da primeira infância somos os maiores promotores do desenvolvimento da criança e, quem diz da linguagem diz tudo o resto do desenvolvimento holístico da criança (...)*”.

No geral as educadoras partilharam todas a mesma opinião, como por exemplo a E4 “*A linguagem é muito importante e é a partir dela que comunicamos e, temos uma grande responsabilidade (...)*”, E5 “*Eu acho a linguagem o ponto principal para tudo (...)* *É fundamental para haver um bom trabalho, empatia, bom relacionamento (...)*”. A E6 reforçou ainda que “*O nosso papel é muito importante, em todas as áreas no desenvolvimento da criança (...)*”. Por fim, a E7 sublinhou que “*(...) o meu papel é*

sempre estimular, aproveitar tudo aquilo que eles dizem, todas as situações para poder ajudá-los no desenvolvimento do vocabulário, na aquisição de novo vocabulário (...)”.

Relativamente à segunda questão selecionada “Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?”, o grupo de educadoras revelou estar muito atenta a este tópico em sala, através do aprofundamento da importância da rotina na construção de competências na área da linguagem, a E4 reforça um ponto essencial *“Pensamos que quando estamos envolvidos na rotina que eles não estão a aprender algo, muito pelo contrário, ainda mais atentos de quando são atividades orientadas. As atividades de rotina fazem com que estejam mais atentos e percebam, é nesses momentos que eles aprendem mais com a linguagem (...)*”.

No seguimento dessa afirmação surge a E1 que refere que *“(...) a parte da rotina principalmente, a parte onde nos conversamos, aquele bocado em que nós falamos sinto que cada vez mais eles querem intervir, contar o que fizeram que não fizeram, ou seja, eles são muito participativos (...)*”, reforçando a mesma opinião a E2 defende que *“(...) eles aprendem a fazer quando estão envolvidos, portanto, todas as experiências/atividades/momentos propostos por nós vão ser essenciais para essas aprendizagens e para o desenvolvimento da oralidade e aprendizagem da abordagem à escrita.”*

Como referido anteriormente, as educadoras revelaram sensibilidade e atenção às dinâmicas vivenciadas e, a E3 exemplifica alguns desses momentos *“(...) a partir do momento em que nós criamos uma rotina, em que nós verbalizamos, cantamos o bom dia, fazemos histórias no tapete da manhã, partilhamos novidades acho que tudo isso envolve a linguagem (...)*”. Existem também outros momentos do dia-a-dia importantes, tais como, refere a E6 *“(...) através do momento do dia a dia, como mudar uma fralda, falarmos com eles, explicarmos o que vai acontecer, por exemplo, no dia-a-dia o momento do tapete é muito importante... Eu todos os dias faço o momento do tapete porque explico o que estamos a fazer, o que é vamos fazer e dou-lhes a oportunidade para que eles também falem um bocado sobre as suas novidades, sobre o que querem fazer (...)*”. A E5 refere também que *“(...) as histórias que acho que são fundamentais para desenvolver a linguagem, eles não percebem o que estamos a dizer, mas a*

curiosidade que têm, o espantar, e estarmos a falar sobre o que aconteceu... Desde pequenos que vão ganhando as competências e capacidades para o nível a seguir (...)”.

A E7 refere ainda um ponto muito importante “*(...) a curiosidade natural deles, as descobertas que eles fazem, as questões, é estar atenta... É uma escuta ativa, sim. Ouvi-los, saber, questionar, tentar saber um bocadinho mais, puxar por eles também, pelo potencial deles (...)*”.

Na terceira questão, do bloco **Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento**, na questão “Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?”, as educadoras revelaram compreender a relação entre o desenvolvimento da linguagem com o desenvolvimento da criança, num todo. Referiram que a linguagem vai influenciar também a autonomia das crianças no dia-a-dia, a sua autoestima, sublinhando também que a existência de um possível atraso na linguagem irá influenciar a aquisição de competências e aprendizagens no futuro, no sentido de não conseguirem interpretar o que os rodeia, assim como, a referência à criança como um ser holístico.

A E1 referiu que “*(...) A parte da linguagem é bastante importante até para a autonomia deles (...)*”, um outro ponto também referido pela E2 “*(...) todas as aquisições que eles realizem agora na linguagem, todo o campo lexical, na abordagem à escrita. Tudo o que nós começarmos agora vai ter influência não só no presente, mas como no futuro.*”. A E3 apresentou uma outra perspetiva “*(...) a partir do momento que haja realmente ou possa haver um atraso na linguagem vai afetar todos os outros campos, porque nós sabemos que a compreensão antecede a produção... Acho que isso vai influenciar todos os outros meios, todos os outros conteúdos, áreas do saber, de desenvolvimento. É holístico, tudo acontece de forma natural e integrado.*”. A E4 apresentou uma outra perspetiva dentro do mesmo registo “*Quando compreendemos o que eles disseram sentem-se concretizados, ou seja, isso dá-lhes capacidades... por exemplo "ok, ela percebeu-me. Não tenho que ter receio no que faço, se ela me compreendeu quer dizer que as outras pessoas também me vão compreender", e isso dá mais confiança à criança, porque ao ter essa confiança consegue ultrapassar todos os obstáculos que possam vir (...)*”. A E5 sublinha que “*(...) o comunicar diariamente vai contribuir para alguma coisa no futuro, onde vão desenvolver mais vocabulário (...)*”. A criança é referido como um ser holístico, pela E6 “*A criança é um ser holístico e*

desenvolve-se num tudo e, se o desenvolvimento da linguagem não for desenvolvido, vai haver digamos.... não é problemas, mas vai haver atrasos nas outras áreas de saber (...)”.

Por fim, a E7 argumenta que *“Uma criança que tenha um bom vocabulário, que conheça muitas palavras, compreenda o que está a ser pedido tem muito mais facilidade em todas as aprendizagens sem dúvida nenhuma, portanto é fundamental para todo o desenvolvimento (...)*”.

A última questão seleccionada do bloco, *“Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc....), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?”*. As educadoras demonstraram saber qual a sua importância e quais os mecanismos existentes por detrás deste desenvolvimento. A consciência acerca de todos os processos importantes no desenvolvimento lexical é bastante evidente, apesar de nem todas as educadoras estarem em contexto de pré-escolar, foi visível a importância que depositam.

A E1 à última questão argumenta que *“(...) Um meio social onde temos crianças que têm várias vivências, que têm as famílias completamente diferentes e aí está (...) O contar o fim de semana que é uma coisa muito simples "onde fui no fim de semana", ou, "o que é que a minha avó fez", ou "como é que a minha avó fez", por exemplo o pão... Isto tudo são vivências que depois eles transportam para o grande grupo ou pequenos grupos e isso faz com que eles desenvolvam outro tipo de linguagem que não tinham, porque não conheciam... (...)”*, também a E2 reconhece que *“(...) eles precisam de atribuir um significado e que tendo esse conhecimento da área envolvente, atribuindo esse significado às palavras conseguimos trabalhar... as vivências são essenciais para as suas aquisições e, tendo um leque tão grande de vivências e de experiências, isso irá contribuir, pelo que, é muito importante”*.

A E3 respondeu: *“(...) O facto de eles já comunicarem uns com os outros e, muitas vezes utilizarem palavras também desconhecidas, ou, lá está, trazer uma história que tenha uma palavra diferente... Muitas vezes eles têm aqueles objetos da cozinha que são de plástico e nem sempre conseguem identificar, porque já não têm cor... devolver a questão (...)”*. É referido uma outra perspectiva através da E4 *“(...) Também na rua*

questionam o que se passa à volta deles... faz sentido... é necessário a criança trazer uma vivência de fora para crescer e neste caso, no desenvolvimento da linguagem”.

Relativamente à questão colocada a E5 revelou que “(...) *Como não tenho muita experiência não consigo “ver”, mas quando as tiver saberei o que fazer nesse sentido, claro que ganhamos experiência com outras pessoas e no decorrer do tempo... tentar mostrar à criança que não está mal, mas que tem capacidades para procurar outras palavras com o mesmo significado*”. Contudo, a E6 argumentou que “*Vai contribuir no sentido de que tudo o que os rodeia é importante eles saberem... o facto de nós proporcionarmos esses momentos e terem o gosto por querer saber mais, e aprender mais é bom para eles porque vão ter esse gostinho, interesse e nós vamos explorar ainda mais com eles e, é bom porque vai desenvolver a linguagem (...)*”. Assim como, a E7 defendeu “*Tudo aquilo que eles trazem é importante... e depois puxam uns pelos outros e desenvolvem-se uns com os outros também, isso é muito importante... são as crianças que trazem palavras novas para a sala e trazem as suas vivências que depois são partilhadas com o grupo e que, desencadeia todo o processo (...)*”.

O segundo bloco D - **Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza**, é caracterizado pelo título “Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da Natureza”. Há primeira questão colocada “O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?”, as educadoras responderam na sua grande maioria o que consideravam ser uma exploração livre ou, brincadeira livre no exterior com elementos da natureza sem a interação do adulto.

A E1 esclareceu que “*Deixá-los explorar livremente o que a natureza nos dá de melhor (...)*”, também a E2 partilhou da mesma opinião referindo ainda outros aspetos, tais como “*É a verdadeira brincadeira livre... eles estarem com os elementos da natureza e terem a total liberdade para o explorar da forma que entendem, explorando todas as potencialidades dos elementos e criando as suas brincadeiras (...)*”.

Para complementar mais a resposta à questão colocada, a E3 sublinhou que “(...) *Dar a oportunidade, dar os materiais, dar o tempo e espaço que for necessário e a criança agir sobre, portanto, construir o conhecimento sobre. Aproveitar aquilo que eles já sabem.*”. Nesse sentido, a E4 argumenta que “(...) *a exploração ativa é muito melhor do que, uma atividade orientada por mim ou por outros adultos porque normalmente temos o hábito de proporcionar uma atividade orientada, mas vemos que atividades de*

exploração livre da criança são muito mais ricas do que uma atividade orientada (...)”, sendo possível compreender o padrão por detrás das respostas, associadas à brincadeira livre e exploração ativa do que os rodeia.

Também a exploração dos elementos da natureza foi referido, mais concretamente pela E5 *“Pela minha leitura e interpretação da pergunta, é a exploração diária dos elementos da natureza, dar-lhes esse conhecimento, falar um pouco sobre isso e não só dar para experimentarem, mas sim, falar um bocado sobre o que acham e estar ali, presente nessa exploração”*, assim como defende a E6 *“Para mim a exploração ativa é o brincar livremente na natureza, é brincar com os elementos naturais e explorarem livremente sem o adulto estar lá a intervir”*.

Por fim, a E7 elucida que *“Acaba por ser estares lá fora e observares e, aproveitares tudo aquilo que existe ao teu redor... os materiais, se são duros, moles, pequenos, grandes, se são muitas folhas juntas se é só uma folha, se são finas, grossas... o conjunto das árvores, o que é que temos, o nome (...)”*.

A segunda questão do bloco C, *“Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?”*, as educadoras responderam na sua grande maioria que essa exploração deveria ser feita com regularidade, como sendo também uma das explorações mais importantes, surgindo a referência da construção de uma autonomia, exploração do corpo e conseqüente confiança.

A E1 aprofundou que *“(...) A exploração da natureza deve ser feita todos os dias porque eles têm que apanhar ar, até para o sistema imunitário deles é bastante bom (...)”*, no seguimento dessa resposta a E2 partilhou da mesma opinião *“(...) é o mais importante, é onde estão as melhores aprendizagens.”*

Um outro ponto referido nas respostas direcionou-se para o uso dos ecrãs, pelo que a E3 defendeu *“(...) Cada vez mais se fala em libertar as crianças, cada vez mais eles estão presos aos ecrãs e acho que nós, nisso temos um papel muito fundamental e nesta escola somos superprivilegiadas, nesse aspeto (...)”*. Também a E4 sublinhou a importância da exploração livre e da conquista de autoestima e autonomia *“Essa exploração livre, por exemplo se for o facto de subirem uma árvore ao terem conseguido, quando encontrarem alguma dificuldade que eles tinham vão conseguir superar porque*

ao superarem o obstáculo na rua que era subir uma árvore dá-lhes capacidade de ter confiança para conseguirem (...)”.

Aliado às respostas anteriores, surgiu também um outro tópico nas respostas, em especial através da E5 *“Considero fundamental eles não estarem só centrados numa sala... saírem para o espaço exterior. Quem diz espaço exterior da instituição, e se houver essa possibilidade, de irmos à rua e passear. Porquê? Porque eles aí estão não só a ganhar defesas, mas também estão a conhecer o que é natural, cotidiano, estão a ter esse conhecimento (...)*”. Também a pedagogia Waldorf surgiu como argumento nas respostas, onde a E6 defendeu que *“(...) defendo os princípios da Pedagogia Waldorf, é muito o que eu faço no meu papel como educadora. Defendo que as crianças devem estar, aprender, brincar com a natureza porque ela tem muitas experiências para oferecer e ajuda no desenvolvimento das percepções sensoriais e traz-nos verdadeiras relações com o mundo (...)*”. A E7 sublinhou no final que *“(...) É o que eu mais valorizo é a exploração ativa, exploração espontânea, descoberta, os sentidos (...)*”.

O bloco das **Percepções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza** contém ainda a questão “Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?”. As visões das educadoras acerca deste assunto foram bastante claras, demonstrando preocupação, consciência, reconhecimento do impacto da exploração dos elementos no desenvolvimento integral das crianças, sendo referido o aumento de capacidade de criatividade, imaginação, conhecimento do mundo, aumento de conquistas do que exploram.

Na primeira entrevista, a E1 afirmou que *“(...) O facto de eles pularem e andarem a subir às árvores desenvolve a parte motora a 100%... eles podem subir às árvores, andar de baloiço, andar nos pneus, pular em cima dos pneus (...)* Da linguagem também... A parte das artes... A parte imaginativa e da criatividade também está lá toda, por isso acho que globalmente está lá tudo em termos de competências.”, no seguimento desse raciocínio a E2 afirma que *“Eles adoram brincar, e através disso estão a fazer conquistas e aprendizagens incríveis.”*.

A E3 referiu ainda que *“(...) é muito importante e mudou muito a minha visão mesmo como educadora e eles ensinaram-me muito isso... A sede que eles têm de ir*

brincar, de ir lá para fora e depois acaba por ser tudo uma negociação também (...) Mudou muito a minha forma de ver, mesmo o grupo e a escola”. A construção de uma independência é também um fator referido, mais concretamente, pela E4 “(...) *tentam ser mais independentes do que pedir tanto a ajuda do adulto, e às vezes somos nós que vamos lá "precisas de ajuda" e eles dizem que já não... ao darmos oportunidade de experimentarem lá fora, damos oportunidades para conseguirem fazer qualquer coisa (...)*”. Assim como a independência surge nas respostas, a preservação do ambiente e consciência ambiental também, sendo que, a E5 defende que “(...) *estão a explorar livremente, a conhecer aquilo que faz parte do nosso cotidiano, que sabemos que temos de tratar bem e preservar. Estão a ganhar algum respeito pela natureza*”.

A E6 respondeu: “(...) *através da natureza eles conseguem perceber melhor o mundo e aquilo que os rodeia e, às vezes o adulto não precisa de dizer nada, eles próprios vão fazer, explorar veem se dá, se não dá e proporcionam a eles próprios diversas aventuras, desafios e aprendem com aquilo que fazem (...)*”. Para complementar as respostas anteriores, a E7 faz referência aos sentidos “*Eu acho que os sentidos nos facilitam imenso a aprendizagem seja daquilo que for, de todos os conhecimentos. Portanto, se eles tocam, sentem todas as propriedades que os elementos da natureza nos dão, todas as aprendizagens que nos transmitem, a observação e passa muito pela tocar, contacto, as texturas (...)*”.

Por fim, surge a última questão do bloco **Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza**, “O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?”. Após consultadas as respostas, foi possível compreender que existem educadoras que reconhecem o espaço exterior como o terceiro educador, apresentando argumentos bastante conscientes, sublinhando também que ambos os espaços (sala e exterior) podem trabalhar em conjunto, seja levar para dentro o que existe no exterior e vice-versa. No entanto, uma educadora revelou não ter conhecimento do termo “terceiro educador”, mas revelou ser algo a aprofundar no futuro. Por fim, uma outra educadora revelou conhecer esse termo, contudo, tem a opinião que não existe divisão de espaços.

A E1 respondeu à questão: “*O espaço exterior é sem dúvida um terceiro educador (...)* O facto de eles próprios livremente colherem o que está na natureza faz com que eles desenvolvam tudo, todo o tipo de competências e sim, é um terceiro educador nesse sentido porque lhes proporciona instrumentos e material em que lhes faz ir para outro

mundo e conseguirem uma própria autoaprendizagem (...)”, também a E2 referiu conhecer a expressão e saber o que envolve esse espaço *“Espaço exterior, terceiro educador faz todo o sentido... Eles estão envolvidos, é o espaço educativo, neste caso, é o meio que os envolve e estando envolvidos é quando aprendem (...)*”. Esse espaço foi também comparado ao papel do adulto, como foi o caso da E3 *“(...) encaro muito como isso porque é um sítio que tem todas as potencialidades tal como se fosse um adulto. Eu posso criar as oportunidades, mas o espaço exterior já as cria, portanto, sim, é como se fosse um educador sem dúvida”*.

As OCEPE foram também referidas pela E4, assim como, *“Ouvimos muito e lêmos muito nas OCEPE e em todo o lado que o espaço do ambiente educativo é um prolongamento do que fazemos... por exemplo, se eu tenho o meu espaço de 4 paredes e tenho o exterior... o exterior não vai ser só o exterior, vai ser um prolongamento do que eu faço... todos os espaços são aprendizagens para a criança e ao facilitar e trazer estratégias e organizar de forma flexível em que podemos sempre estar em mudança e conforme as necessidades, motivações e interesses da criança para que ela possa sozinha (...)*”.

A E5, no entanto, referiu ter encontrado dificuldades em perceber inicialmente o que significava a expressão: *“Por acaso tive dificuldade em saber o que era isso... O espaço exterior pode ser considerado o terceiro educador, porque nós somos educadoras, os pais são educadores e estão a ensinar, as auxiliares também (...)*”. Em concordância, a E6 afirmou que *“(...) o espaço como terceiro educador é um meio onde eles aprendem também... cooperam uns com os outros, partilham, brincam com o que há á sua volta, têm diversas experiências... adquirem diversas aprendizagens e competências no exterior e, isso é ótimo porque a natureza tem muito para nos oferecer em todas as áreas da criança”*.

Por último, a E7 apresentou argumentos contrários às restantes afirmando que: *“Para mim não há essa divisão do espaço, e tu sabes, aquilo que é feito na sala pode ser feito cá fora e o que é feito cá fora já é mais difícil de fazer lá dentro (risos), mas podemos levar algumas das coisas que existem no meio exterior para nos ajudar nas atividades e propostas que existem na sala e nas descobertas, mas eu não vejo impedimento nenhum (...)*”.

As entrevistas terminaram com o bloco **E - Percepções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza**. Na primeira questão: “Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da, linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?”, as educadoras responderam ser uma estratégia utilizada com bastante frequência e, revelaram compreender o contributo da linguagem em todas as atividades e/ou projetos explorados pelas crianças.

A E1 respondeu “*Com frequência*”, assim como, E2 “*Faço semanalmente, isto porque, conjugo com todas as outras atividades/projetos que estão a decorrer na sala (...)*”. Em concordância com as respostas anteriores, a E3 respondeu “*Sempre, todos os dias, de várias formas.*”, a E4 aprofundou mais a sua resposta “*(...) fazemos sempre porque em qualquer atividade que estamos a fazer estamos sempre a ir para essa área (...)*”.

No entanto, apenas uma educadora foi mais específica em relação à resposta, neste caso a E5 “*(...) Para mim a linguagem esta relacionada com tudo e neste caso da exploração dos elementos naturais é importante igualar as duas coisas, e assim vai-se fazer um bom trabalho*”. Por fim, ambas as educadoras (E6 e E7) responderam que: “*várias vezes ao dia (...)*” e, “*Com frequência*”.

Relativamente à segunda questão “Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?”, as respostas demonstraram que algumas educadoras utilizam essa estratégia das mais variadas formas, seja através de jogos, folhas, canas e, valorizam também o espaço exterior da instituição como um fator importante nessa exploração. A questão foi mais direcionada para o desenvolvimento lexical, ao que as educadoras demonstraram compreender a sua complexidade e quais as estratégias que utilizam no dia-a-dia.

A E1 respondeu “*Todos os dias fazemos isso, ou seja, a parte do "como é que isto se chama?... isto chama-se uma cana", "e o que é que é uma cana? e para que serve uma cana?", então, todos os dias na natureza e no espaço exterior nós aprendemos novas palavras (...)*”, em concordância com a primeira educadora também a E2 afirmou “*(...) aliando a estas possibilidades da natureza ao campo lexical dá para fazer tudo, porque têm a terra, elementos de diversos tamanhos, texturas, dá para abordarmos tudo (...)*”.

Apesar das respostas das primeiras educadoras serem ligeiramente vagas, a E3 respondeu: *“Tem toda a potencialidade, tem tudo, mesmo com os antónimos podemos ver folhas grandes, pequenas, o céu está de dia, de noite, oposto... coisas assim, é muito por aí, tem muitas potencialidades...Tudo tem antónimos, se é macio se não é macio, se é pesado, leve... Podes explorar muito ali a linguagem, os antónimos, sinónimos, conceitos de palavra, tudo”*. Também a E4 apresentou alguns exemplos *“(...) por exemplo, um elemento que eles sabem que é, mas não têm a certeza do que é ao certo e nós dizemos "olha é uma pinha" (...) nos livros dos animais, tem lá tudo e sabem o nome de pássaros que nem eu própria sei e levam para casa... trazem de casa, os pais explicam (...)”*.

O espaço exterior foi também referido, como argumentou a E5 *“Sim, e sem falar na sala, vamos ao espaço exterior e temos imensas coisas e através disso, eles observam e podem adquirir vocabulário novo e construir um dicionário... A criança pode também observar o que se passa no exterior e escrever uma frase do que veem/viram (...)”*, também os jogos foram comentados através da E6 *“Sim, através de jogos... através de lhes dar oportunidade para eles explicarem o que é que nos trouxeram e o que querem fazer com aquilo (...)”*. Por fim, a E7 sublinhou *“É aproveitar tudo aquilo que existe e tentar saber um pouco mais... alargar um bocado mais aquilo que eles sabem e conhecem, para poder depois noutras alturas utilizarem... é como se fosse uma pedra que caí no charco... é aquela pedra que nós lançámos ali e depois vemos o efeito que tem na água e é um bocado isso”*.

Na terceira questão do bloco **Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza**, “Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?”, as educadoras demonstraram reconhecer a importância dessa exploração, relacionando com a brincadeira livre no exterior. Foram apresentados alguns exemplos de atividades realizadas com as crianças e que, permitiram aumentar o capital lexical. Esses momentos foram explicados através de exemplos muito específicos, revelando uma consciência na importância do papel do/a educador/a no desenvolvimento da linguagem.

A E1 respondeu *“Palavras que eles não conhecem, não sabem o que é eles vão adquirir pela experimentação e pelo questionamento do que é aquilo (...)”*. As restantes educadoras apresentaram alguns exemplos, como a E2 *“Estavam a brincar com a terra*

a dizer que era 'fofinha', a mexer, depois, entretanto na relva, estavam a sentir tudo. Diziam também que a cozinha era dura, e andaram entretidos a sentir, deu para aproveitar e para aumentar o campo lexical, dando outro significado do 'fofinho', abordamos o 'macio' (...)”.

Em concordância com as respostas anteriores, a E3 argumentou *“Claro, não só pela definição dos conceitos pelo aquilo que tu estás a dizer "o que é isto?" e tu defines, mas também pela brincadeira, os processos naturais... por exemplo, outono há mudança de estação as folhas passaram de verde a castanho, vais explicar porquê... estás a aumentar o capital lexical (...)*”, no seguimento desse raciocínio a E4 respondeu *“(...) tudo aumenta o nosso capital... já com o grupo de 5 anos podemos ir ao computador e pesquisar 'olha, eu vi isto, mas a minha mãe não explicou muito bem, podemos procurar?'”*. Também a E5 partilhou da mesma opinião, *“Sim, a exploração contribui sem dúvida para esse desenvolvimento... vamos fazer uma experiência, vamos à rua recolher amostras onde depois começam a dizer o que apanharam, chegamos à sala e podem discutir o que recolheram, aprenderam (...)*”, também os jogos foram abordados como um exemplo, segundo a E6 *“(...) podemos fazer imensos jogos e a partir daí, através de um elemento podemos conhecer outros elementos, através de um elemento que eles nos mostram podemos proporcionar que eles conheçam muitos mais e dar essa variedade de experiências e de conhecimentos é ótimo para eles”*.

Por último, a E7 respondeu: *“É aproveitar tudo para jogar com os sinónimos, antónimos... o que é semelhante, diferente, tamanhos, texturas, aproveita tudo aquilo que existe no dia-a-dia, que eles estão a brincar e explorar e observam (...)*”.

À quarta pergunta “Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?”, surgiram duas respostas distintas por parte das educadoras. A maioria respondeu que utiliza a desconstrução do significado através da exploração dos elementos e, duas educadoras não utilizam essa estratégia seguindo-se da justificação de que se encontram em creche. Em contrapartida, as educadoras que responderam que sim, utilizaram exemplos de momentos presenciados no dia-a-dia com as crianças.

Em resposta à questão, a E1 afirmou “*Sim, sem dúvida temos que nos explicar por outras palavras o que é que significa uma palavra. Por exemplo, quando eu disse que aquele senhor, o Van Gogh já tinha morrido eles perguntaram-me o que é que era morrer eu disse ‘morrer é desaparecer, ele já não está cá connosco’... Então temos sempre que dividir aqui o conceito, ir ao conceito em si... e explicar o que é que significa aquela palavra, sem dúvida, sempre.*”, em contrapartida, a E2 afirmou “*É possível e, acho que é uma estratégia bastante interessante e através da qual dá para abordar diversas coisas, mas, neste momento e tendo em conta a minha prática, não me estou a recordar de já o ter feito...*”.

Em concordância com a primeira resposta da entrevista, a E3 respondeu “*Sim, lá está, sempre que eles têm alguma dúvida em relação a uma palavra... eu faço muito isso, dentro e fora da sala, como eu digo (...)* Hoje também com a madrastra e o padrasto utilizei muito o significado... fui dizer o que é que significava... Fui desconstruir a palavra e cheguei até ao conceito, expliquei (...)

Nesse seguimento, a E4 partilhou da mesma opinião “*Muitas vezes fazemos isso, porque eles agora começam com as questões... muitas vezes digo que estou cansada e perguntam o que é... é mais fácil desconstruir tudo para eles perceberem, quando há oportunidade de demonstrar é muito fácil demonstrar, mas quando não temos, dizemos por palavras mais simples para que cheguem lá e percebam o significado das palavras*”. Contudo, surgiu novamente uma educadora que não utiliza essa estratégia, mais concretamente a E5, “*Neste momento não, porque não tenho um grupo para o fazer. No entanto, acho que o faria através de várias estratégias*”, assim como a E6 “*Neste momento em contexto de creche, quando eles estão a aprender a falar, não me foco muito nesse ponto de esmiuçar as palavras nesse sentido (...)*”.

No entanto, a E7 apresentou argumentos contrários aos anteriores “*Sim... Temos bichos-da-seda... o que é que aconteceu? Devem ter comido qualquer coisa, algumas folhas que começaram a morrer... Ed: ‘o que é que estava a acontecer?’*, houve logo ali uma data de ideias e houve uma palavra que ficou ‘*provavelmente as folhas estavam secas e tinham que estar suculentas, por isso eles morreram*’... e diz logo outro ‘*o que é que é suculento?*’... ed: ‘*o que é que vocês acham? suculento faz lembrar o quê?*’... c: ‘*suco, sumo... faz lembrar um sumo*’... ed: ‘*então isso quer dizer o quê?*’... c: ‘*que têm água*’... depois houve logo quem dissesse c: ‘*estão hidratadas*’ (...)

Na penúltima questão “Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?”, assim como na questão anterior, surgiram duas opiniões diferentes por parte das mesmas educadoras, revelando que não é algo que costumam concretizar, no entanto demonstraram interessarem em realizar atividades relacionadas com sinónimos e antónimos no futuro. As restantes educadoras demonstraram utilizar essas estratégias, assim como, a compreensão todo o processo envolvente na exploração dos sinónimos e antónimos com o que rodeia as crianças, através de algumas ideias de como dinamizar esse momento de aprendizagem.

Em resposta à questão a E1 afirmou “*Sim, sinónimos principalmente e antónimos também.... Fazemos isso muitas vezes (...)*”, assim como a E2 “*Sim... costumo realizar e porque é uma forma de estarem a alargar o vocabulário, estão a desenvolver a linguagem, a atribuir outros significados e é estarmos a aproveitar o espaço exterior e tirar proveito de tudo*”. Ainda em concordância com as respostas anteriores, também a E3 respondeu “*Sim. Porque acho que é importante para o capital lexical... É o que eu digo, quanto mais eles compreendem mais fácil será para eles (...)*”. A E4 não apresentou argumentos fundamentados do porquê “*Fazemos muito, e inconscientemente (...)*”. Contudo, a E5 demonstrou não utilizar essa estratégia “*Neste contexto agora não, porque são mais pequenos e não têm noção (...)*”, no seguimento da sua resposta a E6 partilhou a mesma opinião “*Por acaso é algo que eu não costumo fazer, se o faço é às vezes quando surge... estou muito na repetição de voltarmos a ver as imagens, de repetir o que aconteceu então ainda não o fiz (...)*” e, por fim, a E7 à questão respondeu “*Sim*”.

Posto isto, surge a última questão do bloco **Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza**, “Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso académico das crianças?”, a última pergunta permitiu analisar a perceção das educadoras relativamente a todo o processo pelo qual a criança passa, onde demonstraram compreender que as aprendizagens realizadas na infância têm consequências no futuro, tanto a nível pessoal como académico. Foi referido que quantas mais vivências a criança tiver mais aprendizagens terão, refletindo-se no futuro tanto no 1º ciclo como na facilidade em compreender a comunicação que os rodeia.

Em resposta à última questão, a E1 argumentou “(...) *Quanto mais vivências as crianças tiverem mais desenvolvimento... elas vão ter. Nós somos feitos disso, somos feitos de vivências (...)*”. A E2 respondeu: “(...) *eles aprendem através das experiências e das vivências e, tudo o que eles absorverem agora irá moldá-los e, irá ser essencial para o futuro. Por exemplo, estes pequenos significados e alargar o vocabulário, atribuir diversos sinónimos será uma mais-valia quando ingressarem no 1º ciclo e, realizando estas conquistas e aquisições de uma forma divertida e correspondendo aos interesses deles e ainda partindo da natureza que é algo que eles adoram, não existem melhores aprendizagens.*”.

A E3 sublinhou “*Eu acho que sim... Quanto mais eles compreenderem mais fácil será para eles, em todos os aspetos (...)*”, assim como, a E4 exemplificou “*Seja no exterior a conquista de um obstáculo... se uma criança demonstra interesse pelas histórias porque não deixá-la escolher histórias? ou contar histórias... vai aprendendo e ensinando e, ao ter essa vontade vai-se sentir confortável quando chegar ao 1º ciclo, não vai sentir-me assustada... vai gostar de histórias...*”.

Em concordância com a resposta anterior, a E5 respondeu “*Contribuir para a aprendizagem vai sempre contribuir, porque o que eles aprendem no percurso desde creche e pré-escolar até chegarem ao 1º ciclo vai ter uma vantagem.. O construir uma bagagem através desses elementos ligando a esse desenvolvimento vai construir sempre para uma aprendizagem futura, de forma geral*”. Por fim, a E6 e a E7 responderam: “*Vai influenciar bastante, quanto mais se proporcionar esse tipo de exploração (...)*”, e, “*Têm muito mais facilidade na aprendizagem, nos conceitos... em tudo aquilo que é abordado, pedido porque se eles compreenderem, se tiverem um bom léxico, vocabulário e conseguirem perceber o que é que lhes está a ser pedido torna-se muito mais fácil. Se não entenderem, não conhecerem as palavras é mais difícil para eles depois desenvolverem as aprendizagens, isto em todas as áreas (...)*”.

3.2. Discussão de Resultados

Apresentados os resultados, dá-se início à sua discussão. Relativamente ao **bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento** - o grupo de educadoras revelou uma grande consciência do seu papel enquanto promotoras do desenvolvimento da linguagem. Reconheceram a importância do seu papel como modelos linguísticos para

as crianças, assim como, o cuidado que deve existir no vocabulário utilizado com as crianças e até mesmo, uma grande consciência do impacto que ouvir a criança tem, tal como defende Horta (2016) ao sublinhar que o/a educador/a tem o papel de facilitador das aprendizagens das crianças.

Foi possível verificar que as educadoras de infância compreendem a importância e impacto que a criação de um ambiente de comunicação do/a educador/a com as crianças tem. Nos testemunhos apresentados pelas profissionais de educação surgiram diversos pontos essenciais, sendo um deles o cuidado e atenção que deve ser dirigida em como se exprimem, os questionamentos, reformulações que realizam e que contribuem na expansão do vocabulário da criança, sendo que no decorrer do desenvolvimento da criança irá influenciar as suas aprendizagens em todos os níveis (Lopes da Silva, et al., 2016). No seguimento desse raciocínio as educadoras demonstraram também compreender que esse clima de comunicação tem como base a interação entre adulto-criança e criança-criança, revelando a existência de uma opinião consistente acerca do impacto desses momentos na construção de conhecimento do meio envolvente e consequentes vivências, como corroboram os autores Santos (2012), Sim-Sim et al., (2008) e Horta (2016).

Relativamente à explicitação das suas opiniões, as entrevistadas utilizaram alguns exemplos de estratégias e atividades que podem ser desenvolvidas com as crianças para estimular esse desenvolvimento como afirma Duarte, et al. (2011) e Lopes da Silva et al. (2016). Em conformidade com isso, os resultados obtidos permitiram concluir que existe uma preocupação e reconhecimento da importância do desenvolvimento da linguagem e, do impacto que tem sobre todo o desenvolvimento integral da criança.

No que respeita ao **bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza** - as educadoras associaram a exploração ativa dos elementos da natureza com a brincadeira, em específico com a brincadeira livre, associando também a importância que essa exploração tem na aquisição de competências, aprendizagens e consequente desenvolvimento integral da criança, tal como sustenta o autor Pedroso (2019). Esses momentos de exploração foram associados a vários benefícios na criança, tais como, construção de autonomia, autoestima, conhecimento do mundo, relacionamento com o que os rodeia, mas também, como momentos de alegria por parte das crianças, assim como refere Lira e Rubio (2015), Neto e Lopes (2017) e Pedroso (2015). Essa exploração foi também relacionada à qualidade e importância do

espaço exterior das instituições, mais concretamente na instituição em que exercem a profissão, como sustentam os autores Libânio e Linhares (2020) e Lopes da Silva et al. (2016).

Para além dos pontos referidos anteriormente, também a criatividade e imaginação surgiram como resultado do contacto com o exterior, assim como defende Sousa (2015) ao sublinhar que “(...) a criatividade está presente no dia-a-dia da criança e principalmente quando estas brincam de forma livre, pois nestes momentos as crianças podem imaginar cenários, criar situações e reinventar episódios” (p.11). Considerando estes pontos, as educadoras abordaram também a utilização dos sentidos das crianças que ao serem estimulados, mais concretamente, quando em contacto com esses elementos que caracterizam o espaço exterior, tais como, folhas, paus, canas, etc., vivenciam experiências marcantes, tal como descrito por vários autores, tais como Bento e Portugal (2016), Lopes da Silva, et al. (2016) e Napoleão (2019).

Apesar das educadoras reconhecerem o espaço exterior como um elemento importante, algumas revelaram não ter conhecimento do termo “terceiro educador” e, uma educadora revelou não distinguir contexto de sala e espaço exterior como separados, mas sim, como continuidades do que está a se explorado e que, os materiais podem ser transportados de acordo com os interesses das crianças do grupo, como defendem os autores Duarte (2015) e Lopes da Silva, et al. (2016). A construção de uma continuidade do interior com o exterior, está associada a um conjunto de aprendizagens, tais como, a exploração, descobertas e recordações. Quando enriquecidos ambos os espaços, é possível desenvolver diversas competências essenciais no desenvolvimento das crianças, como por exemplo, aprender a observar o que a rodeia e refletir, assim como, aprender de forma ativa através da curiosidade e, por fim, um maior envolvimento emocional e social no que toca à forma criativa como aprende, como sustenta Neto (2020). Por outro lado, surgiram educadoras familiarizadas com a expressão de espaço exterior como “terceiro educador” e, conscientes, ao mesmo tempo, de que ambos os espaços são prolongamentos, assim como refere Duarte (2015), no entanto, a autora sublinha também que o espaço exterior pode ser considerado como “terceiro educador”.

Por fim, surge o bloco **E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza** - cujo objetivo é fazer o cruzamento dos temas e compreender qual a opinião das entrevistadas. Quando questionadas acerca da regularidade que exploram o desenvolvimento da

linguagem através dos elementos da natureza, as respostas demonstraram que todas as educadoras adotam essa estratégia, sendo possível concluir que têm conhecimento dos benefícios desses momentos no desenvolvimento linguístico da criança, assim como defendido por Neto e Lopes (2017).

Quando questionadas acerca da utilização da exploração dos elementos da natureza, tais como, pedras, água, folhas, terra, etc., como estratégias no desenvolvimento lexical surgiu uma grande diversidade de respostas. No entanto, todas as entrevistadas apresentaram ideias de atividades, desde a comparação de cores, tamanhos, formas, o que indica a compreensão de que a atribuição de um significado é importante e, que, o contacto (toque, cheiro, cor, etc.) permite uma melhor compreensão do que exploram, assim como afirmam Cardoso (2018), Serrano (2016) e Sim-Sim (1998).

Relativamente ao aumento do capital lexical, o grupo de educadoras demonstrou facilidade em compreender, assim como, a utilização de uma prática diária com as crianças seja em momentos estruturados ou até mesmo, de forma natural e espontânea, como defende Serrano (2016) e Silva et al., (2016), ao explicitar que as funções comunicativas sofrem uma estruturação à medida que há contacto com objetos, pessoas e experiências. A maioria das educadoras revelou utilizar a desconstrução de sinónimos/antónimos enquanto exploram os diversos materiais da natureza. Foi possível verificar o reconhecimento das educadoras de infância sobre o seu papel enquanto modelo linguístico e, como a exploração dos elementos da natureza tem benefícios no percurso académico das crianças, como sustentam os autores Martins e Neves (2020), Rigolet (2016) e Rolim, et al. (2008).

A presente investigação permitiu compreender que as educadoras apresentam uma opinião estruturada acerca dos dois temas em estudo, assim como, uma opinião consciente de qual o impacto da sua profissão enquanto modelo no desenvolvimento das crianças. No entanto, surgiram algumas contradições em alguns pontos-chave da investigação, no sentido de não serem aplicadas estratégias na estimulação do desenvolvimento da linguagem pelas educadoras que exercem em grupos de creche, devido à idade das crianças. Contudo, é através das primeiras palavras da crianças que são estimulados certos mecanismos, mais concretamente, na perceção e produção da fala que contribui na construção de uma nova ferramenta intelectual, o léxico mental. Pelo que se torna essencial a utilização de técnicas e estratégias de estimulação do desenvolvimento

linguístico durante a produção das primeiras palavras, como afirmam os autores Santos, (2012) e Sim-Sim et al. (2008).

Por fim, a investigação contribuiu em diversos argumentos importantes, desde a importância do papel do/a educador/a de infância perante o desenvolvimento linguístico, surgindo diversos testemunhos: “Sou um modelo linguístico para as crianças, mas também o devo ser para o pais, visto que somos coeducadores”. Assim como, o reconhecimento da importância do risco da exploração da natureza, que permite a estimulação de diversas competências e construção de aprendizagens diversas.

Considerações Finais

Os resultados da investigação permitiram o cumprimento dos objetivos do estudo. Considerando que todo o estudo inicial sofreu alterações na sua estrutura e na sua metodologia através de uma solução metodológica direcionada para a construção de uma entrevista, as educadoras de infância demonstraram um grande interesse e disponibilidade em participar. Todo o processo de repensar a investigação, projetar novas estratégias tornou o percurso agitado, no entanto, importa salientar que a metodologia e a técnica de recolha de dados revelaram ser uma boa estratégia, atendendo às condicionantes da situação pandémica.

A utilização de entrevistas semiestruturadas permitiu uma recolha de informação mais detalhada, contribuindo numa melhor compreensão das perspetivas das entrevistadas em relação ao tema em estudo. A sua recolha aconteceu presencialmente o que contribuiu na criação de uma ligação de empatia, que posteriormente influenciou a transcrição e análise de dados.

Foi possível observar ao longo da literatura e análise de dados que o/a educador/a de infância tem um papel essencial no desenvolvimento da criança, mais concretamente no desenvolvimento linguístico, mas também, como facilitador de experiências na natureza e com os seus elementos. O espaço educativo tem um papel estimulante e promotor de experiências, como foi possível verificar.

Relativamente ao desenvolvimento léxico-semântico, as perceções das educadoras de infância corroboraram a literatura apresentada no início da investigação. Demonstraram consciência e conhecimento da sua importância e, acima de tudo, da

importância do seu papel enquanto modelo linguístico e facilitador do desenvolvimento, reconhecendo a criança como um ser holístico. Relativamente à exploração ativa dos elementos da natureza, revelaram um conhecimento aprofundado e crítico na sua importância. Foi possível verificar as percepções tomadas pelas educadoras de infância, através das estratégias e atividades que utilizam no dia-a-dia. A exploração dos elementos da natureza tem um impacto positivo e estimulante no desenvolvimento linguístico, aliado a este ponto, a utilização dos sentidos por parte das crianças permite uma melhor aquisição da linguagem. Assim como, o brincar.

Foi possível concluir que o brincar representa um fator decisivo na criança, atuando em todos os campos de desenvolvimento, neste caso em concreto no desenvolvimento da linguagem aliado à exploração da natureza.

Limitações de estudo e propostas futuras

A investigação foi sujeita a diversas pausas no seu percurso, devido à pandemia, o que causou alguns constrangimentos e readaptações da sua estrutura, assim como, durante a prática pedagógica com as crianças. Uma outra limitação está relacionada com os sujeitos do estudo. Inicialmente a investigação tinha como técnica de recolha de dados a observação participante e atividades com as crianças, possibilitando contacto direto com as crianças.

Relativamente a propostas futuras, o estudo poderia ser implementado num grupo de crianças do jardim de infância, com o objetivo de verificar o contributo da exploração ativa dos elementos da natureza nas suas competências linguísticas. Considerando que o meio envolvente tem um papel importante no desenvolvimento integral da criança, seria interessante realizar a investigação em diversos contextos educativos e perceber qual o impacto no desenvolvimento da linguagem.

Por último, incluir as famílias no estudo permitiria conhecer o seu ponto de vista acerca do tema. A participação da família consistiria na realização de questionários, com objetivo de compreender qual a percepção da importância do desenvolvimento linguístico, assim como, da exploração ativa dos elementos da natureza.

Referências Bibliográficas

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bento, G. & Portugal, G. (2016). Revista Iberoamericana de Educación, vol. 72, 85-104. OEI / CAEU.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto editora.
- Cardoso, A. (2018). *Impacto de um programa de intervenção em competências linguísticas numa criança com perturbação específica de linguagem (PEL) em idade escolar* [Dissertação de Mestrado em Educação Especial: Área de Cognição e Motricidade, apresentada ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre]. Repositório do Instituto Politécnico de Coimbra. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23145/1/ANA_PATRICIA_CARDOSO.pdf.
- Cohen, L., Manion, L. & Morrison, K. (2017). *Research methods in Education* (6th ed.). Routledge – Taylor & Francis Group.
- Decreto-Lei n.º 5/97 de 10 fevereiro, publicado no Diário da República n.º 34/1997 – I Série – A. Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar.
- Dicionário Terminológico [em linha]. Ministério da Educação e Ciência: Direção-Geral da Educação. <https://dt.dge.mec.pt/>
- Duarte, I. (2011). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência lexical*. Ministério da Educação: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Duarte, S. (2015). *A importância do espaço exterior para as brincadeiras e aprendizagens das crianças* [Relatório da Prática Profissional Supervisionada Mestrado em Educação Pré-Escolar]. Repositório da Escola Superior de Educação de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/5240>.

- Ferreira, V. (2015). *A brincadeira livre em contexto de jardim de infância: uma perspetiva dos educadores* [Provas para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar]. Repositório do Instituto Superior de Educação e Ciências]. Repositório do Instituto Superior de Educação e Ciências. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/15616/1/Tese.pdf> .
- Ferreira, J. (2020). *Descobrir, aprender e brincar na natureza em contexto de creche* [Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre]. Repositório Instituto Politécnico de Coimbra. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32946/1/JESSICA_FERREIRA.pdf .
- Fonsechi, T. (s.d). *Natureza é lugar de aprender brincando*. Fundação FEAC. <https://www.feac.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Natureza-e%CC%81-lugar-de-aprender-brincando.pdf> .
- Franco, M., Reis, M., Gil, T. (2003). *Comunicação, linguagem em contexto escolar*. Ministério da Educação.
- Freeman, K., Hartshorne, M. (2009). *I can talk series – issue 7: speech, language and communication needs and the early years*. I CAN.
- Horta, M. H. (2016). *Linguagem escrita na educação de infância: da intenção à prática*. Psicosoma.
- Inácio, A. (2019). *O desenvolvimento das crianças no espaço exterior: estudo exploratório em JI e no 1º CEB* [Relatório Final apresentado para a obtenção do grau de Mestre e em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, Escola Superior de Educação]. Repositório do Instituto Politécnico de Santarém. <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/2675/1/Relat%C3%B3rio%20Andreia%20Sofia%20Dos%20Reis%20In%C3%A1cio.pdf>
- Law, J., Charlton, J., Gascoigne, M., Mckean, C., Theakston, A. (2017). *Early language development: needs, provision and intervention for preschool children from socio-economically disadvantaged backgrounds*. Public Health England.

- Libânio, S. & Linhares, E. (2020). *Os espaços exteriores: contextos de aprendizagens na educação pré-escolar e no 1º CEB* [prática de Ensino Supervisionada à Investigação na Educação Pré-escolar e no Ensino Básico, Escola Superior de Educação]. Repositório do Instituto Politécnico de Santarém. <https://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/3246/1/Lib%20Linhares.CapLivro%20-%20Formac%20a7a%20o%20Educac%20a7a%20o%20nas%20Pri-meiras%20Idades.pdf>.
- Lira, N. A., & Rubio, J. A. (2014). *A importância do brincar na educação infantil. Curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da FAC –Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº1.*
- Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Martins, C. & Neves, I. (2020). Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em Portugal: um estudo de caso. *Revista Liberato*, 21 (30). 10.31514/rliberato.2020v21n36.p121.
- Napoleão, K. (2019). *À Descoberta da natureza com crianças de 5 anos* [Relatório Final do Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentado ao Departamento de Educação da Escola Superior de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre]. Repositório do Instituto Politécnico de Coimbra. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31152/1/KIM_NAPOLEAO.pdf
- Owens, R. (2016). *Language Development: na introduction* (9th Edition).
- Pedroso, N. (2019). *A importância do brincar, do jogo e da atividade lúdica associada à aprendizagem cooperativa na aquisição de competências formais e sociais* [Relatório final de prática de ensino supervisionada apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico]. Repositório do IP - ISEITA - Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada IP. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/29642/1/Neusa%20Pedroso.pdf>.

- Rigolet, S. A. (2006). *Para uma aquisição precoce e otimizada da linguagem: linhas de orientação para crianças até 6 anos* (2ª ed.). Porto Editora.
- Rolim, A., Guerra, S., Tassigny, M. (2008). *Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil*. Revista Humanidades, 23 (2), 176-180.
- Santos, M. (2012). *Impacto de um programa de estimulação de desenvolvimento lexical em crianças pré-escolares, sem ou com Necessidades Educativas Especiais* [Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação de Lisboa para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação]. Repositório da Escola Superior de Educação de Lisboa. <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/2390/1/Impacto%20de%20um%20programa%20de%20estimula%C3%A7%C3%A3o%20do%20desenvolvimento%20lexical%20em%20crian%C3%A7as%20pr%C3%A9-escolares.pdf> .
- Serrano, P. (2016). *A integração sensorial: no desenvolvimento e aprendizagem da criança*. Papa-Letras.
- Silva, M. (2010). *Do jardim de infância ao centro de atividades de tempos livres: representações das crianças sobre o brincar* [Dissertação de Mestrado em Estudos da Criança Área de Especialização em Associativismo e Animação Sociocultural]. Repositório da Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13826/1/Maria%20Clara%20Ferreira%20da%20Silva.pdf> .
- Silva, C. (2015). *Análise da interação e da comunicação em situação de brincadeira livre: no espaço exterior de uma creche* [Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar]. Repositório do Instituto Superior de Educação e Ciências. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21517/1/Vers%C3%A3o%20definitiva%20Catarina%20Galhofas%20da%20Silva.pdf> .
- Silva, S. (2018). *A aquisição e o desenvolvimento da linguagem oral em contexto pré-escolar* [Relatório Final de Estágio de 2.º Ciclo em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico]. Repositório da Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro.

<https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/8787/1/Sandra%20Silva.pdf>

Sim-Sim, I., Duarte, I., Ferraz, M. (1997). *A língua materna da educação básica: competências nucleares e níveis de desempenho*. Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica.

Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Universidade Aberta.

Sim-Sim, I. (2002). *Desenvolver a linguagem, aprender a língua*. In A. Dias (Org.). *Novas Metodologias em Educação*(pp.197-226). Coleção Educação, nº8. Porto Editora.

Sim-Sim, I., Silva, A., Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância: textos de apoio para educadores de infância*. Ministério da Educação/ Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Sousa, P. (2015). *A importância do brincar: brincar e jogar na infância* [Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar]. Repositório do Instituto Superior de Educação e Ciências.

<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/21557/1/Tese%20Patr%C3%ADcia%20Sousa%20-ref..pdf> .

Neto, C. & Lopes, F. (2017). *Brincar em cascais* (1ªed). CERCICA, CRL. <http://academiadasaude.pt/wp-content/uploads/2020/04/Brincar-em-Cascais-Visualizac%C3%A7%C3%A3o.pdf> .

Neto, C. (2020). *Libertem as crianças: a urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.

Apêndices

Apêndice I – Guião de entrevista

Guião de entrevista semiestruturada

Tema: “Perceções das educadoras de infância sobre a promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza”

Entrevistadas: Educadoras do Jardim de Infância

Objetivo geral: Perceber qual a perspetiva das educadoras de infância na promoção do desenvolvimento da linguagem através de exploração ativa de elementos da natureza

Local: Via zoom e presencial de acordo com a decisão das educadoras

Dia e hora: A definir com as educadoras de infância

Determinação dos blocos	Objetivos Específicos	Formulação de questões	Observações
Bloco A - Legitimação da entrevista e	<ul style="list-style-type: none">• Apresentar os fundamentos e objetivos da entrevista;• Motivar as entrevistadas;• Garantir a confidencialidade;• Relembrar que a entrevista será gravada através do	<ul style="list-style-type: none">• Informar e contextualizar as entrevistadas sobre o estudo e os seus objetivos;• Garantir a confidencialidade e anonimato na recolha e tratamento de dados;• Relembrar e solicitar novamente a autorização para a gravação de áudio da entrevista;• Agradecer a colaboração no estudo.	Estimativa da duração: 5 minutos

motivação das entrevistadas	áudio de acordo com as autorizações permitidas		
<p>Bloco B – Caraterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância</p>	<ul style="list-style-type: none"> Breve caraterização da dimensão pessoal e profissional das entrevistadas Construção de uma relação de proximidade com as entrevistadas ao colocar questões pessoais e, posteriormente, profissionais. 	<ul style="list-style-type: none"> Solicitar às entrevistadas que falem sobre: <ul style="list-style-type: none"> Caraterísticas pessoais e de que forma essas caraterísticas influenciam o seu desempenho profissional; Habilitações literárias; Anos de serviço Percurso profissional. <p>Questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas caraterísticas influenciam a postura que adota enquanto educadora? - Quais as suas habilitações literárias? - Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição? - Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência? - Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita? 	<p>Estimativa da duração: 5 minutos</p>
<p>Bloco C – Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento</p>	<ul style="list-style-type: none"> Compreender a perceção das educadoras sobre a importância do desenvolvimento da linguagem; 	<p>Solicitar às educadoras a sua perceção sobre a importância da linguagem no desenvolvimento das crianças.</p> <p>Questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem? - Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no 	


	<ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer o ponto de vista das entrevistadas sobre a temática; • Perceber como se projetam nesta área com as crianças 	<p>desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?</p> <p>- Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?</p> <p>-Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?</p> <p>- Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?</p> <p>- Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?</p> <p>- Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), que atividades/ estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos?</p> <p>Por exemplo, através da noção de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.).</p>	<p>Estimativa da duração: 15 minutos</p>
--	---	---	--

<p>Bloco D –</p> <p>Percepções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a percepção das educadoras sobre a importância da exploração ativa dos elementos da natureza; • Reconhecer o ponto de vista da temática; • Perceber como se projetam nesta área com as crianças e, quais as estratégias que utilizam. 	<ul style="list-style-type: none"> - O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza? - Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas? - Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza? - Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê? - Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza? - Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças? - Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê? - O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva? - Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos? 	<p>Estimativa da duração: 15 minutos</p>
<p>Bloco E –</p> <p>Percepções sobre a importância de relacionar o</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender a percepção das educadoras sobre a junção das duas temáticas; 	<ul style="list-style-type: none"> - Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza? 	

<p>desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender qual a intervenção das educadoras sobre as temáticas junto das crianças; • Verificar quais as estratégias das educadoras; 	<p>- Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?</p> <p>- Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?</p> <p>- Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?</p> <p>- Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?</p> <p>- Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso académico das crianças?</p>	<p>Estimativa da duração: 15 minutos</p>
---	--	--	--

Quadro 3 - Guião de entrevista.

Apêndice II – Documento de informação da confidencialidade da entrevista e autorização da recolha de áudio

 **UAlg ESEC**
UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A presente entrevista tem como destinatários as educadoras do jardim de infância da [REDACTED], no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação situada na Universidade do Algarve, no decorrer da Prática Supervisionada (PES). A temática alvo de investigação tem o título “Promoção do desenvolvimento léxico-semântico de um grupo de crianças de 5 e 6 anos através de exploração sensorial: exploração ativa de elementos da natureza”.

O principal objetivo é perceber qual a perspetiva das educadoras do jardim de infância na promoção do desenvolvimento da linguagem através da exploração ativa de elementos da natureza.

Este documento permite assegurar a confidencialidade das entrevistadas na recolha de áudio durante a entrevista. A gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, caso seja essa a vontade da entrevistada.

A sua colaboração neste estudo será sem dúvida importante, pelo que agradeço desde já a sua participação e disponibilidade

Tomei conhecimento e aceito os termos anteriormente apresentados

____/____/____

O/a entrevistado/a

A investigadora

Figura 2 - Documento de informação da confidencialidade da entrevista e autorização da recolha de áudio.

Apêndice III – Transcrição da entrevistas à E1

Tabela 1 - Informações sobre a entrevista da E1

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	21/05/2021
Duração da entrevista	50min

Bloco B - Caraterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas caraterísticas influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: A primeira dedicação, acho que qualquer educadora para ser uma boa educadora tem que se dedicar ao grupo o máximo. A outra paixão, porque sem a paixão também não vamos lá, sem amor e paixão não vamos lá. Amor e paixão pelo que nós fazemos e pelas crianças em si, temos que realmente gostar de trabalhar com crianças para conseguir-lhes dar o melhor e ver realmente efeitos depois nas aprendizagens deles. A última organização... eu gosto muito das coisas organizadas e, isso faz com que isso depois se reflita no meu trabalho, no meu dia-a-dia, tanto profissionalmente como pessoalmente. Mas, profissionalmente nota-se bastante a parte da organização.

Q: Quais as suas habilitações literárias?

R: Mestrado.

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

R: 7 anos que acabei o curso... quando acabei o curso fiquei logo aqui,

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Tenho 6 em creche, estive sempre em creche desde que vim para aqui. E este é o meu primeiro ano em pré-escolar.... Na altura o estágio era todo feito em pré, agora é que os estágios são feitos em creche e pré-escolar, mas no ano quando eu entrei ainda só se fazia em pré-escolar. O que é que acontece? É que nós vamos completamente às cegas, o

choque é grande, é muito grande. Porque tu vens do estágio em pré-escolar com miúdos de 5 e 6 anos e depois chegas aqui e é completamente o oposto, porque as saídas profissionais hoje em dia estão todas mais destinadas a creche, por vários motivos e, realmente foi o que eu senti quando entrei... Este ano é o choque da mudança, da creche para o pré-escolar... Mas é um choque bom, parece que estou de novo... a começar de novo e estou a adorar... parece que já nos esquecemos do nosso estágio em pré-escolar... é muito giro... A compensação... tens mais crianças que é diferente, tens que gerir aqui o tempo melhor e pronto, um grupo de 3 anos é sempre mais complicado. Agora já estão melhores porque já passou mais tempo... a passagem da creche para o pré-escolar é realmente uma grande mudança até para eles mesmo, porque passa de um grupo com 12, 13 ou 14 crianças no máximo para um grupo com 24, 25 crianças, ora, isto é uma grande passagem até para eles... e de uma sala mais pequena para uma maior.

Q: Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: A minha tese de mestrado foi relacionada com a literatura para a infância e as artes, ou seja, como é que a literatura para a infância influenciaria a imaginação e a criatividade da criança.

Bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no de desenvolvimento da linguagem?

R: A forma como nós falamos... principalmente a forma como nós falamos e, como nós falamos com eles e para eles é muito importante. E isso é uma coisa que nós temos que ter muita atenção porque eles absorvem tudo, são esponjas, eles são mesmo esponjas. Se nós falarmos com eles ao mesmo nível em termos de tamanho, ou seja, o contacto visual... O que vem dificultar agora um bocadinho é a máscara porque eles até a nossa boca... Agora claro que nós somos os modelos deles, ponto, e é aí que temos que ter muita atenção como é que falamos, o que é que dizemos, ouvi-los, deixarem eles falarem, dar tempo... o tempo é muito importante para eles digerirem porque eles são esponjas e estão a absorver tudo o que nós fazemos, e nós somos os modelos deles... Nós e família, mas nós aqui instituição que é onde eles passam muito tempo.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja,

de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: As rotinas são bastante importantes numa coisa muito simples, quando nós temos uma repetição diária eles próprios vão melhorando não só a autonomia, mas também a sua linguagem.... porque vais repetindo a mesma coisa todos os dias e a mesma coisa, hoje dizes uma maneira, amanhã tentas dizer um bocadinho melhor, no outro dia um bocadinho melhor e quando tu sabes, já estás a dizer perfeitamente. E a parte da rotina principalmente, a parte onde conversamos, aquele bocado em que nós falamos sinto que cada vez mais eles querem intervir, contar o que fizeram que não fizeram, ou seja, eles são muito participativos... e deixar eles falarem e teres estes momentos na rotina em que nós temos tempo para tudo, faz com que eles tenham tempo para isso mesmo. Para falar, para desenvolver a parte da linguagem, o saber ouvir que é bastante importante, o silêncio que também faz parte e que na nossa linguagem também temos que ter silêncios, pausas e isso é bastante importante eles perceberem... que há momentos para tudo. Por isso, sim, as rotinas são uma forma de eles desenvolverem a linguagem também.

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: A leitura de histórias.... é onde nós desenvolvemos mais porque eles já repetem e querem repetir aquilo que nós dizemos. O repetir o livro muitas vezes, porque eles gostam, é bom... claro que se não for um livro que não seja do interesse deles, claro que não vamos estar a repetir e insistir numa coisa que não é do interesse deles, mas quando é do interesse deles este tipo de desenvolvimento.... de atividades de repetição é bastante importante para eles desenvolverem a oralidade.... as lengalengas, as rimas... agora estamos nas rimas e noto que eles próprios gostam... a parte do vocabulário de montar letras também, eles gostam bastante... jogos simples... não precisamos de estar ali "vá, agora vamos ler isto... ou escrever aquilo", até porque.... a meu ver não é pedagógico, mas há jogos e há formas de fazermos as coisas que desenvolvem bastante a linguagem... E o livro sim, para mim é o instrumento mais rico que pode haver para desenvolver a linguagem.

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: Quando a criança adquire alguns mecanismos da fala, da linguagem o que acontece é que ela consegue-se exprimir melhor e ao exprimir-se melhor... consegue desenvolver

melhor outro tipo de competências, por exemplo, se a criança quer ir à casa de banho sozinha e se ela já sabe pedir para ir a casa de banho sozinha, ou seja, nós automaticamente vamos dizer "então vai" e ela aí não precisa de estar ali a tentar fazer um jogo, ou então nem diz porque já tem vergonha de dizer. A parte da linguagem é bastante importante até para a autonomia deles... para a autonomia, desenvolvimento motor, a parte da mastigação também é bastante importante... sim, acho que a linguagem é a base para o resto do desenvolvimento.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: Então, as palavras em si são importante, mas há um antes que tem de ser visto.... Os sons, em primeiro lugar.... Por exemplo, ainda há bocadinho perguntávamos qual era a importância... nós desde que nascemos comunicamos através da linguagem, através dos sons... Não é uma linguagem como falamos agora, mas é uma aprendizagem, ou seja, vais aprendendo. Para comer o bebé chora, se esta desconfortável o bebé chora e isso é uma comunicação, um modo de comunicação e depois vai desenvolvendo porque vai repetindo o modelo, neste caso, porque se tu se calhar não falares o teu bebé se calhar também não vai falar.... O modelo é o que ele segue, mas sim, até chegar à palavra há muitas fases a percorrer... Quando chega à palavra, aí vai trabalhar a palavra, a forma como diz... Diz mal uma vez, nós voltamos a repetir. Sem grande pressão porque pode haver uma pausa.... Uns problemas depois a nível de desenvolvimento no sentido de ficarem um bocadinho mais apreensivos, mas a palavra tem que ser trabalhada e com pausas, ou seja, a palavra tem várias sílabas e se nós dissermos as sílabas todas e a palavra pausada certamente eles vão adquirir muito mais facilmente... Por exemplo, dou-te o exemplo do meu filho. O meu filho diz mota, mas primeiro era "mo"... "não filho, é mo-ta"... e ele agora ao fim de uns tempos... No outro dia "o ca"... "não é o ca filho, é o carro. Repete com a mãe" e ele vai e repete, até que chega a uma altura que já não preciso.... As vezes ele diz-me assim "mana água" ...e eu "mana, quero água", ou então "queres água, filho?"... E ele vai aprendendo que a palavra... que as palavras... vai aprendendo que as palavras são um conjunto que forma depois frases, mas que a palavra tem que ser dita.... ou seja, há pausas na palavra e que se nós dividirmos as palavras é mais fácil de aprender...

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...),

de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: Daí a importância de as crianças virem para uma instituição e virem para um grupo... Um meio social onde temos crianças que têm várias vivências, que têm as famílias completamente diferentes e aí está.... temos que perceber as diferenças e nessas diferenças as partes das vivências, por exemplo os interesses de um que é por exemplo os dinossauros ele vai ensinar ao outro que aquele dinossauro se chama X, ou outro T-REX, pronto.... eles lá sabem melhor que eu, é verdade (risos).... eles dominam aquilo, eu não domino, mas eles dominam... há uns que têm um interesse por carros e que sabem as marcas todas dos carros e já ensinam o outro que aquele carro... porque às vezes a ver revistas, porque temos em acesso jornais, revistas na sala. eles próprios já comunicam, mesmo livros onde têm imagens assim mais engraçadas eles já começam a perceber e já começam a comunicar uns com os outros e isso é bom, no sentido de pequenos grupos ou grande grupo... O contar o fim de semana que é uma coisa muito simples "onde fui no fim de semana", ou, "o que é que a minha avó fez", ou "como é que a minha avó fez", por exemplo o pão... Isto tudo são vivências que depois eles transportam para o grande grupo ou pequenos grupos e isso faz com que eles desenvolvam outro tipo de linguagem que não tinham, porque não conheciam... E o desconhecido começa a ser conhecido em grande grupo.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc....), que atividades/estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos? Por exemplo, através da noção de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.)

R: Por exemplo uma história... Começamos com uma história e começamos com uma sequência, por exemplo a Lagartinha Comilona, vamos por aqui... Tem vários alimentos então vamos transportar isso para um jogo, por exemplo, em que eles associem sempre... neste caso a imagem a uma palavra, ou seja, que alimento é este, que fruta é esta, nisto como podemos fazer com o ciclo da lagarta, o que é que vem primeiro, o que é que vem depois.... Isto é rotativo, é um ciclo.... Em grande grupo... É um momento onde eu vejo um desenvolvimento maior da linguagem é mesmo no tapete onde nós fazemos este tipo

de jogos... Por exemplo, o simples facto de nós estarmos a falar de um pintor famoso em que eles nunca ouviram falar, e até que nem é português e aí vamos dizer "Van Gogh", e eles vão para casa e vão dizer c: "mãe eu hoje aprendi o nome de um senhor..." ... m: "qual é?"... c: "É o Van Gogh"... m: "aí é? então e quem é o Van Gogh?"... c: "é um pintor famoso, mas ele já morreu". Uma coisa simples... E a mãe muito escandalizada pergunta assim "então o que é que é morrer?"... c: "ó mãe, por favor...". Aí está, o significado das palavras.... c: "morrer é desaparecer...". Ou seja, este tipo de conversas em grande grupo dá-nos aqui uma oportunidade de nós desenvolvermos certos tipos de palavras, de significados... principalmente os significados porque há palavras que eles não percebem o que querem dizer, e nestes grandes grupos, o significado das palavras aqui é bastante importante porque eles as vezes usam as palavras, mas não sabem o que é que elas significam... E para mim, o mais importante de tudo, quando nós estamos em grande grupo é explicar o significado das palavras e este jogo de mostrar o jogo do significado das palavras... mostrar... se for preciso trazer... O que eram canas, porque uma coisa tão simples... Estávamos a pintar canas.... "mas o que é que são canas?".... Para mim é um pau.... Então vamos ver o que é que são canas, onde é que elas nascem, o que é que elas fazem... o que precisam para sobreviver... onde é que elas crescem.... Isto tudo são jogos que se fazem em grande grupo, principalmente na altura do tapete onde sabemos o significado das palavras. É um jogo simples, que é significado das palavras.

Bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: Deixá-los explorar livremente o que a natureza nos dá de melhor e, nós temos o privilégio de ter um jardim espetacular e um espaço exterior espetacular... E, eles exploram bastante... penas, troncos, pedras, flores, folhas, ou seja, tudo o que a natureza nos dá nós temos que aproveitar ao máximo e, não devemos desvalorizar porque em tudo o que eles apanham do chão há uma aprendizagem até numa simples formiga... Tudo o que a natureza nos dá é uma aprendizagem super-rica e nós temos que a aproveitar.

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: Sim. Eu trabalho bastante com a natureza e com a exploração da natureza e o que eles vão buscar da natureza eu valorizo bastante, por exemplo, o simples caracol dá para trabalhar a parte do caracol, o que é que acontece, onde é que esconde, se põe ovos, como é que ele se reproduz, o que é que come... A natureza traz-nos tudo, por exemplo uma

árvore... Como é que se vê os anos de uma árvore... Temos um tronco cortado ou que caiu, como é que nós conseguimos ver os anos da árvore... Como é que se contam os anos, como é que se sabe que tem aqueles anos... Como é que os passarinhos se reproduzem, em ovos em cima das árvores, será que podemos ajudar, o que é que eles comem? Uma lagarta que está no jardim, como é que ela se reproduz, o que é que ela faz... Uma borboleta.... Tanta coisa.

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: Então espaço exterior todos os dias, mesmo a chover vamos para a rua... Há galochas, gorros não ficam doentes por isso. Eu sei que há pais muito mais chatos que outros, é normal, eu também sou mãe. Por acaso nunca fui assim muito... se calhar por também sou educadora e vejo também a outra parte, mas eles não ficam doentes por aí. Mais depressa eles ficam doentes por ficar fechados em casa do que eles saírem à rua. A exploração da natureza deve ser feita todos os dias porque eles têm que apanhar ar, até para o sistema imunitário deles é bastante bom... O sol, estamos no Algarve temos uma vitamina D fantástica, porque não andar... Temos protetores, mas claro que na hora de maior calor... também estamos a dormir, por isso também não é problema... Há chapéus, sombras, tanta coisa que podemos usar para prevenir outro tipo de problemas de saúde... Agora dentro da instituição todos os dias, fora da instituição devido à pandemia... pois... já sabemos, mas antes de pandemia sim, mesmo desde o berçário eu levei-os fora da instituição. Temos uma mata fantástica aqui ao lado, não fogem dali esqueçam isso... 18 meses que já andam, 2 anos que já andam... Agora os berçários têm 2 carrinhos espetaculares para ir passear com eles, mas mesmo com os bebés que já andam só passamos aqui esta estrada pequenina, de resto eles podem ir livremente... Vai uma pessoa há frente outra atrás, aquilo é um corredor não fogem dali. Ainda o ano passado foram apanhar folhas à mata e andavam todos contentes, como podes imaginar, por isso acho que sim, acho que a natureza tem muito a oferecer e se nós soubermos aproveitar... Ótimo.

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sim. Quando não há certos elementos perto de nós, ou se eles apanham da natureza claro que nós transportamos para a sala para explorar e para perceber o que eles trazem e valorizo sempre o facto de eles trazerem... Não deixo de parte aquele instrumento que eles trouxeram... Aquilo é um instrumento rico, sempre rico, até um simples pau é rico e temos é que ser também imaginativas e se calhar irmos sempre um bocadinho mais à

frente. Agora, por exemplo, trago muitas coisas de fora que não há aqui... Conchas, búzios e coisas que eles não veem, estrelas-do-mar... Parte de praia que não temos que aqui, às vezes trago, outras vezes, tipo bolotas que não temos aqui também o trago para explorarmos. A lagarta também trouxe bichos-da-seda para fazermos o ciclo da lagarta, por isso também trouxe de fora e isso são elementos da natureza... Às vezes trago flores que nós não temos muitas flores do campo aqui, também trago flores do campo para vermos as cores, fazermos tintas, para fazermos várias coisas... argilas também, há muita coisa da natureza que podemos trazer, quase tudo, praticamente tudo.

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Um simples exemplo... O facto de eles pularem e andarem a subir às árvores desenvolve a parte motora a 100%, não precisamos de estar dentro de um ginásio a fazer uma série de exercícios quando temos um espaço fantástico, quando eles podem subir às árvores, andar de baloiço, andar nos pneus, pular em cima dos pneus, ou seja, há muita coisa que nós podemos providenciar no espaço exterior, orientado ou não, porque eles próprios depois quando nos orientamos duas ou três vezes eles depois adquirem aquela competência e já o fazem de livre vontade e de forma autónoma. O facto de o conhecimento do mundo está todo na natureza... Da linguagem também porque aquilo tem um nome e, aquilo tem uma função e há todo uma série de coisas ligadas aquele instrumento que eles colheram da natureza... A parte das artes então, temos assim, desde tintas feitas com elementos da natureza, como o próprio desenho da natureza, a exploração da natureza em si como sensorial... A parte imaginativa e da criatividade também está lá toda, por isso acho que globalmente está lá tudo em termos de competências.

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sim.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspectiva?

R: O espaço exterior sem dúvida um terceiro educador, porque eu acho que orientado temos ali um leque de pequenos instrumentos que nos levam a uma aprendizagem muito global. O facto de eles próprios livremente colherem o que está na natureza faz com que eles desenvolvam tudo, todo o tipo de competências e sim, é um terceiro educador nesse

sentido porque lhes proporciona instrumentos e material em que lhes faz irem para outro mundo e conseguirem uma própria autoaprendizagem, porque acho que a aprendizagem tem de vir deles e do interesse deles. Quando eles colhem uma coisa que é do interesse deles, uma simples folha que para nós é uma simples folha, mas para eles não. Dou-te o exemplo de hoje, a história era porque estávamos a falar sobre triângulos, quadrados e retângulos... Um triângulo para um era o nariz, para outro era um chapéu, ou seja, eles próprios já conseguem pegar num instrumento e fazer as suas próprias aprendizagens e a gestão daquilo que estão a recolher.... Até quando é a parte de uma atividade orientada eu levo as mesas para a rua, e faço na rua porque o próprio ar, oxigénio que estamos a colher... o próprio ambiente, calma, ouvir os pássaros, isto tudo faz com que o estímulo deles seja completamente diferente, não estamos numa sala cheia de barulho, confusão, eu não os consigo ouvir, eles não me conseguem ouvir... para quê se temos um espaço fantástico, com um sol fantástico mesmo a chover vamos para a rua.

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Todos os dias. (risos)

Bloco E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Com frequência. É o que eu digo, todos os dias nós fazemos isso, como educadores aqui faço isso todos os dias em casa faço isso todos os dias, porque é mesmo isso, a natureza dá-nos tudo para nós desenvolvermos a linguagem e eles trazem pequenas coisas... que para eles são grandes coisas mas para nós são pequenas... já estamos cansadas de ver aquilo, mas para eles aquilo é uma grande coisa e nós temos que deixá-los falar, temos que dar tempo para eles digerirem aquilo, para eles explicarem o que é que querem e para explicarem o que é que querem saber mais sobre aquilo e nós temos que saber ouvir primeiro que é para depois explicar.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: Todos os dias fazemos isso, ou seja, a parte do "como é que isto se chama?... isto chama-se uma cana", "e o que é que é uma cana? e para que serve uma cana?", então,

todos os dias na natureza e no espaço exterior nós aprendemos novas palavras. No outro dia uma menina foi dizer para casa que tinha havido um grande acidente na escola... um grande acidente... mãe: "então e que grande acidente foi esse"... então ela explicou que havia penas espalhadas por tudo o que era lado, que havia um gato que certamente tinha matado um passarinho então que havia penas espalhadas por todo o lado, e isto... a grande quantidade de palavras que aqui está, a explicação que aqui está e o desenvolvimento lexical que aqui há porque havia coisas que ela não sabia e então, é o que eu te digo, a natureza dá-nos muito... instrumentos fantásticos.

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: Palavras que eles não conhecem, não sabem o que é eles vão adquirir pela experimentação e pelo questionamento do que é aquilo... No outro dia era uma cobra, porque nós já tínhamos falado em cobras, já tinham visto na televisão mas, visualmente... apareceu uma cobrinha assim mais pequena, mas aquilo não faz mal nenhum. Apareceu uma cobrinha mais pequena, mas para eles o que é que era aquilo... ed: "aquilo é uma cobra"... c: "mas uma cobra tão pequena?"... No imaginário eles veem uma cobra como se fosse uma piton (risos)... por exemplo, uma formiga, um ovo em cima de uma folha... sim, a natureza dá-nos um grande leque porque se eles tiverem visualmente aquilo que eles querem adquirir é muito mais fácil para eles.

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: Sim, sem dúvida temos que nos explicar por outras palavras o que é que significa uma palavra. Por exemplo, quando eu disse que aquele senhor, o Van Gogh já tinha morrido eles perguntaram-me o que é que era morrer eu disse "morrer é desaparecer, ele já não está cá connosco" e, às vezes temos medo de explicar certo tipo de coisas às crianças... Nós valorizamos demasiado as coisas e eles não, simplificam e, se nós explicarmos é preferível explicarmos do que omitirmos porque eles depois vão ficar sempre naquela duvida "mas o que é isto?" e isto vai andar ali a mexer com a cabecinha deles e eles não vão saber. Então temos sempre que dividir aqui o conceito, ir ao conceito em si... e explicar o que é que significa aquela palavra, sem dúvida, sempre.

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Sim, sinónimos principalmente e antónimos também.... Fazemos isso muitas vezes... Tanto uma coisa como outra, porque já é natural... é coisa que é natural neles e natural em nós, ou seja, eles próprios chegam a um ponto em que eles já usam muitas palavras para a mesma coisa, ou então os contrários, eu por exemplo tenho um jogo muito giro com eles.... ed: "então isto é uma batata"... c: "não, tu estás maluca, isso não é uma batata é uma cenoura"... eu própria já digo mal.. para eles depois irem dizer certo... e isto é importante para eles estarem com atenção...

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso académico das crianças?

R: Todas as vivências que eles têm seja, isto a meu ver, dentro da sala, no espaço exterior, em casa, quando vão a algum lado e atenção que se vê muita diferença em crianças que passeiam muito, viajam com os pais vê-se muita diferença. Quanto mais vivências as crianças tiverem mais desenvolvimento... elas vão ter. Nós somos feitos disso, somos feitos de vivências e nós aprendemos com aquilo que vê-mos, não vale a pena falares de uma coisa se não a mostrares porque eles... cada um tem a sua forma de imaginar diferente... uma simples coisa de nós estarmos a fazer uma sessão zoom e combinarmos uma coisa entre educadoras, estamos a falar já entre educadoras e, dizeres assim "então vamos fazer desta maneira", eu imagino de uma maneira, tu imaginas de outra porque nós estamos a falar, a comunicar mas não estamos a mostrar como é que querias. Ou seja, isto acontece com as crianças muito mais.... quanto mais vivências tu deres a estas crianças, maior e melhor vai ser o desenvolvimento académico delas... principalmente crianças que viajam muito e que veem outras coisas nota-se bastante o desenvolvimento delas, por exemplo, quem vai muito ao jardim zoológico, oceanário, kidzânia, ou seja, tudo o que são vivências.... Os pais às vezes pensam que não é importante, e é... e nota-se bastante... às vezes preocupam-se com outras coisas que não são importantes... Neste tipo de vivências, o facto de irem ao parque, à mata, fazer um piquenique, a praia tudo isto, e dentro da instituição muito pelo espaço exterior e pela exploração dele e quanto mais material tu tiveres, mais vivências eles têm, mais aprendizagens eles têm melhor... Vais estimulando o cérebro e o estímulo cognitivo está a funcionar a mil, tens uma plasticidade

cerebral fantástica, principalmente em criança, e quanto mais estímulo tu tens mais ela vai desenvolvendo.

Apêndice IV - Transcrição da entrevista à E2

Tabela 2 - Informações sobre a entrevista da E2

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	05/05/2021
Duração da entrevista	50min

Bloco B - Caracterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Boa tarde e obrigada pela sua participação no meu estudo. Iremos começar com a seguinte pergunta: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas características influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: Ora bem, tenho que dizer dedicada porque em tudo o que entro empenho-me a 100% e dou tudo de mim. Sensível porque trabalho sempre com o coração, sou de lágrima fácil e considero-me mesmo uma pessoa sensível, portanto, acho que nesta profissão, dedicação e esta sensibilidade faz todo o sentido e a empatia, sou muito de me colocar no lugar do outro e como educadora faz todo o sentido.

Q: Quais são as tuas habilitações literárias?

R: Licenciatura em Educação Básica e Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

R: Tenho 7 anos de serviço e estou na Instituição desde novembro de 2020.

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Ora bem, 6 anos foram em creche, apenas 1 foi em pré-escolar numa sala de 3 anos, tudo o resto tem sido 1/2 anos.

Q: Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: Fiz a licenciatura na qual tivemos essas cadeiras, entretanto, comprei alguns livros que a professora Alice tinha recomendando, é algo que vou lendo, guio-me muito pelas OCEPE mas formações em si, acabei por ainda não fazer grandes formações até porque, até à data as instituições onde estive eram elas que nos facultavam as formações.

Bloco C - Percepções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?

R: Somos uma referência, eles aprendem conosco. tudo o que fazemos, eles são esponjinhas que vão absorver, portanto, somos muito importantes.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: Nós aprendemos a fazer... eles aprendem a fazer quando estão envolvidos, portanto, todas as experiências/atividades/momentos propostos por nós vão ser essenciais para essas aprendizagens e para o desenvolvimento da oralidade e aprendizagem da abordagem à escrita.

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: Uma vez que tenho trabalhado essencialmente em creche é muito à base das histórias, canções, opto sempre por histórias com rimas, e lá está, também tenho um grande gosto pela literatura, portanto, acabo por trazer isso para a minha sala, mas essencialmente, histórias, canções. Estou sempre a falar com eles, explico todos os nossos momentos, atividades, ações e na minha opinião, isso é essencial para o desenvolvimento da linguagem.

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: Claro que sim, o que elas aprendem é a criança que estamos a moldar e é como se tornarão no futuro, portanto, todas as aquisições que eles realizem agora na linguagem, todo o campo lexical na abordagem à escrita. Tudo o que nós começarmos agora vai ter influência não só no presente, mas como no futuro.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: É essencial, porque, ainda por cima estamos a falar de crianças de 5-6 anos já vão ingressar no 1º ciclo, é importante que eles tenham um campo lexical grande, que saibam

empregar as palavras de diferentes formas e que tenham um bom vocabulário, senão estarão sempre a repetir "e depois... e depois.... e fui fazer isto, e depois isto...", não, temos de lhes dar estratégias daí considere que abrangermos o campo lexical é uma boa estratégia e forma de contribuirmos para o desenvolvimento.

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: É essencial, eles precisam de atribuir um significado e que tendo esse conhecimento da área envolvente, atribuindo esse significado às palavras conseguimos trabalhar... as vivências são essenciais para as suas aquisições e, tendo um leque tão grande de vivências e de experiências, isso irá contribuir, pelo que, é muito importante.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc.), que atividades/ estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos?

R: Uma vez que costumo trabalhar com creche, vamos muito através das histórias, se tivermos oportunidade de ir para o espaço exterior é essencial, tendo essas experiências, vivências.... depende sempre do grupo de crianças, mas investia nas histórias, no nosso meio envolvente, tentava ir para o espaço exterior, inventava canções de acordo com a área/temática que tivéssemos a abordar e depois também depende dos interesses do grupo, mas tentava corresponder aliando os interesses à temática, aproveitaria também os recursos da instituição, a nossa área, teria um bom potencial.

Bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: É a verdadeira brincadeira livre. Uma exploração ativa, lá esta, eles estarem com os elementos da natureza e terem a total liberdade para o explorar da forma que entendem, explorando todas as potencialidades dos elementos e criando as suas brincadeiras e, estarem a ser crianças felizes recorrendo aos elementos da natureza, para mim essa é a melhor exploração ativa e é, onde acontecem as aprendizagens mais ricas, mas obviamente que nós podemos e devemos orientar, mas a exploração ativa é tudo o que parte deles.

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: Aqui temos muita sorte, temos este espaço exterior que é incrível, portanto, basta sonhar que aqui dá para realizar, temos mesmo muita sorte. Temos um grupo bem consciente da área envolvente e destas potencialidades todas que pede para ir para a rua e, até nós gostamos de ir para a rua e realizar todas as atividades, e temos de aproveitar esta maravilha. Porém, esta é a primeira instituição que tive esta sorte, já tive em instituições em que não havia um bocado de relva, nem jardim, era só cimento e aí, todas as explorações da natureza era eu que levava para a sala, desde terra, a fazermos uma pequena horta, explorar pedras, areia, fosse o que fosse, tudo o que possamos imaginar da natureza tinha que ser levado para a sala e era uma loucura. Era uma verdadeira exploração, as crianças adoravam, nós adultos também, aí era algo que corria sempre tão bem, e que tinha tantas potencialidades e tantas oportunidades que eu realizava com frequência.

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: Adoro, é o mais importante, é onde estão as melhores aprendizagens.

Q: Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê?

R: Aqui sim, todas as semanas vamos. Não dá para irmos todos os dias por causa das restrições da covid, temos uma cozinha de lama que é partilhada pelas 3 salas (creche), portanto, temos que conjugar. Uma vez que são só 5 dias, é um dia para cada sala e depois o 4º e 5º dia são trocados. Também depende sempre das condições climáticas. Infelizmente nem sempre tem dado, mas agora a semana está a ser maravilhosa e tem sido, rua, rua, rua....

Q: E por exemplo, fora da instituição? Tens por hábito, por vezes, ir para fora da instituição explorar esses elementos da natureza?

R: Eu sei que é possível, e é algo que costuma acontecer, mas de momento devido às imposições e restrições devido à covid não tem acontecido, mas lá está, não é só a minha sala é devido a esta situação, porque se pudesse faria com muita frequência. É importante as crianças conhecerem a área envolvente, saírem deste espaço e conhecerem o que nos desenvolve. Lá está, para além de estarmos a sair, de estarem a conhecer a área envolvente, estamos também a trabalhar as outras competências, desenvolver outras

capacidades, como o estar na rua, respeitar as regras, atravessar a passarela, todas estas pequenas coisas são essenciais e vão ficar para sempre. Temos que ver que estamos a construir e a moldar o futuro, portanto, estas experiências e vivências têm uma relevância muito mais importante do que os pais pensam. Por exemplo, quando dizemos "vamos ali à mata", parece simples, mas o irmos à mata implica irem de forma ordenada, respeitando os colegas, animados que vão sempre, a cantar, observando, falando com outras pessoas. Também é importante a comunidade ver estas iniciativas das instituições, e as crianças vão a um sítio diferente, têm outra postura, e tudo isto é importante. Temos de sair sempre um pouco da nossa zona de conforto, e estas experiências é fazê-los sair um pouco da sua zona de conforto, mas ao mesmo tempo, dar ferramentas para crescerem desenvolvendo outras capacidades e competências.

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sim.

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Tem, é super importante. É algo que só vendo, as crianças adoram a natureza, adoram esta exploração e se lhes dermos liberdade fazem coisas incríveis, existem muitas aprendizagens, construímos projetos e descobertas que é de ficarmos sem palavras. Eles estão envolvidos pois é algo do interesse deles, e têm tantas potencialidades e estando envolvidos, com interesse e despertados para a brincadeira... é aprender a brincar. Eles estão a aprender a brincar. Eles adoram brincar, e através disso estão a fazer conquistas e aprendizagens incríveis.

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sim, sim, eu quero esta estratégia. Eu gosto desta estratégia. Para mim é o que faz sentido, nota-se o desenvolvimento de todas as áreas, é incrível o que o exterior nos oferece. As potencialidades do exterior e as observações que até à data já realizei, é incrível.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?

R: Espaço exterior, terceiro educador faz todo o sentido. Eles estão envolvidos, é o espaço educativo, neste caso, é o meio que os envolve e estando envolvidos é quando aprendem.

Nós temos que estar interessadas, predispostas para uma atividade, seja para o que for, para essa situação para aprender e para absorvermos, assimilarmos. Com eles é exatamente o mesmo, se lhe dermos potencialidades, e dermos espaço exterior que é um mundo de possibilidades, se lhe dermos todas as aprendizagens possíveis através da brincadeira está tudo feito, temos o terceiro educador e neste caso. as crianças são os principais agentes da sua aprendizagem, eles são o primeiro educador, nós ali estamos para apoiar, facilitar para sermos o segundo educador neste caso, e tendo o espaço exterior, estas potencialidades e possibilidades todas, está tudo alinhado para realizarem aprendizagens significativas, e contribuirmos para um excelente desenvolvimento global da criança.

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Uma vez que estou em creche, realizo com frequência pelo menos 1x por semana vamos ao espaço exterior. Temos a cozinha de lama, que é algo que adoram. O que costumo fazer aliando o terceiro educador com os elementos da natureza é deixar explorarem livremente, e vou de forma sutil percebendo as brincadeiras, ver o que estão a fazer e vou de acordo com a criança, e a sua idade, vou estimulando as diversas competências e orientando-os para os desenvolvimentos. Por exemplo, quando estão crianças mais velhas a colocar pedras em fila incentivo uma contagem, ou, ordenar por tamanhos. Quando é uma pedra/pau dá para incentivar padrões, lá está, aqui estamos a incentivar às noções matemáticas, mas temos também a linguagem. Dá para alargar o vocabulário. Temos também a formação pessoal e social, que é incrível. respeitar a vez do outro, a partilha, o brincar em conjunto.

Bloco E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Foi o que eu já disse anteriormente, nesta instituição temos muita sorte, temos um espaço exterior incrível, portanto, o que eu fazia antigamente que era levar os elementos da natureza para dentro da sala. Neste momento já não o faço porque é só descer as escadas/rampa e temos aqui um mundo cheio de possibilidades, rico em aprendizagens e elementos da natureza. Faço semanalmente, isto porque, conjugo com todas as outras

atividades/projetos que estão a decorrer na sala. A minha forma de trabalhar é geralmente introduzir um tema com uma história, fazemos a abordagem da história, abordamos algumas canções, fazemos trabalhos plásticos sobre isso, então temos sempre a exploração na rua.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: Claro que sim, é o que temos estado a abordar. Eles apresentam interesse pela rua, e infelizmente é uma área que tem estado a ser um bocado descorada, cada vez têm menos contacto com a rua e já não brincam tanto como se calhar, como nós (adultos) brincávamos na nossa altura, que era correr para a rua, subir arvores e chegávamos a casa todos sujos e era uma animação. Agora infelizmente não têm essa possibilidade, são poucas as crianças que têm esse contacto, e muitas vezes esse contacto só acontece na instituição. Aliando a isso, que é um dos interesses deles e um dos nossos pontos fortes da nossa instituição, algo que eu me identifico e que tento colocar diariamente na minha prática, aliando a estas possibilidades da natureza ao campo lexical dá para fazer tudo, porque têm a terra, elementos de diversos tamanhos, texturas, dá para abordarmos tudo. Basta sonhar, idealizar, imaginar que acontece, sairmos da nossa caixa que conseguimos fazer tudo, e aqui temos muita sorte. Se dermos o nosso melhor, trabalharmos com o coração, tenho a certeza de que estamos a desenvolver não só campo lexical como tudo.

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: Sem dúvida. Ainda a semana passada tivemos um exemplo disso, temos um projeto na sala que são as diversas texturas, tivemos a fazer painéis sensoriais, estamos a trabalhar esta parte uma vez que é creche, é dos nossos interesses e do que temos estado a desenvolver são as explorações sensoriais. Chegámos à rua tivemos crianças a começar a brincar na rua e a dizer "é fofinho", entretanto também podemos dizer que é macio, são pequenas coisas. Alguns elementos da minha sala já estão a fazer os três anos, portanto, especialmente nos mais velhinhos noto esse salto. Conseguem trazer o que estamos a abordar na sala para a rua e, vice-versa e associam todos os estímulos, todas as aprendizagens que estamos a realizar. Estavam a brincar com a terra a dizer que era "fofinha", a mexer, depois, entretanto na relva, estavam a sentir tudo. Diziam também que a cozinha era dura, e andaram entretidos a sentir, deu para aproveitar e para aumentar o campo lexical, dando outro significado do "fofinho", abordamos o "macio".

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: É possível e, acho que é uma estratégia bastante interessante e através da qual dá para abordar diversas coisas, mas, neste momento e tendo em conta a minha prática, não me estou a recordar de já o ter feito. Tenho estado essencialmente em creche, alguns anos com crianças de 1 ano, que estão nessa fase de dizer as primeiras palavras. Se calhar já o fiz, porque é intuitivo, mas de momento não me recordo. Obviamente que é algo a ponderar e que deve ser realizado, pois foi o que já abordámos anteriormente, os elementos da natureza e espaço exterior têm imensas possibilidades, portanto, é algo a fazer.

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Sim, realizamos isso com frequência especialmente com as crianças mais velhas, como quem diz, creche que estão a fazer os 3 anos, mas costumamos realizar com eles. Com os mais novos não consigo realizar porque ainda não falam, mas sim, costumo realizar e porque é uma forma de estarem a alargar o vocabulário, estão a desenvolver a linguagem, a atribuir outros significados e é estarmos a aproveitar o espaço exterior e tirar proveito de tudo.

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influência percurso académico das crianças?

R: É o que já abordamos anteriormente, eles aprendem através das experiências e das vivências e, tudo o que eles absorverem agora irá moldá-los e, irá ser essencial para o futuro. Por exemplo, estes pequenos significados e alargar o vocabulário, atribuir diversos sinónimos será uma mais-valia quando ingressarem no 1º ciclo e, realizando estas conquistas e aquisições de uma forma divertida e correspondendo aos interesses deles e ainda partindo da natureza que é algo que eles adoram, não existem melhores aprendizagens.

Apêndice V - Transcrição da entrevista à E3

Tabela 3 - Informações sobre a entrevista à E3.

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	14/05/2021
Duração da entrevista	40min

Bloco B - Caracterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas características influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: a primeira organização, porque sou uma pessoa extremamente organizada, já vem do meu tempo de faculdade sou muito metódica, organizada naquilo que faço. É verdade que na prática, tal como eu te disse, é um bocado difícil de às vezes seguir essa organização porque no nosso ano letivo temos montes de festividades, que depois atrapalham a nossa organização de grupo. Depois temos de seguir o nosso PCG (Projeto Curricular de Grupo), e pronto, é normal que nem sempre consigamos ser. A minha organização influencia muito o meu trabalho na medida que tudo tem um fio condutor, tudo tem um seguimento, parte de eu também criar sistemas que me ajudem na organização como tabela da atividade quem fez e quem não fez... pronto para me levar ali mais organizada, para saber quem já realizou a atividade quem não realizou. Outra palavra, afetividade porque acho que faz parte da nossa profissão e é muito essencial, mesmo para teres o controlo nas crianças e conseguires levar o teu grupo e, mesmo transmitires aquilo que são os teus valores... Investigação porque sou uma pessoa que gosta muito de aprender, procuro muito aprender, ler, sou uma pessoa que adora a teoria e que procura muito por saber e trago esses saberes sempre para a prática e que é possível e praticável.

Q: Quais as suas habilitações literárias?

R: Tenho mestrado em educação pré-escolar.

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

I: Estou no meu terceiro ano de atividade, não foram anos completos porque eu ia fazer sempre substituições de gravidez. Portanto, o meu primeiro contrato foram 10 meses, o segundo de 1 ano e este está a ser de 1 ano também e, estou aqui na escola desde setembro de 2020, portanto estou há poucos mezinhas aqui.

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Portanto, os meus dois primeiros contratos foram em creche, portanto, 1 e meio, 2 no máximo. Este é o primeiro ano em jardim-de-infância, portanto, tenho 8 meses.

Q: Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: Fiz a licenciatura na universidade do Porto, sou de lá de cima. Decidi abrir horizontes e vim realizar aqui o mestrado. Fora do mestrado não, mas dentro sim, foi a minha área de investigação e pronto, todas as formações que eu consigo encontrar na área.... é a minha área de interesse, aquilo que procuro mais.

Bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?

R: Toda a importância, acho que nós que trabalhamos na parte da primeira infância somos os maiores promotores do desenvolvimento da criança e, quem diz da linguagem diz tudo o resto do desenvolvimento holístico da criança como um ser não setorizável. Eu como também sou da área sou muito atenta a essas questões, mas acho que faz parte, que a linguagem também é basilar. Acho que o desenvolvimento... até porque, lá está, como um ser não setorizável se a linguagem estiver atrasada ou se houver alguma complicação no desenvolvimento da linguagem acho que há partida todos os outros setores do desenvolvimento poderão estar a ser prejudicados, portanto, atribuo toda a importância ao desenvolvimento da linguagem.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: É assim, a partir do momento em que nós criamos uma rotina, em que nós verbalizamos, cantamos o bom dia, fazemos histórias no tapete da manhã, partilhamos novidades acho que tudo isso envolve a linguagem. Envolve expressão, comunicação, portanto, todas as pequenas atividades ou atitudes que nós temos inconscientemente

estamos a influenciar a linguagem. O simples facto de em creche verbalizarmos o momento de mudar a fralda, trazermos muitas canções... Em jardim-de-infância, eu sinto muito isso, o momento do tapete já deixa de ser tanto de canções, mas passa mais por eles quererem falar, partilhar novidades... Toda essa rotina envolve muito a linguagem não só as atividades direcionadas que nós fazemos... o trazer uma história de propósito... acho que toda a rotina envolve linguagem nós é que não nos apercebemos porque já faz parte de nós

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: Mais uma vez vou pegar na rotina... a rotina, depois também o simples facto de estarem a falar, ainda anteontem surgiu, nós estávamos a falar de qualquer coisa morrer e eu disse faleceu, e eles "o que é que é falecer?", porque eles estão habituados a ouvir a palavra morrer... O facto de ter dado enfase a isso já estou a expandir o vocabulário, a levar para o lado do léxico. Hoje estava a contar uma história falei sobre madrasta e padrasto, que não sabia sequer o que isso era... Acho que é muito por ai, brincar com a linguagem, com as rimas, lengalengas, tudo o que seja trazer novidade, palavras novas ou estranhas é sempre um interesse para eles... "eu não conheço essa palavra, o que é que isso quer dizer?", e as vezes são coisas simples, mas lá está... aqui no jardim-de-infância é muito jogar com a curiosidade deles, lançar palavras eles vão apanhar...

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: Lá está, a criança é holística, portanto, o desenvolvimento da linguagem... Claro que há varias formas das crianças se expressarem e comunicarem e nós compreendemos quando um bebé está incomodado através do choro, essa é a primeira forma de linguagem, por exemplo... através do choro, através da chamada de atenção, mas acho que, a partir do momento que haja realmente ou possa haver um atraso na linguagem vai afetar todos os outros campos, porque nós sabemos que a compreensão antecede a produção. Se houver ali alguma dificuldade na compreensão, tu ao pedires uma pequena ordem à criança ou fazeres uma pergunta que ela não compreenda é normal que outros âmbitos, nomeadamente o emocional ou até o físico, não se conseguir expressar sobre as suas necessidades ou não conseguir chegar até ao adulto. Acho que isso vai influenciar todos

os outros meios, todos os outros conteúdos, áreas do saber, de desenvolvimento. É holístico, tudo acontece de forma natural e integrado.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: Toda a importância (risos). Acho que é muito importante, quanto mais nós instigamos as crianças e quanto mais nós damos a oportunidade para que elas desenvolvam o léxico e, haja um ampliação de desenvolvimento lexical e do campo lexical, portanto, depois temos o passivo e o ativo..., mas acho que quanto mais nós proporcionarmos oportunidades melhor, até para a vida futura e para o seu desenvolvimento no futuro e acho que tem toda a importância. Quanto mais eles compreendem mais facilmente para eles será integrar num contexto, mesmo a nível da questão da pré-leitura, tudo. Nós temos um papel fundamental nisso, sem dúvida.

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: Vamos falar em jardim-de-infância, neste caso. O facto de eles já comunicarem uns com os outros e, muitas vezes utilizarem palavras também desconhecidas, ou, lá está, trazer uma história que tenha uma palavra diferente. Eu acho que está tudo muito interligado, acho que eles como crianças... e mesmo manipular as coisas, os objetos, lá fora ou na sala. Muitas vezes eles têm aqueles objetos da cozinha que são de plástico e nem sempre conseguem identificar, porque já não têm cor... devolver a questão c: "ó Fânia o que é que é isto?"... ed: "o que é que tu achas que é isto?"... ou mesmo com histórias, canções, tudo... é tudo muito em volta do mesmo, tudo o que seja para despertar a curiosidade, devolver a questão ou mesmo a conversa entre eles, c: "como é que tu sabes o que isso é?", ou, "o que é que é isso? eu não sei, explica-me lá"... Acho que faz parte, e mesmo em grupo, entre crianças é muito interessante ver isso.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc.), que atividades/

estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos? Por exemplo, através da noção de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.)

R: Aconteceu por exemplo na Páscoa, pela simples questão de o coelhinho trazer ovos... c: "o coelho põe ovos" e eu tentei explicar ed: "sabem que os coelhos não põem ovos... isto é uma imagem comercial...". A partir daí fizemos a categoria dos animais que põe ovos e o que são mamíferos como nós, através de imagens, mapa de ideias, coisas assim. É tudo muito prático, acho que não só verbalizar, mas sim trazer exemplos práticos. Por exemplo, aproveitando também o que vem de casa apesar de estarmos em tempo de covid, uma menina trouxe um livro sobre lengalengas e eu deixei lá um livro um bocadinho de quarentena, uns dias. Depois desenvolvi as lengalengas... tinha lengalengas, rimas e adivinha com eles. Portanto, é tudo brincar também com a linguagem... os livros têm imagens, eu leio o que lá está, eles veem as imagens, fazemos adivinhas... é engraçado toda esta partilha. Mais, o que é que eu faço mais? Às vezes a simples divisão silábica com as palmas, ou em conversa, ou palavras que rimam... a história da mosca fosca é muito boa para isso, nós estamos a explorar essa história porque vamos fazer a exposição sobre a mosca fosca..., portanto, todos os nomes das personagens rimam... ed: "então vamos arranjar uma palavra que rime com o teu nome, e o teu nome.... etc.", então cada um tentou arranjar uma palavra. Todas essas atividades são ricas e contribuem para o desenvolvimento e alargamento do desenvolvimento lexical... do desenvolvimento da linguagem no geral.

Bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: É assim, não sei se exploração ativa tem algum conceito por trás, mas para mim a exploração ativa é deixá-los explorar na sua forma mais livre, mais.... não é básica, mas na sua forma mais crua. É deixá-los explorar sem haver uma atividade orientada, intervenção do adulto. Dar a oportunidade, dar os materiais, dar o tempo e espaço que for necessário e a criança agir sobre, portanto, construir o conhecimento sobre. Aproveitar aquilo que eles já sabem.

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: Claro que sim, sempre que possíveis. Se não é possível pegar nos meninos e ir lá para fora, então vamos trazer o fora para dentro... Isso há sempre formas de contornar as situações.

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: É muito importante. Cada vez mais se fala em libertar as crianças, cada vez mais eles estão presos aos ecrãs e acho que nós, nisso temos um papel muito fundamental e nesta escola somos superprivilegiadas, nesse aspeto. Se em casa nós vemos que há uma grande estimulação de ecrãs, porque nós ouvimos o que eles dizem e sabemos o que é que eles fazem em casa. Não vou julgar porque não sei o que é ser pai nem mãe, portanto, nada contra, mas aqui? Não. É o máximo tempo lá fora possível, é sempre que possível... É ótimo deixá-los explorar, eles são muito mais felizes quando estão livres... isso afeta muito a capacidade de concentração deles... Se lhes deres um tempo para eles extravasarem e correrem, e gritarem esta tudo bem, a seguir conseguem muito facilmente retomar a calma.

Q: Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê?

R: É assim, fora da instituição ainda não me foi possível, porque estamos com o covid e essas coisas todas, mas sim, sempre fora da sala. E é o que eu digo, quando eu às vezes não consigo ir lá fora trago e ao contrário também... Imagina que eu tenho prazos para cumprir, coisas para fazer... uma mezinha lá para fora, tintas lá para fora. Eles ajudam-me a levar as coisas e ficamos lá fora enquanto eles brincam eu vou chamando um a um ou pequenos grupos e fazem. Sempre que possível lá fora.

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sempre.

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Eu confesso que vir para aqui mudou também muito também essa visão porque nunca tive numa escola que tivesse um espaço exterior tão bom e tão importante... Portanto,

acho que sim, comecei a perceber que tê-los na sala era acumular muita energia deles e é muito difícil de os manter concentrados, outra vez, volto a realçar. Mantê-los concentrados.... Sabes que eles são crianças mas quando tu estás numa sala a tentar fazer um trabalho individualizado ou em pequeno grupo e tens tanto ruído á volta, isso a ti acaba por te incomodar porque não te estas a concentrar e se calhar eles também não... e nesta escola eu aprendi muito isso, é levar as crianças lá para fora, as coisas lá para fora ou trás de fora para dentro... portanto, é muito importante e mudou muito a minha visão mesmo como educadora e eles ensinaram-me muito isso... A sede que eles têm de ir brincar, de ir lá para fora e depois acaba por ser tudo uma negociação também "ok, fazemos o bom dia no tapete e a seguir vamos lá para fora", e alguns até perguntam c: "então não íamos pintar...?"... ed: "então vamos levar lá para fora, mas vocês têm que me ajudar a levar, portanto, vamos negociar aqui esta parte". Mudou muito a minha forma de ver, mesmo o grupo e a escola.

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sim.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?

R: Acho que sim, eu encaro o espaço exterior como um terceiro educador da mesma forma que também encaro o ambiente de sala como um terceiro educador, portanto, sempre que não há possibilidade de ir lá para fora temos que criar as oportunidades cá dentro... o espaço exterior como terceiro educador é excelente, porque olha, não dá trabalho, uma pessoa está tranquila, eles já têm todas as ofertas... Mas sim, encaro muito como isso porque é um sítio que tem todas as potencialidades tal como se fosse um adulto. Eu posso criar as oportunidades, mas o espaço exterior já as crias, portanto, sim, é como se fosse um educador sem dúvida.

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Sempre que possível. Faço... é claro que tenho outras coisas para cumprir como as festividades, que infelizmente ainda fazem muito parte da educação de infância... Mas sempre que me é possível é aproveitar os elementos lá de fora e, fazer... nem que eu tenho de cumprir as atividades das festividades. mas vou buscar coisas lá fora e utilizamos os materiais lá de fora... natureza... os ovos da Páscoa foram feitos assim, com elementos da

natureza (folhinhas, flores) ... depois tem aquele lado que não devemos arrancar, mas pronto, a mãe natureza nesse dia deixou.

Bloco E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Sempre, todos os dias, de várias formas.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: Eles vão lá para fora ed: "olha, o que é isto?", por exemplo... Tem toda a potencialidade, tem tudo, mesmo com os antónimos podemos ver folhas grandes, pequenas, o céu está de dia, de noite, oposto... coisas assim, é muito por aí, tem muitas potencialidades...Tudo tem antónimos, se é macio se não é macio, se é pesado, leve... Mesmo com as folhas, as arvores, as florzinhas que caem é exatamente a mesma coisa... Podes explorar muito ali a linguagem, os antónimos, sinónimos, conceitos de palavra, tudo.

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: Claro, não só pela definição dos conceitos pelo aquilo que tu estás a dizer "o que é isto?" e tu defines, mas também pela brincadeira, os processos naturais.... por exemplo, outono há mudança de estação as folhas passaram de verde a castanho, vais explicar porquê... estás a aumentar o capital lexical. Os antónimos, outra vez (risos), tu definiries "o que é aquilo, como podes fazer, como nasce a semente..." uma simples atividade de plantar uma horta... tudo o que possas aproveitar, acho que sim, consegues aumentar muito o capital lexical.

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: Sim, lá está, sempre que eles têm alguma dúvida em relação a uma palavra... eu faço muito isso, dentro e fora da sala, como eu digo... eu tento sempre provocá-los usando palavras diferentes... é assim, maior parte das vezes eu digo-lhes qual é o significado da palavra utilizando a palavra que eles conhecem, o exemplo do morrer e falecer... eu vou

sempre buscar, não tanto o que é que nos faz morrer, mas sim, a outra palavra. Nós utilizamos sempre o "morrer", mas podemos utilizar "falecer". Se calhar é menos forte... Hoje também com a madrasta e o padrasto utilizei muito o significado... fui dizer o que é que significava... Fui desconstruir a palavra e cheguei até ao conceito, expliquei... Utilizei o meu exemplo que a minha mãe tem um namorado e esse namorado da minha mãe é o padrasto... eles "aah, já percebi... é que o pai e a mãe arranjam outra pessoa"... ed: "sim, apaixonam-se... é isso mesmo".

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Sim. Porque acho que é importante para o capital lexical... É o que eu digo, quanto mais eles compreendem mais fácil será para eles... não digo... não estou a realçar isto como se fosse uma preparação para a escola, porque não vejo o jardim-de-infância... em qualquer contexto que eles possam estar, eles vão sempre compreender essa palavra porque se eles conhecerem a palavra, eles vão conseguir colocar diante de um contexto... ou, interpretá-la dentro de um contexto, vão sempre adaptar aquilo que precisam... portanto, é acho que é muito importante mesmo para a vida deles, para tudo. Muitas vezes até para as conversas de adulto que supostamente eles não percebem, mas eles estão lá a ouvir tudo e a captar tudo...

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influência percurso académico das crianças?

R: Eu acho que sim... Quanto mais eles compreenderem mais fácil será para eles, em todos os aspetos. Tanto a nível de contextualizar a palavra ou de tentar "ok... eu conheço o significado desta palavra... esta palavra... a pessoa disse esta palavra nesta frase... ok, então qual é o contexto?", isto claro que é um pensamento um bocadinho mais à frente, mas lá está, o percurso académico a partir de agora vai ser a vida deles... Já foi a nossa... As minhas colegas dizem que eu sou uma pessoa que fala muito bem, escreve muito bem e é o que eu digo "quanto mais tu lêes mais tu adquires vocabulário", tu vais conseguir aplicar.... as crianças, elas não leem, mas quanto mais tu deres oportunidade, quanto mais tu instigares, apostares nisso melhor para eles... acho que a nível de vida para eles em tudo, não só no percurso académico.

Apêndice VI - Transcrição da entrevista à E4

Tabela 4 - Informações sobre a entrevista à E4.

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	11/05/2021
Duração da entrevista	1h05min

Bloco B - Caracterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas características influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: Diria resiliente, consciente e solidária. Temos que ser solidários uns para os outros e, gosto muito de ajudar quem eu posso ajudar e, se transmitir isso para as crianças é bom... As três palavras conseguem-se completar.

Q: Quais as suas habilitações literárias?

R: Tenho o mestrado.

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

R: Contando com o estágio profissional, mais ou menos 18 meses que estou aqui nesta Instituição.

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Só tenho em creche, maioritariamente. Estagiei aqui (universidade) e depois em estágio profissional, também em creche e pré-escolar a única experiência foi com o mestrado.

Q: Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: Fiz a licenciatura e o mestrado no Algarve, em termos de formações para esta área não tenho em concreto, mas penso que todas as formações que vamos dá sempre para associar à área da oralidade e escrita. É algo que vamos aprendendo porque tudo o que fazemos tem haver com esta área, por isso todas as formações que agarremos ou aprende consegue nos guiar para todas as áreas especialmente nesta...

Bloco C - Percepções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?

R: A linguagem é muito importante e é a partir dela que comunicamos e, temos uma grande responsabilidade onde por vezes é muito difícil porque também damos erros ou, utilizamos uma fónica incorreta porque todos temos as nossas dificuldades, no entanto, é muito importante. Temos que ter cuidado com a linguagem porque se eles aprendem connosco... em casa e aqui também... devemos ser conscientes com a maneira que falamos com eles, como dizemos as coisas porque é através daí que vão conseguir comunicar também. Em creche, no início com os 18 meses eles não comunicam, mas utilizam o olhar, e penso que também seja linguagem pelos olhos, gestos e também, é o início da linguagem... em creche verbalizam de outra forma, com o corpo que também é comunicação, linguagem e um olhar basta. Há medida que vamos conhecendo a criança vamos compreendendo que aquele gesto quer dizer alguma coisa, se está incomodado, quer alguma coisa ou água.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: Pensamos que quando estamos envolvidos na rotina que eles não estão a aprender algo, muito pelo contrário, ainda mais atentos de quando são atividades orientadas. As atividades de rotina fazem com que estejam mais atentos e percebam, é nesses momentos que eles aprendem mais com a linguagem. Nesta fase (creche), a repetição leva a que desenvolvam mais porque tudo o que dizemos eles vão dizer também em casa e então, tudo o que fazem em casa também trazem para aqui. Tudo o que fazemos no dia-a-dia é importante.

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: Gostamos muito de canções... a memória, esta tudo envolvido... as histórias que é o tomam mais atenção e já sabem de cor, e não precisamos de contar porque digo uma frase e eles já sabem. Estamos a treinar aqui também a repetição, tudo o que tem haver. A

canção começa nos pequenos é bom, onde pensamos que é só uma canção, mas não, estamos também a treinar a palavra, os sinónimos/antónimos que surgem (ex.: o gato/a gata) e através de uma canção eles chegam lá.

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: Quando compreendemos o que eles disseram sentem-se concretizados, ou seja, isso dá-lhes capacidades... por exemplo "ok, ela percebeu-me. Não tenho que ter receio no que faço, se ela me compreendeu quer dizer que as outras pessoas também me vão compreender", e isso dá mais confiança à criança, porque ao ter essa confiança consegue ultrapassar todos os obstáculos que possam vir, desde subir escadas porque tudo tem haver... ou seja, se nós percebemos ela vai pensar que alguém compreendeu o que disse e ao darmos essa confiança, vai ter confiança em tudo o que faz e estamos a ter um todo.... basta uma linguagem, uma conquista e já dá outro rumo, motivação à criança que é isso que queremos.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: Tive a experiência de descer com eles e noto uma grande diferença, também a forma como eles dizem... usam outras palavras que não utilizavam antes. Por exemplo, já utilizam os porquês "e porquê? porque é que estás a fazer isso?", há uma outra evolução do lexical e uma outra compreensão. Antes o "papa" é comida... a partir de uns meses eles dão um pulo. Depois quando chegarmos ao verão já estão a falar de uma forma tão boa, têm outro conhecimento e é através das canções, vivências com os pais... ao serem estimulados dá-lhes mais curiosidades para saber mais e assim, aumentam as palavras.

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: Contribuem muito, por exemplo, estamos a arrumar as camas e damos-lhe livros e há um livro que são sobre animais, e começam a perguntar o que é depois de lhes

explicarmos e vão decorando ou memorizando. Também na rua questionam o que se passa à volta deles "o que é isto" e aí respondo que é uma oliveira, ou seja, quando foram passear com os pais já vão dizer que é uma oliveira, pois tudo o que eles aprendem trazem para aqui ou ao contrário.... "eu hoje fui à praia" e aí perguntamos o que viram na praia, porque todo o nosso meio envolvente tem haver com o crescimento da criança em termos de linguagem e, depois trazem e mostram aos colegas... e dizem que foram à praia, o que viram...quando era possível antes do covid traziam algo para mostrar e tudo isso tem uma grande importância para a criança, porque é algo que ele aprendeu e quer mostrar aos outros, porque tudo tem uma resposta.... faz sentido... é necessário a criança trazer uma vivência de fora para crescer e neste caso, no desenvolvimento da linguagem.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc.), que atividades/estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos? Por exemplo, através da noção de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.).

R: No início da manhã (durante o momento do tapete) ... digo "quem está ao lado de quem", já percebem que ao lado fica algo, que está alguém ao meu lado... também uso o "cima, atrás", "de baixo, em cima". e ao utilizarmos todos os dias eles vão compreender. É na nossa rotina, mesmo quando não estamos numa atividade orientada estamos a explicar tudo... que tem haver com o desenvolvimento da linguagem, a semântica... os contrários. Tenho uma vivência engraçada de uma menina que tinha acabado de chegar e ela disse "eu sou rainha, a mamã é rainha e a Mariana também é rainha... e o pai é uma rainha" e eu disse que o pai é um menino, um homem então não pode ser rainha... e ela "pois não", ou seja, fi-la chegar a algum sítio e depois expliquei se a mãe é rainha e ela é rainha, o pai é rei e ela respondeu "ah sim! é rei", ou seja, são pequenas vivências que ela trouxe de fora não foi algo que eu disse e eu completei e ajudei, neste caso, a perceber

Bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: Temos muita sorte aqui nesta instituição, porque temos um jardim imenso e às vezes não precisamos de proporcionar muita coisa basta eles entrarem no jardim e cada um faz o que quer, e penso que isso é a exploração ativa, ou seja, deixar a criança explorar à sua vontade encontrar seja um pau, uma pedra subir uma árvore. Nós estamos lá, mas como observadores e facilitadores de atividade... Ao terem este jardim eles próprios criam as suas brincadeiras, e ao brincar chegam a uma aprendizagem significativa e penso que a exploração ativa é muito melhor do que, uma atividade orientada por mim ou por outro adultos porque normalmente temos o hábito de proporcionar uma atividade orientada, mas vemos que atividades de exploração livre da criança são muito mais rica do que uma atividade orientada. Podemos fazer um prolongamento e levar para o jardim a atividade orientada e vai ser muito mais rica.

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: Sim, são possíveis e cada vez mais temos essa consciência que os elementos naturais são mais abertos. Ao termos aqueles brinquedos considerado fechados, como uma boneca e através dela consigo fazer o faz de conta e tudo isso, mas através de um pau ele pode ser tudo desde uma colher, um avião e ao ser assim tão aberto ele é tudo... nós temos parte soltas como a cortiça, ou pinhas e eles vão fazendo as próprias construções ou inventam que é um dinossauro e é muito mais livre, dá abertura para a criança criar o que quer. Infelizmente não podemos sair devido ao covid, mas podíamos ir à mata e iam ter uma vivência muito melhor... às vezes o nosso jardim que nos deixam algumas coisas e eles próprios conseguem fazer o que querem

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: Essa exploração livre, por exemplo se for o facto de subirem uma árvore ao terem conseguido, quando encontrarem alguma dificuldade que eles tinham vão conseguir superar porque ao superarem o obstáculo na rua que era subir uma árvore dá-lhes capacidade de ter confiança para conseguirem, por exemplo "se eu consigo subir a uma árvore consigo atar uma sapatilha também", ou seja, todas as conquistas no exterior dá-lhes mais confiança para o dia a dia. Pensamos que é só subir uma árvore, mas não é uma conquista.

Q: Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê?

R: Agora devido ao covid não podemos sair da instituição, mas somos sortudos porque temos um espaço enorme apesar de estar dividido, onde se uma colega estiver num sítio a outra vai para outro, estamos sempre a rodar o que dá a oportunidade para outras crianças como o escorrega. Por exemplo, como um escorrega é mais pequeno é destinado para a creche mas se formos para os do pré-escolar já dá outro desafio e, é mais alto...Recorro muitas vezes, porque acho que as crianças precisam, precisam de libertar e temos a rotina... precisam-se de libertar e é tão bom... aprendem tanto... gostávamos de ter mais coisas para trazer e terem tudo para explorar... ao termos mais coisas as crianças vão estar mais confiantes e saem daqui, conseguem fazer tudo porque depois daqui da creche e do pré-escolar e vão para o 1º ciclo que já é outra coisa, envolvência.... eles gostam muito e depois o "problema" é tirá-los...

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sim, tenho apostado mais. O covid fez-me pensar muito, e agora comecei com as formações onde aprendemos um bocadinho e começamos a refletir "que educadora é que eu quero ser" então comecei a estudar, que nós estamos sempre em constante formação e foi há pouco tempo que uma pessoa saiu do curso. Visto que nós temos um grande jardim e temos tantos elementos à nossa volta que nós podemos trazer... tento muito apostar em coisas naturais... nem sempre consigo, é possível, mas sempre que possível tento procurar atividades e estratégias que possam... pronto, com coisas pequenas que não tenha que gastar muito dinheiro, quando posso trazer coisas pequenas... ou com tintas naturais, com terra, temos as nossas cozinhas de lama... trago muitas vezes o que temos da rua para a sala porque é outra experiência...

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Foi como já tinha dito... subir as árvores e eles vêm que têm outra capacidade, outra vontade, confiança de conquistar tudo... tentam ser mais independentes do que pedir tanto a ajuda do adulto, e às vezes somos nós que vamos lá "precisas de ajuda" e eles dizem que já não... pensam que "se eu consigo fazer aquilo na rua consigo fazer também aqui, e não preciso de ajuda"... temos que deixá-los ser mais independentes e penso que tem tudo

haver com isso, deixar ser mais confiantes, independentes e conscientes de que conseguem fazer, dar sempre essa segurança "tu és capaz", muitas vezes dá ouvimos com esta idade (2 anos) "eu não sou capaz, eu não consigo"... ao darmos oportunidade de experimentarem lá fora, damos oportunidades para conseguirem fazer qualquer coisa.. somos muito protetores, muito.... parte do ser humano ser protetor, de segurar o que é nosso, mas também temos que ter consciência que se não lhe dermos a liberdade não vamos ter crianças independentes, vamos ter crianças cada vez mais dependentes do adulto, ou de outra pessoa que esteja ao seu lado e temos que pensar nisso cada vez mais, porque se não consegue e tão novos e já dizem "não consigo" quando chegarem à vida adulta então é que não vão conseguir mesmo porque não tiveram aquela confiança antes e isso é importante.

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sempre... acho que sim, precisamos até com bebés... ao darmos essa oportunidade do exterior eles vão ganhar mais defesas... eles também têm que ter consciência do que é perigoso e não é, ao não darmos o que é perigoso eles nunca vão saber... acho que o perigo faz parte, há necessidade de arriscar... normalmente os pais dizem "aí ele não tem medos", pois ele tem que conhecer os medos, porque se ele não os conhecer os medos como é que consegue? temos que ter perigosos, desafios, obstáculos para conseguirmos conquistar e perceber "isto é um perigo... ok... não devo fazer assim.." e, se não dermos a oportunidade do perigo, nunca vão saber por isso é que precisamos de trazer já desde cedo as crianças para a rua e ouvimos isto cada vez mais em cada formação e em todo o lado ouvimos isso.... tenho receio que não vá acontecer.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?

R: Ouvimos muito e lê-mos muito nas OCEPE e em todo o lado que o espaço do ambiente educativo é um prolongamento do que fazemos... por exemplo, se eu tenho o meu espaço de 4 paredes e tenho o exterior... o exterior não vai ser só o exterior, vai ser um prolongamento do que eu faço... tudo faz parte da nossa experiência e para a criança, aprendizagens significativas... todos os espaço são aprendizagens para a criança e ao facilitar e trazer estratégias e organizar de forma flexível em que podemos sempre estar em mudança e conforme as necessidades, motivações e interesses da criança para que ela possa sozinha, digamos assim, só com o nosso olhar possa aprender e penso que quando estamos afastados e podemos observar vemos realmente as aprendizagens significativas

que as crianças têm e tem haver muito com o Reggio Emilia... temos que aproveitar o que temos e esta instituição tem um grande jardim, um grande exterior e ao prolongar sempre as nossas atividades orientadas e não orientadas para o exterior estamos a treinar as aprendizagens significativas e quando saem daqui sabem que alguma aconteceu... "aah, foi só isto... foi só uma pintura".. não foi só uma pintura, foi algo que ele experimentou de diferente com o pé, com o dedo, unha, cabeça... com tudo... ou seja, tudo tem significado e ao darmos significado aos nossos espaços também damos significado às aprendizagens da criança.

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Quando começamos este ano letivo trazer mais coisas com o que o nosso jardim nos proporciona e, por exemplo, nós temos oliveiras, romaneiras temos alfarrobeiras... no nosso espaço... e, visto que temos um projeto educativo sobre a natureza fez sentido... e depois vi as crianças mais motivadas para o exterior... estamos sempre no mesmo cantinho aqui numa árvore e que tal as crianças aprenderem que árvore é esta...e faz sentido, é algo que faz parte daqui de Loulé... e também arte com natureza, ou seja, tudo o que trazíamos fazíamos uma pintura, colagem e nós por acaso somos os aventureiros (nome da sala) então arranjam uns binóculos e sempre que os levamos vamos observar alguma coisa, então fomos observar umas flores e era uma caça ao tesouro onde havia pistas.. e estávamos perto da romaneira “ah, temos que perceber que árvore é esta”... fomos à procura das árvores e encontramos pistas, e levámos para a sala onde fazemos uma caixa de exploração onde tínhamos a romã no seu todo e as folhas da romã, tínhamos azeitonas e oliveira e depois, uma lupa... eles sozinha iam ver, perceber e eu questionava para perceber se eles compreendiam... noutra fase já tínhamos a mesma caixa com água e dentro da água a romã em pequenino, a azeitona as folha tudo espalhado... eles mexerem com uma colher, a lupa... dá outra sensação... já temos aqui muitas sensações de elementos da natureza, água, depois as folhas e que tem na instituição.... conhecerem as nossas arvores, algo que existe muito aqui e ter outras experiências... sempre que temos os nossos binóculos vamos à procura dos pássaros, não temos muitos, mas vamos à procura e paramos um bocado, sentamo-nos e tentamos escutar o que está à nossa volta... às vezes, infelizmente com a nossa rotina e temos horários para cumprir, faz bem parar um bocado.... ouve uma vez que parámos e passou uma borboleta, depois é triste

porque não mostrar o que vimos por fotos... aquele momento que tivemos foi muito melhor que uma fotografia ou outra coisa qualquer...

Bloco E - Percepções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Sim, fazemos sempre porque em qualquer atividade que estamos a fazer estamos sempre a ir para essa área. Quando pensamos que uma atividade é só para "isto", não... se ele fizer com o dedo, ou com pinça já leva à escrita... tudo o que fazemos leva para outras áreas... aqui na linguagem, basta só no pegar no pincel... podemos explorar de várias maneiras, não é algo que estou constantemente a fazer, mas inconscientemente estou a fazer... desde o momento em que estou a falar com eles.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: Sim... por exemplo, um elemento que eles sabem que é, mas não têm a certeza do que é ao certo e nós dizemos "olha é uma pinha"... e às vezes eles reparam tudo o que dissemos... nos livros dos animais, tem lá tudo e sabem o nome de pássaros que nem eu própria sei e levam para casa... trazem de casa, os pais explicam...

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: Sim, acho que pode... tudo aumenta o nosso capital... já com o grupo de 5 anos podemos ir ao computador e pesquisar "olha, eu vi isto, mas a minha mãe não explicou muito bem, podemos procurar?"

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: Muitas vezes fazemos isso, porque eles agora começam com as questões... uma criança fez-me uma questão e eu tinha que buscar sinónimos ou outras palavras mais simples para que conseguisse perceber... muitas vezes digo que estou cansada e perguntam o que é... é mais fácil desconstruir tudo para eles perceberem, quando há oportunidade de

demonstrar é muito fácil demonstrar, mas quando não temos, dizemos por palavras mais simples para que cheguem lá e percebam o significado das palavras.

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Fazemos muito, e inconscientemente... e eles as vezes ficam a pensar, "mas quente... frio...", percebem, mas não estão ainda na parte de compreender tanto o que é...., mas sim, eles já sabem na rotina, "a sopa está quente" e eu digo "deixa um bocadinho que fica frio" e eles vão compreendendo.... na creche é muito na rotina que acontecem as coisas

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influência percurso académico das crianças?

R: Muito, é como o temos estado a falar. Seja no exterior a conquista de um obstáculo faz com que a criança esteja mais à vontade quando chegar ao 1º ciclo, mesmo que ela tenha um campo lexical pequeno... Quando conseguem alcançar tudo no exterior se calhar vai sentir mais confiança em aprender no 1º ciclo... ao darmos mais oportunidade de espaço e da criança conseguir... se uma criança demonstra interesse pelas histórias porque não deixá-la escolher histórias? ou contar histórias... vai aprendendo e ensinando e, ao ter essa vontade vai-se sentir confortável quando chegar ao 1º ciclo, não vai sentir-me assustada... vai gostar de histórias...

Apêndice VII - Transcrição da entrevista à E5

Tabela 5 - Informações sobre a entrevista da E5.

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	05/05/2021
Duração da entrevista	60min

Bloco B - Caracterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas características influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: A primeira palavra que eu posso distinguir é a alegria, porque se não tiveres alegria pelo aquilo que fazes acho que não consegues transmitir o que aprendeste e queres transmitir ao grupo, da maneira que achas que é o mais correto, por isso, a palavra alegria é fundamental. Outra palavra é a amizade, tu podes ser educadora tens a auxiliar e o grupo, mas se não tiveres amizade por tudo, acho que não vais conseguir fazer um bom trabalho com as crianças e isso também é fundamental. Depois, é a empatia, que também é fundamental. Mesmo nos estágios que fiz sempre tive muita empatia, onde cativava as crianças primeiro antes de fazer alguma coisa e, acho que o cativar, o ganhar empatia...

Q: Quais as suas habilitações literárias?

R: Tenho mestrado em educação pré-escolar.

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

R: Em termos de anos de serviço não tenho nada. Estive até há pouco tempo em estágio profissional, de 9 meses. Neste momento, já estou como educadora de infância da instituição. Além de agora nunca trabalhei neste ramo, nunca consegui quando acabei o curso, por isso, não tenho anos de serviço nem experiência propriamente em creche e pré-escolar. Estou numa sala de berçário e tem sido uma experiência maravilhosa, fundamental, que não temos em curso pois estagiamos em creche e pré-escolar onde possivelmente vais a uma sala de berçário quando há essa oportunidade.

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Desde que acabei o curso trabalhei sempre na área da educação, mas não como educadora de infância. Estive a dar explicações e, depois surgiu esta hipótese de vir para cá fazer o estágio profissional e possivelmente ficar, que foi o meu caso. Claro que a partir de agora é que vou ganhando a experiência toda e, também porque existem muitas educadoras na instituição que nos ajudam bastante.

Q: Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: Formações tive algumas através da universidade, onde fiz uma sobre a abordagem à escrita que agora não me recordo do nome, mas que foi através de uma professora. Depois tenho a minha tese onde utilizei a música como estratégia para desenvolver a consciência fonológica e falei sobre a linguagem/comunicação que a meu ver são fundamentais. Existe muita interligação com a linguagem e as outras áreas de conteúdo e, como gostava muito de música e da linguagem queria fazer uma junção das duas. Aprendi muito com as orientadoras sobre coisas que nunca imaginei.

Bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?

R: Eu acho a linguagem o ponto principal para tudo, para haver empatia com as crianças, começar a haver uma conversa apesar de agora estar no berçário e não falarem comigo, mas já começam a transmitir os primeiros sons que têm. É fundamental para haver um bom trabalho, empatia, bom relacionamento. No berçário é muito através de uma relação afetiva, tem que haver uma conversa com eles em que dizes "e não chores", também começamos a falarmos mais porque eles agora com 1 ano já andam, onde a linguagem é fundamental para tudo, seja para falar em termos de não fazer algo... é bom ter uma conversa com eles e explicar, termos calma e irmos falando e depois.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: No meu caso, eu como estou em berçário, e por exemplo, estou na rotina da higiene (lavar a cara, as mãos) estamos sempre a falar com eles, do género "ah... estás com cocó, fizeste xixi". Agora também iniciei as histórias que acho que são fundamentais para

desenvolver a linguagem, ele não percebem o que estamos a dizer, mas a curiosidade que têm, o espantar, e estarmos a falar sobre o que aconteceu... Agora contei a história da lagartinha muito comilona, e expliquei o que se passou e o que comeram... Quando estamos a brincar eu digo o nome dos brinquedos "olha o carrinho". Estar ali na sala e vê-los só a brincar, acho que isso não vai contribuir nada para aprendizagem deles, apesar de não perceberem, ou perceberem.... porque eles percebem, podem é não transmitir da mesma maneira que o fazemos, acho que vão percebendo, captando e falam à maneira deles, através dos sons. Desde pequenos que vão ganhando as competências e capacidades para o nível a seguir e, quando chegam as outras salas já têm outra bagagem que se calhar outros meninos que só estejam em casa não têm, no entanto, não quer dizer que não o tenham (as crianças que ficam em casa) mas, a convivência com outras crianças, outras pessoas que não estão no centro da família vai contribuir para a aprendizagem.

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: Conversas do dia a dia, canção do bom dia porque de manhã é que perguntamos como estão, por exemplo, à segunda-feira falamos como correu o fim de semana, histórias, a música que contribui também para esse desenvolvimento. Qualquer atividade que se faça, a linguagem oral e a abordagem à escrita estão lá sempre, quer estejamos a fazer uma atividade de matemática... A linguagem está lá inserida porque podemos perguntar o que estão a fazer. O desenho... uma expressão artística pode-se perguntar o que estão a fazer, e, qualquer coisa que seja feita a linguagem está presente.

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: Sim, porque quando começamos logo desde pequenos a ter uma comunicação diária com eles e falando ao nível deles, não falar o adulto para uma criança e uma criança para o adulto, é falar ao mesmo nível. Eu aprendi que temos de falar ao mesmo nível, não é chegar e "berrar" e, o comunicar diariamente vai contribuir para alguma coisa no futuro, onde vão desenvolver mais vocabulário... Em creche não tenho a noção, mas tenho de quando estagiei em pré-escolar e sei que o conversar iam captando e desenvolvendo mais vocabulário e quando fiz a minha tese senti isso, que eles foram captando mais vocabulário, muito mais coisas e lá está, linguagem e comunicação diariamente vai contribuir para muita coisa não só para a aprendizagem deles, mas também, no convívio

com outras pessoas, o desenrascar, autonomia. Hoje estão numa sala, posteriormente vão para outra e depois vão encontrar pessoas diferentes e o sabem conversar, como agir.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: Quanto mais conversarmos com eles, mais eles vão adquirir vocabulário e claro que temos de ter maneiras de falar, porque há certos vocabulários que tem de haver atenção à faixa etária que têm, porque há palavras mais complicadas. No berçário não tenho muita noção disso, eles não falam, mas que vão ouvindo e captando, por exemplo, "o pé, a bola," mas em termos de desenvolvimento lexical para eles ainda não está, no entanto, o saber que aquela palavra tem aquele significado... mas se eu colocar outra (palavra) posso dizer o mesmo. Eles vão mais tarde aprender os antónimos/sinónimos no 1º ciclo, mas terem esse conhecimento não faz mal.

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: Por exemplo em termos de vocabulário, daquilo que tenho noção, em pré-escolar eles fazem um desenho e querem escrever uma frase, terem esse conhecimento desse vocabulário torna-se mais fácil eles escreverem uma frase com o que vão adquirindo do que estarem sempre a repetir "ela é bela". Onde fiz o meu estágio e tese, a educadora fazia muito isso e para não estarem sempre a repetir "ela é bonita, e tem uma mala bonita", tentar encontrar outros significados da mesma palavra, mas outras (palavras) e terem algum conhecimento de outro vocabulário... no fundo, tentar que eles captem alguma coisa e tenha outro conhecimento e não estarem sempre constantemente a dizer "ela é bela... ela é bela... ela é bela", no entanto, não tenho muita experiência em jardim de infância. Como não tenho muita experiência não consigo "ver", mas quando as tiver saberei o que fazer nesse sentido, claro que ganhamos experiência com outras pessoas e no decorrer do tempo... tentar mostrar à criança que não está mal, mas que tem capacidades para procurar outras palavras com o mesmo significado.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), que atividades/estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos? Por exemplo, através da noção

de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.)

R: Desses exemplos acho que são fundamentais, por acaso na minha tese eu utilizei muitas imagens e palavras. Terem um jogo, por exemplo, não é muito difícil, mas com algumas palavras para eles irem conseguindo encontrar o significado, sinónimo, palavras que possam ter o mesmo número de letras, ou, número de sílabas existe tanta coisa que se pode fazer mesmo com imagens, música. Por exemplo, eu peguei numa música e através disso fiz as atividades com as palavras. Fazer um desenho e escrever frases, uma carta, escrever qualquer coisa para um amigo.

Bloco D – Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: Pela minha leitura e interpretação da pergunta, é a exploração diária dos elementos da natureza, dar-lhes esse conhecimento, falar um pouco sobre isso e não só dar para experimentarem, mas sim, falar um bocadinho sobre o que acham e estar ali, presente nessa exploração.

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: Para começar sim, nem dizia outra coisa, mas, por exemplo, podes vir ao exterior e dar a conhecer esse espaço e apanhar algumas coisas. Antigamente quando se podia sair, iam passear à mata. Terem esse conhecimento do real, e saírem um pouco daquilo que conhecem da instituição, ou então, mesmo as pessoas trazerem à sala. Não vou tanto com os bebés ao exterior, porque o tempo também não ajuda e são mais pequenos, mas levei esses elementos da natureza até à sala no outono e explorámos as folhas, ouriços, pinhas e adoraram.

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: Considero fundamental eles não estarem só centrados numa sala... saírem para o espaço exterior. Quem diz espaço exterior da instituição, e se houver essa possibilidade, de irmos à rua e passear. Porquê? Porque eles aí estão não só a ganhar defesas, mas também estão a conhecer o que é natural, cotidiano, estão a ter esse conhecimento e não só através da televisão e veem os bonecos, mas sim, verem algo real e poderem mexer,

tocar nas texturas... A parte sensorial com elementos da natureza é muito giro e fundamental para conhecerem e distinguirem as coisas.

Q: Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê?

R: Não, porque são mais pequenos (berçário) e não tivemos essa hipótese. Estou à espera que agora o tempo melhore e quase todos andarem, o berçário 2 já andam quase todos e fica mais fácil, sendo que os outros são mais pequenos (berçário 1). Quando cá cheguei, ano letivo anterior, ainda estive com alguns bebés no berçário e vê-los no espaço exterior tanto a brincar com a cozinha de lama, como, a brincar mesmo no espaço da relva ou a fazer uma atividade de pintura com papel aderente e eles estavam super divertidos, e, fizemos uma com barcos na água... Saírem um pouco das 4 paredes onde estão inseridos e apanharem sol e ar puro, é uma experiência fantástica. Eu aprendi na licenciatura como no mestrado que é importante levá-los ao espaço exterior e aproveitarem a natureza, conhecerem e explorarem à vontade. Planificas para ires ao exterior, mas, depois a planificação é super livre, e as minhas têm muito o ponto das brincadeiras livres, no entanto, no exterior ainda não tive essa hipótese, mas hei de ter ainda antes do ano letivo acabar, porque quero vir com eles ao jardim e acho que é fundamental, onde os pais têm feito muito em casa, vão à praia para tocarem na areia e na água do mar, para que depois a transição para o exterior seja melhor. É possível explorar todas as áreas de conteúdo sem estarem numa sala.

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sim, já o fiz com folhas, ouriços, pinhas, castanhas e com o gelo e adoraram.

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Vão ganhando outras defesas, para começar e vão conhecendo o que esta ao seu redor. Vivem numa casa, quatro paredes, têm muitos bonecos, televisões, computadores. Na sala temos uma mesa e no exterior é só ar puro... estão a explorar livremente, a conhecer aquilo que faz parte do nosso cotidiano, que sabemos que temos de tratar bem e preservar. Estão a ganhar algum respeito pela natureza.

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sim, se fossem mais velhos, mas também escolhia agora. Claro que agora não têm noção e choram mais, porque a relva lhes faz comichão... a terra põem à boca, mas, sim, poderia era gerir de outra maneira. Com os mais velhos deixava-os mais à vontade, com os bebés tem que haver um cuidado diferente... claro que se colocarem areia na boca chegamos a sala e lavamos.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?

R: Por acaso tive dificuldade em saber o que era isso... eles estão a aprender a respeitar a natureza, porque é de pequenos que têm de começar a pensar que a natureza não é algo que possamos "estragar", devemos preservar. Se plantarmos sementes, temos que as regar. Em relação à água que não podemos desperdiçar, se desde pequenos começarem a saber que os elementos naturais são como se fossem pessoas, como coisas que devemos cuidar com muito carinho e amor. O espaço exterior pode ser considerado o terceiro educador, porque nós somos educadoras, os pais são educadores e estão a ensinar, as auxiliares também ensinam mas acho que o espaço exterior estão a conviver com o real e cotidiano e eles também estão a interiorizar alguma aprendizagem... foi a primeira vez que ouvi "o terceiro educador"... cheguei uma vez a comentar com uma professora que devíamos de passar por todas as metodologias, para termos noção do que nos identificamos mais...

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Neste momento não útil, até hoje, mas se tiver que o trazer a sala trago como já o fiz. Tentei transparecer esses elementos de outra forma, com outros materiais, também devido à idade que estou a trabalhar. Se o Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé.

Bloco E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Quando fiz a exploração dos elementos da natureza ligados ao outono, dava para explorarem à vontade e ia falando, claro que a resposta não é o que eu achava porque são pequenos, mas o olhar porque nós também podemos falar e olhar, e mais agora, que temos máscaras não veem a nossa boca a mexer, mas sim, o nosso olhar, o que também faz parte

da comunicação e linguagem. Perguntar "estás a gostar"... No berçário parte muito da exploração sensorial, então tenho tendência de falar mais com eles. Para mim a linguagem esta relacionada com tudo e neste caso da exploração dos elementos naturais é importante igualar as duas coisas, e assim vai-se fazer um bom trabalho.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: Sim, e sem falar na sala, vamos ao espaço exterior e temos imensas coisas e através disso, eles observam e podem adquirir vocabulário novo e construir um dicionário. A criança pode também observar o que se passa no exterior e escrever uma frase do que veem/viram. ... podem observar na rua e chegar à sala, querer falar sobre o que viram e já podem estar a construir vocabulário, o significado das palavras, possivelmente sinónimos/antónimos, mas depende da capacidade de aprendizagem, desenvolvimento e do que já aprenderam.

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: Sim, a exploração contribui sem dúvida para esse desenvolvimento. De que forma? Talvez a parte das conversas, de terem uma conversa mais fluente, nesta parte não tenho muita noção do que poderia acontecer... vamos fazer uma experiência, vamos à rua recolher amostras onde depois começam a dizer o que apanharam, chegamos à sala e podem discutir o que recolheram, aprenderam... "o que o outro pode aprender comigo, ou com o amigo do lado". Para uma aprendizagem futura e terem outro conhecimento isso é fundamental, porque mais tarde quando forem para o 1º ciclo têm uma bagagem longa.

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: Neste momento não, porque não tenho um grupo para o fazer. No entanto, acho que o faria através de várias estratégias.

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Neste contexto agora não, porque são mais pequenos e não têm noção. Mas, se fosse educadora de 5 anos talvez o faria, não tão aprofundadamente porque como a criança no

pré-escolar não aprende a ler e a escrever, mas talvez algum conhecimento sim para depois facilitar a aprendizagem futura.

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso acadêmico das crianças?

R: Contribuir para a aprendizagem vai sempre contribuir, porque o que eles aprendem no percurso desde creche e pré-escolar até chegarem ao 1º ciclo vai ter uma vantagem e se forem sempre acrescentando e, essa parte do campo lexical, de tudo o que forem aprendendo através da exploração dos elementos da natureza no futuro, vai ter influência e nunca se sabe, até seguirem algo nesta área de ficarem fascinados com isso. O construir uma bagagem através desses elementos ligando a esse desenvolvimento vai construir sempre para uma aprendizagem futura, de forma geral.

Apêndice VIII - Transcrição da entrevista à E6

Tabela 6 - Informações sobre a entrevista da E6.

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	12/05/2021
Duração da entrevista	60min

Bloco B - Caracterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas características influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: Defino-me como uma pessoa alegre, livre e sonhadora. Claro que a minha forma de ser vai sempre influenciar a minha postura enquanto educadora, porque é como eu sou e na sala de atividades o facto de eu ser uma pessoa muito livre dou-lhes muita liberdade para que eles também sejam livre e possam também explorar, desafiarem-se... possam-se aventurar... ser uma pessoa feliz ou alegre também faz com que proporcionemos atividades que eles também gostam e que, façam aquilo que gostam mais e que eu veja que eles se interessam por algo e os deixe explorar... subir a uma árvore, um muro vejo que eles gostam disso então dou-lhes essa liberdade porque sei que eles gostam... e sonhadora, é sonhar fazer com que eles criem, se divirtam, imaginem é um bocadinho o faz de conta, o jogo simbólico que eles também gostam muito e depois nas produções que eles irão fazer também vão ter essa imaginação e criatividade... é basicamente sonhar....

Q: Quais as suas habilitações literárias?

R: Tenho mestrado em educação pré-escolar e sou professora de ioga para bebés e crianças e, professora de meditação para crianças

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

R: Tenho 2 anos e 6 meses de serviço, sendo que, 9 meses foram de estágio profissional. Nesta instituição estou cá há 2 anos.

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Em pré-escolar ainda não tive nenhuma experiência, os 2 anos e meio que tenho de experiência é em creche na sala de 1 e 2 anos, e até agora a experiência está a ser boa.. estou a gostar muito, gosto muito de creche... gostava também de estar em pré-escolar

para ter essa experiência, ver a diferença.... são mais crescidos pedem-nos outras coisas... creche é tudo mais simples e focado nas rotinas deles.

Q: Descreva o seu percurso acadêmico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: No secundário fui para o curso de Humanidades, na Universidade tirei a licenciatura em Educação Básica e o Mestrado em Pré-Escolar. Formações sim, tenho tido algumas, agora com o covid não temos tido muita coisa, mas, quando há formações na biblioteca que fazem muitas ou palestras vou a algumas e, muitas são sobre a oralidade e a escrita... sem ser na Universidade, estudos não fiz assim nenhum sem ser o que nos pediam na universidade.

Bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?

R: O nosso papel é muito importante, em todas as áreas no desenvolvimento da criança e no desenvolvimento da linguagem é muito importante nas crianças porque é a forma como comunicam com as outras, interagem e acho que é muito importante nós proporcionarmos atividades e explorarmos com elas estratégias para que elas desenvolvam a sua linguagem.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: Contribuem bastante como eu já referi, através do momento do dia a dia como mudar uma fralda, falarmos com eles, explicarmos o que vai acontecer, por exemplo, no dia-a-dia o momento do tapete é muito importante. Eu todos os dias faço o momento do tapete porque explico o que estamos a fazer, o que é vamos fazer e dou-lhes a oportunidade para que eles também falem um bocado sobre as suas novidades, sobre o que querem fazer e acho que no dia-a-dia é sempre bom ouvir, escutar, perceber o que eles querem e eles perceberem também o que vão fazer, no dia a seguir ou o que vão fazer naquele momento, porque eu também falo muito o que é que fizemos ontem, o que é que estamos a fazer neste momento e o que vamos fazer amanhã. E é importante eles também saberem, situarem-se no aqui... no agora... saber o que é que está a acontecer, eu acho que é

importante nós falarmos sempre com eles, e eles também têm muito para dizer. Apesar de estar com um grupo de 2 anos e ainda dizerem (só) algumas palavras, mas já se percebe o que é que eles querem e o que gostam....

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: Como já referi anteriormente, o falar com eles, proporcionar jogos... vou dar alguns exemplos, de manhã dar oportunidade de contarem as novidades, pedirem as canções que gostam, conto uma história e no final peço para recontarem a história através das imagens... no momento do bom dia, cada um dia o bom dia e cada um deles pede um movimento para fazer, por exemplo bater os pés e nós batemos os pés, bater as palmas e batemos as palmas, cada um diz o que gosta mais... e também são os pequenos momentos que faz com que eles comuniquem, interajam uns com os outros.. e é muito por aí, o que eles gostam, o que querem fazer. Há imensos jogos que fazemos dos animais, eles próprios dizem os animais, qual o som e fazem o som... e a partir daquele pequenino projeto vamos fazer mais e vamos explorar com eles, de uma pequena coisa vamos explorar muito mais.

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: A criança é um ser holístico e desenvolve-se num todo e, se o desenvolvimento da linguagem não for desenvolvido, vai haver digamos.... não é problemas, mas vai haver atrasos nas outras áreas de saber, que vão ficar um bocado prejudicadas porque o desenvolvimento da linguagem é muito importante, para a comunicação e para as crianças comunicarem com um mundo... é muito importante que seja bem explorada e que seja incentivada.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: É importante... eu acho que contribui bastante porque é através das interações do meio que as rodeia que aprendem mais, têm oportunidade de vivenciar novas experiências e a partir daí vão adquirir novas aquisições e competências.

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc...), de que forma considera que o meio

envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: Vai contribuir no sentido de que tudo o que os rodeia é importante eles saberem... é importante eles adquirirem mais e mais, e adquirirem esse conceitos... o facto de nós proporcionarmos esses momentos e terem o gosto por querer saber mais, e aprender mais é bom para eles porque vão ter esse gostinho, interesse e nós vamos explorar ainda mais com eles e, é bom porque vai desenvolver a linguagem e tudo o que está a nossa volta podemos retirar do tudo o que se encontra à volta deles... podemos retirar imensas coisas que eles gostam e a partir daí, falar, desenvolver ainda mais a linguagem.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc.), que atividades/estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos? Por exemplo, através da noção de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.)

R: É um bocadinho do que já disseste (exemplos anteriores), eles também são pequenos não pode ser muito complexo, mas é muito isso, na rotina, no dia-a-dia deles é agarrar naquilo que eles nos dizem e tentar explorar as palavras e frases que nos dizem, aquilo que nos questionam e tentar ir por aquilo que se interessam como eu já referi. Por exemplo, quando estamos na rua eles interessam-se por alguma coisa, eu das muitas vezes digo a mesma coisa por diversas palavras diferentes... eles gostam muito dos animais e nós fazemos muitos jogos das cores, fazer categorização dos animais pelas cores, tamanho, forma... tivemos a Páscoa fomos ver os ovos, depois havia ovos de várias cores e tiveram que associar os ovos azuis, amarelos, etc. É muito o que nós fazemos no dia-a-dia, é pegar naquilo que nos dizem e tentar mostrar que podemos dizer as coisas de várias formas... na outra vez também fizemos uma atividade com a água fria, com o gelo e depois de brincarmos com o gelo fomos pôr as mãos na água quente e eles perceberam o frio e o quente... é muito por aí, eles próprios dizem e percebem... por exemplo, eu gosto muito de contar uma história e às vezes há palavras, ou frases que eles gostam e repetem, e eu a partir daí digo outras palavras e outras frases que querem dizer o mesmo mas de outra forma, e eles acham muita piada e depois voltam a repetir e é muito giro nós pegarmos nessas pequenas coisas no dia-a-dia da criança e fazermos esses jogos.

Bloco D - Percepções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: Para mim a exploração ativa é o brincar livremente na natureza, é brincar com os elementos naturais e explorarem livremente sem o adulto estar lá a intervir.

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: De diversas formas... agrupar por tamanhos, formas, cores, pegarmos nos elementos naturais e fazermos esse tipo de jogos... explorar vários tipos de plantas, explorar as flores, árvores, brincar na terra, desenhar com terra... pedir a eles para explorarem o que estamos a ver à nossa volta... há imensas coisas que podemos fazer, temos as cozinhas de lama que eles adoram brincar e eles próprios fazem o jogo simbólico nas cozinhas de lama, eu acho que o exterior tem muita variedade para que eles possam explorar e adquirir diversas competências.

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: Eu acho que é bastante importante, para já porque eu defendo os princípios da Pedagogia Waldorf, é muito o que eu faço no meu papel como educadora. Defendo que as crianças devem estar, aprender, brincar com a natureza porque ela tem muitas experiências para oferecer e ajuda no desenvolvimento das percepções sensoriais e traz-nos verdadeiras relações com o mundo. É um bocadinho por aí, ajuda também no desenvolvimento de saberem o que está a acontecer à sua volta, é muito bom para o sentido porque desenvolve todos os sentidos também... o sentir a relva, o cheiro, o paladar é muito bom, porque tudo o que a natureza nos oferece é ótimo para eles porque o trepar, saltar está a desafiá-los a aventurar-se e é ótimo para desenvolver todas as áreas, não só a linguagem mas tudo.

Q: Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê?

R: Sim, todos os dias vamos para o exterior... Fora da instituição neste momento não conseguimos ir e, ainda não tive essa oportunidade desde que estou cá, mas sim, durante o dia a dia eles vão muito para o exterior como já referi anteriormente. É através daquilo que nos rodeia que a criança explora, sente, cria e aprende a viver com o mundo, a valorizar a natureza, a respeitar, aprende imensas coisas. Vou dar alguns exemplos, quando eles estão a brincar às vezes veem com formigas na mão e eles próprios dizem

que a formiga é um animal, e que vão deixar na casinha e que não vão matar porque é um animal e, isso é muito bom, porque não fui eu que lhes disse eles próprio veem que é um ser que se está a mexer e têm em conta isso... e se eles não tivessem tanto contacto com a rua, valorizar a natureza, os seres e tivessem sempre dentro de uma sala o ver uma formiga ou ver uma aranha, se calhar a atitude era outra.. brincam muito no exterior e exploram, vêm muito o processo dos seres vivos e eu acho que é muito bom.

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sim, eu não tenho brinquedos de plástico e o que tenho é muito pouco... tenho muitas peças soltas, muito de materiais recicláveis como da natureza, pinhas... temos mesmo uma área da natureza, onde temos uma caixinha numa mesa e depois temos uma balança, utensílios de cozinha (pinças)... dentro da caixa está o que eles apanham da rua que eu valorizo muito o que eles apanham e trazem, e o que eles trazem de manhã, porque há muitos deles já têm incutido esse gosto e de manhã veem com folhas, flores, pedras e chegam ao sala e vão pôr nessa caixa, eu digo "vai pôr na mesa da natureza" e eles chegam lá e põem na caixa... depois ao logo do dia eles brincam, e esses elementos não estão só na área da natureza, estão espalhados pela sala, estão na área dos animais, a casinha dos animais é com os troncos e rodela... e eles próprios levam para a área do faz de conta, onde está a cozinha fazem comida com as pinhas, com as pedras, flores... é muito giro porque eles gostam de brincar com essas peças soltas, seja de elementos naturais, seja de materiais de desperdícios ou recicláveis... faz com que eles criem, que não seja algo estruturado e isso é ótimo para que possam criar e imaginar da forma que eles gostam.

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Tem um grande impacto... tudo o que eu já disse até agora... através da natureza eles conseguem perceber melhor o mundo e aquilo que os rodeia e, às vezes o adulto não precisa de dizer nada, eles próprios vão fazer, explorar veem se dá, se não dá e proporcionam a eles próprios diversas aventuras, desafios e aprendem com aquilo que fazem... e nós só estamos lá às vezes a ver se está tudo bem e, por exemplo, eu no exterior não preciso de dizer nada, corre sempre muito melhor do que na sala devido a tantos brinquedos, tanta coisa que está à volta deles. Eles na rua têm tanto espaço exterior, tanta relva que eles próprios sem nada criam imensas brincadeiras e isso é ótimo.

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sim, escolheria porque faz com que eles se desafiem uns aos outros, com que cresçam e ganhem esta autonomia que é muito bom de eles puderem aventurarem-se e, aprenderem com eles próprios se podem, se não podem, perceberem o que é conseguem fazer e o que é que não conseguem.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspetiva?

R: Como já referi um bocadinho anteriormente, o espaço como terceiro educador é um meio onde eles aprendem também e como eu disse, às vezes nos adultos não precisamos de fazer nada porque eles aprendem... cooperam uns com os outros, partilham, brincam com o que há á sua volta, têm diversas experiências... adquirem diversas aprendizagens e competências no exterior e, isso é ótimo porque a natureza tem muito para nos oferecer em todas as áreas da criança.

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Todos os dias vamos para a rua

Bloco E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Várias vezes ao dia. Fazemos imensos jogos, de forma natural e eles próprios trazem de fora para dentro, de dentro para fora e eu também levo imensas atividades e, os elementos da natureza também proporcionam essas oportunidades.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: Sim, através de jogos... através de lhes dar oportunidade para eles explicarem o que é que nos trouxeram e o que querem fazer com aquilo. Às vezes eles estão a brincar e eu pergunto o que estão a fazer e, eles dizem "estamos a fazer a papinha" e, eles próprios vão buscar os elementos da natureza. Por exemplo, hoje de manhã houve um menino que

foi buscar uma pinha e pôs dentro de uma caneca e disse que era o café, e isso é ótimo, e a partir daí vamos explorar o que poderá ser mais café e eles foram buscar mais coisas, e a partir de uma coisa pequenina fazemos imensas coisas.

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: Sim, podemos fazer imensos jogos e a partir daí, através de um elemento podemos conhecer outros elementos, através de um elemento que eles nos mostram podemos proporcionar que eles conheçam muitos mais e dar essa variedade de experiências e de conhecimentos é ótimo para eles.

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: Neste momento em contexto de creche, quando eles estão a aprender a falar, não me foco muito nesse ponto de esmiuçar as palavras nesse sentido, claro que eles estão a aprender e nas histórias, naquilo que eles me dizem o que eu faço é tentar dizer de várias formas e para que eles percebam que não é só essa forma que se diz mas, eles ainda estão muito na aquisição da vocabulário então as palavras são ainda muito simples e, as frases também são simples. Com o tempo sim, provavelmente querer fazer dessa forma, vou explorar várias palavras e formas de dizer alguma coisa, ou fazer uma chuva de ideias... porque nos já fazemos pequenos, eles dizem algo e eu digo de várias formas quando eles as vezes dizem uma coisa, digo aquela frase de várias formas e eu sei que eles aprendem porque no dia a seguir repetem da forma como eu disse, mas não o faço todos os dias.

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Por acaso é algo que eu não costumo fazer, se o faço é as vezes quando surge, mas como referi anteriormente ainda estou muito na repetição das palavras... estou muito na repetição de voltarmos a ver as imagens, de repetir o que aconteceu então ainda não o fiz, não estou nessa parte desse jogo mas sim, mais para a frente é o que quero é fazer um

bocadinho isso porque também sei que é importante e é bom para eles, fazê-los pensar e fazer que eles reflitam é ótimo.

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso acadêmico das crianças?

R: Vai influenciar bastante, quanto mais se proporcionar esse tipo de exploração... respeitar sempre os interesses e necessidades das crianças, mais elas vão-se sentir motivadas, incentivadas e vão sentir que querem saber mais e que querem aprender e, esse gosto por aprender é fulcral no processo acadêmico como também na nossa vida, o querer aprender mais e se proporcionarmos todo esse tipo de atividades e que elas gostam daquilo que nós lhe proporcionamos é ótimo porque vão-se sempre interessar e vão querer aprender sempre mais, e sim, acho que é um bom tema, digamos.

Apêndice IX - Transcrição da entrevista à E7

Tabela 7 - Informações sobre a entrevista da E7.

Intervenientes	Q: questão R: resposta
Data da entrevista	12/05/2021
Duração da entrevista	1h20min

Bloco B - Caracterização geral da dimensão pessoal e profissional das educadoras do jardim de infância

Q: Se tivesse de se definir em três palavras quais seriam? E de que forma, essas características influenciam a postura que adota enquanto educadora?

R: Sonhadora, sou apaixonada e acho que sou uma pessoa alegre (risos)... é isso que me faz estar na educação, é a paixão que tenho pelas crianças, pelo que faço... o sonho que eu acho que tudo é possível e com eles tudo é possível e não desistir, tentar-me encontrar sem dúvida nenhuma através desse sonho também que vivo com eles e isso faz-me sentir uma pessoa realizada... e depois a alegria que eu acho que é contagiante que vem deles também, e que eles me dão isso e que tenho alegria naquilo que faço... defino-me e está presente no meu trabalho, não me vejo a trabalhar de outra maneira.

Q: Quais as suas habilitações literárias?

R: Tirei a licenciatura em 2000, portanto já há muito anos (risos)..., entretanto, há 10 anos talvez 8 a pós-graduação em necessidades educativas especiais. Fui assim um desafio porque já não estudava há muito tempo, depois de ser mais, mas consegui... em toda a minha carreira tenho tido sempre algumas crianças com necessidades educativas especiais e, então tentei ver se conseguia ajudá-las no dia-a-dia...

Q: Quantos anos tem de serviço e há quantos anos exerce na instituição?

R: 21 e, aqui 9 anos.

Q: Considerando a questão anterior, até à data qual a sua experiência em creche e/ou pré-escolar nesta ou noutras instituições? E, quantos anos de experiência em cada valência?

R: Tive sempre mais em pré-escolar do que em creche... Em creche tive 5 anos, o resto foi praticamente tudo em pré-escolar. Tive em ATL também, 1º ano de serviço foi em ATL foi uma experiência muito gratificante, diferente completamente e depois passei do ATL para a creche, sala de 1 ano... uma diferença abismal, completamente... gosto muito de creche, sou apaixonada... gosto muito de pré-escolar também, mas a creche fascina-me e tenho saudades...

Q: Descreva o seu percurso académico e, se realizou formações/estudos na área da oralidade e da abordagem à escrita?

R: Sempre que havia qualquer coisa que tinha haver com a linguagem eu tentava frequentar, fazer, saber um bocadinho mais, ler mais também sobre o assunto. A nossa formação é contínua... noto uma grande diferença na altura que acabei para agora, para o real e cada vez mais há, antes não havia muitas formações, agora somos bombardeados com elas e cada um com a sua teoria, mas tento ir beber um bocado, atualizar e saber um pouco mais.

Bloco C - Perceções sobre a linguagem e o seu desenvolvimento

Q: Qual a importância que atribui ao seu papel (de educadora) no desenvolvimento da linguagem?

R: Tudo, porque o meu papel é sempre estimular, aproveitar tudo aquilo que eles dizem, todas as situações para poder ajudá-los no desenvolvimento do vocabulário, na aquisição de novo vocabulário... isso faz parte do dia-a-dia, portanto, sempre que há uma conversa, uma interação estamos sempre a trabalhar a linguagem, e acho que isso é fundamental.

Q: Considerando as dinâmicas vivenciadas em contexto, qual a sua opinião acerca da influência das experiências vividas, no desenvolvimento da linguagem? Ou seja, de que forma as atividades, momentos do dia-a-dia contribuem nesse processo de desenvolvimento?

R: Tu estiveste connosco se sabes que eles são muito ativos, e que nós falamos todos muito, eles e eu também (risos)... e as partilhas, aproveitar tudo aquilo que eles têm para dizer, a curiosidade natural deles, as descobertas que eles fazem, as questões, é estar atenta... É uma escuta ativa, sim. Ouvi-los, saber, questionar, tentar saber um bocadinho mais, puxar por eles também, pelo potencial deles... Eles agora andam com as palavras

difíceis, começaram com uma certa pessoa, não sei com quem... (risos) e adoram palavras difíceis, está a ser giríssimo porque seja numa história, rotina, dia-a-dia na conversa, seja numa canção sempre que surge uma palavra que eles não conhecem eles dizem "é uma palavra difícil", e depois "o que é que achas que isto quer dizer?", e depois vamos ver ao dicionário, outras vezes vamos ao google e, há sempre alguém "eu sei disto, porque já ouvi falar" e todos nós estamos a crescer... Pegarmos todos os momentos, não existem momentos específicos para desenvolver a linguagem é no dia-dia, todos os momentos são importantes.

Q: Que tipo de atividades e estratégias utilizada para promover o desenvolvimento da linguagem?

R: A rotina, sem dúvida nenhuma, muito o momento de reunião seja de reflexão, planeamento e aquele momento da manhã é muito rico. Eles querem falar imenso porque têm sempre coisas para contar, novidades, há sempre uma novidade que eles trazem, portanto, aproveito muito esses momentos, depois as histórias que para mim são fundamentais que nós adoramos e eles gostam imenso também, trazem imensos livros de casa e as histórias que eles criam... e tu sabes disso... têm feito imensas histórias, adoram e as coisas que eles dizem, a capacidade que eles têm de desenvolver o princípio, meio e fim, a sequência, a imaginação. As rimas, que eles adoram jogos de rimas.. para eles é uma novidade, um jogo e rimamos o dia todo, com tudo... com o feijão da sopa, o pão, maçã, com aquilo que surge que é mesmo assim e algumas vão para casa e pedem ajudam aos pais, e depois "aaah, já sei uma nova", as canções acho que é fundamental e também utilizados em todos os momentos do dia. Utilizo todos os momentos como estratégia...

Q: Analisando as questões anteriores e, considerando a importância do desenvolvimento da linguagem, de que modo, esse desenvolvimento influencia o processo de desenvolvimento da criança, num todo?

R: É fundamental porque se eles se conseguirem exprimir bem, e ter um bom vocabulário... a aquisição de todos os outros conhecimentos torna-se mais fácil, e o perceber o porquê das coisas... isso vai ser fundamental, tanto no nosso dia-a-dia como na parte académica. Uma criança que tenha um bom vocabulário, que conheça muitas palavras, compreenda o que está a ser pedido tem muito mais facilidade em todas as aprendizagens sem dúvida nenhuma, portanto é fundamental para todo o desenvolvimento. Uma criança que tem dificuldades na linguagem sem dúvida nenhuma, vai ter dificuldades na sua aprendizagem também e isso nota-se bastante, seja na aquisição depois na leitura, na escrita, desenvolvimento da matemática porque não compreende e

se não compreende não consegue depois resolver o que lhe é pedido e os desafios que encontra, portanto é fundamental para tudo.

Q: Considerando as questões anteriores acerca do desenvolvimento da linguagem, no seu todo, qual a importância que atribui ao desenvolvimento lexical?

R: O desenvolvimento lexical dá outro conhecimento do mundo e conseguem ter mais facilidade em utilizar o vocabulário... acaba por ser... é mais abrangente, e depois acabam por desenvolver a imaginação, criatividade e as suas aprendizagens sem dúvida nenhuma, porque não está só limitados aquela palavra, mas sim, ao todo que a envolve. Para projetos então, é maravilhoso porque partes de uma pequena palavra para um mundo inteiro e, dá-lhes muita bagagem.

Q: Tendo em conta os vários aspetos relacionados com o conhecimento/ desenvolvimento lexical por parte das crianças (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc....), de que forma considera que o meio envolvente, interações e conhecimento prévio do mundo contribuem para este processo de desenvolvimento?

R: Tudo aquilo que eles trazem é importante... e depois puxam uns pelos outros e desenvolvem-se uns com os outros também, isso é muito importante. Uma criança que sabe o que é o ecossistema para outros eles desconhecem, mas ela explicar eles compreendem também e depois vamos aprofundar o que é que aquilo quer dizer, e vamos procurar... são as crianças que trazem palavras novas para a sala e trazem as suas vivências que depois são partilhadas com o grupo e que, desencadeia todo o processo porque transmitem também o seu conhecimento, acabam por alargar também o vocabulário e o porquê das coisas e desenvolvem-se projetos maravilhosos com base naquilo que eles trazem e ajudam-nos também nesse sentido, acabam por contribuir o saber deles e as experiências que têm em casa, os livros que têm... se é uma criança que vê documentários sobre animais, sabe muito e ao partilhar com os colegas está a ajudá-los e a aumentar também o conhecimento delas, campo lexical e essa interação para mim é fundamental, portanto, faz todo o sentido e tem muita importância tudo aquilo que eles trazem de casa também e nós vivemos disso. Não só aquilo nós transmitimos, mas aquilo que eles nos transmitem a nós e aos colegas.

Q: Considerando os vários aspetos relacionados com o conhecimento lexical que referi na questão anterior (por exemplo: o significado das palavras; a sua forma fónica e gráfica; a classe e a família a que pertencem; etc....), que atividades/ estratégias utiliza para a estimulação destes aspetos? Por exemplo, através da noção

de sinónimos, antónimos, relações semânticas entre as palavras (famílias de palavras; categorizações - por exemplo: nomes dos animais que conhecem, mostrar objetos ou imagens e pedir para fazerem agrupamentos de acordo com o que exploram, etc.)

R: Eu "bebo" muito aquilo que eles nos dizem e parte muito daí, tu sabes, e das experiências que eles vão tendo no dia-a-dia e a partir daí, explorar um bocado mais tanto os sinónimos, conjuntos seja aquilo que for tentar explorar por eles, vamos tentar saber sempre um pouco mais, aprofundar... No outro dia, vou-te dar um exemplo, foi uma das meninas... apanharam azeitonas c1:"as azeitonas veem da azeitoneira" disse logo alguém... c2:"não, não é a azeitona...", ed: "então como é que se chama?", houve alguém que ajudou c3:"é a oliveira", ela até disse que era a da canção da oliveirinha da serra... e depois começamos por ali... ed: "que árvores temos aqui?", e começamos a explorar as alfarrobeiras, romaneira, nespereira e a partir daí, tivemos a explorar as árvores que dão fruto que temos no nosso jardim através de uma experiência que vivemos, depois fomos observar, conhecer e passámos da árvores para o fruto, depois para o produto que vem o azeite que nós utilizamos numa conversa. As estratégias surgem, pelo menos comigo, não é que prepare estratégias específicas eu aproveito tudo aquilo que eles me dão para tentar depois explorar... seja numa canção, numa palavra que surja... Hoje foi uma atividade daquelas assim ed: "amanhã não há escola, mas não há escola porque é feriado"... c: "qual é o feriado?"... ed: "é o dia da espiga"... c1:"o que é que é a espiga?"... c2:"a espiga é um cereal", e deu logo a aveia, o milho e chegamos ali a uma conclusão numa conversa... c3"mas eu não sei o que é uma espiga", e eu estava sem dados móveis, tentei desenhar uma mas depois lembrei-me... ed: "pensem lá um bocadinho, então a espiga dá o trigo..." e depois houve logo alguém que disse que o milho dava as pipocas... a associação de conceitos e aprendizagens que eles tiveram numa conversa... ed: "o trigo quando é moído faz a farinha... então deixa lá ver que eu acho que tenho um pacote de farinha ali e ver se temos alguma imagem da espiga"... ed: "e depois o que é que se faz com a farinha?"... pão, bolos, pizza, massas, deram imensos exemplos. Depois fomos fazer massa salgada com a farinha que ali tínhamos, fui buscar o pacote uma atividade que não foi minimamente planeada, surgiu de uma conversa "porque é que amanhã não viemos à escola? mas é feriado porquê? o que é que se faz neste feriado? vai-se apanhar a espiga"... foi uma manhã riquíssima porque depois começámos a ver ed: "olha, mas eu conheço a tradição vamos apanhar três malmequeres, são flores... ramos de oliveira" depois fizemos contas, começámos a contar dá 15... então temos que ter 15 coisas no nosso raminho.

Tivemos a falar nisto e abordamos aqui imensas coisas, depois fizemos associações ed: "a papoila será porquê?"... c: "é vermelha... é do amor...".... ed: "é para termos amor; então se nós com a espiga fazemos o pão " e fomos um bocadinho ao sinónimo da tradição também e depois disseram "não te esqueças de tirar fotografias ao teu ramo"...

Bloco D - Perceções sobre a importância da exploração ativa de elementos da natureza

Q: O que considera ser a exploração ativa dos elementos da natureza?

R: Acaba por ser estares lá fora e observares e, aproveitares tudo aquilo que existe ao teu redor... os materiais, se são duros, moles, pequenos, grandes, se são muitas folhas juntas se é só uma folha, se são finas, grossas... o conjunto das árvores, o que é que temos, o nome....

Q: Na sua opinião, atividades que envolvam elementos da natureza, são possíveis de realizar com as crianças? Se sim, de que forma poderão ser realizadas?

R: Eles andam com coisas tão giras, tu ias adorar... Estivemos com os projetos dos pássaros, as aves que existem se são grandes, pequenas, fomos observar, ouvir e eles vêm comer o que é que comem, surgiu um projeto que passou por aí. A mãe do R fez uma casinha de pássaros, depois também fomos escolher com a árvore e foram votar, eu disse logo que não podia ser uma árvore tão grande senão não conseguia pendurar a casinha... tiveram a noção das alturas e depois decidimos que era ali. Fomos investigar como é que eram os ninhos, tens todo aqui um leque de vocabulário... as penas, depois fizemos a experiência do impermeável porque as penas protegem, que são uma "armadura", depois vão buscar vocabulário assim ed: "então as penas são parecidas com o quê? para que servem?"... c: "é uma armadura, porque protege o pássaro"... Nós exploramos esses bocadinhos, isto tudo vem da natureza.

Q: Considerando a questão anterior, para si, qual a importância que atribui a uma exploração livre no exterior, através dos elementos da natureza?

R: Toda a importância. É o que eu mais valorizo é a exploração ativa, exploração espontânea, descoberta, os sentidos... utilizarmos esses sentidos para aprender, conhecer e, portanto, toda. É a natureza eu e os meus meninos também, eles adoram.

Q: Recorre com frequência ao espaço exterior (dentro da instituição e/ou espaço envolvente da instituição) para promover a exploração ativa dos elementos da natureza? Porquê?

R: Normalmente sim, costumo fazer isso, agora não em contexto de covid. Temos a sorte de ter um jardim maravilhoso... quando os outros não estão vamos até à relva... Hoje estávamos à espera de que elas terminassem as atividades (estagiárias do liceu) viemos clandestinamente para o jardim, rebolaram, rebolaram... liberdade... Nós temos este ambiente maravilhoso, mas sempre que tenho a possibilidade de ir ao exterior, vivenciar as coisas de explorar o que a cidade nos dá, a arte que existe, os espaços verdes que nós temos ao nosso redor... os ecopontos, seja aquilo que for.

Q: Independentemente da resposta anterior, utiliza como estratégia levar até ao contexto de sala de atividades elementos da natureza?

R: Sim, eles recolhem tudo e levam para a sala.

Q: Considerando o seu percurso profissional e a sua experiência, de que forma, a exploração ativa de elementos da natureza, neste caso, no exterior da instituição, tem impacto nas aprendizagens e aquisições de competências das crianças?

R: Eu acho que os sentidos nos facilitam imenso a aprendizagem seja daquilo que for, de todos os conhecimentos. Portanto, se eles tocam, sentem todas as propriedades que os elementos da natureza nos dão, todas as aprendizagens que nos transmitem, a observação e passa muito pela tocar, contacto, as texturas... Nós somos um todo e eu tudo que nós sentimos, o que é vivido, costumo dizer o que é apreendido é sentido pelo coração nunca se esquece e se eles estão a viver, sentir aquele momento de liberdade de pudermos rolar pela relva, de sentirem as coisas, abraçarem-se a uma árvore... Uma árvore enorme, quantos anos tem... Valorizar tudo o resto, então temos que respeitar na nossa sala. Depois é trazer isso para a sala, se elas levam tantos anos a crescer nós não vamos estar a desperdiçar papel.... agora temos o papelão e vão todos os bocadinhos de papel que não utilizamos, que é para reciclar... Termos esse cuidado, respeito...

Q: Escolheria esta estratégia de desenvolvimento com o seu grupo de crianças, e porquê?

R: Sim, para mim é a que mais sentido faz. É vivida, sentida, é experienciada.

Q: O que entende por espaço exterior como “terceiro educador”? E qual a sua opinião perante essa perspectiva?

R: Para mim não há essa divisão do espaço, e tu sabes, aquilo que é feito na sala pode ser feito cá fora e o que é feito cá fora já é mais difícil de fazer lá dentro (risos), mas podemos levar algumas das coisas que existem no meio exterior para nos ajudar nas atividades e propostas que existem na sala e nas descobertas, mas eu não vejo impedimento nenhum. No Dia da Mãe, que não foi o Dia da Mãe, foi do amor, do amor incondicional. Eu li uma história sobre isso no exterior, portanto saímos da sala para o exterior porque era uma história que era grande, falava de um sentimento grande demais, muito grande e único, então viemos cá para fora. Aquele livro tinha imagens maravilhosas e utilizamos o chão como forma de expressarmos o nosso amor e, fizeram corações, flores, as mães, os filhos... depois havia quem pisasse então decidimos emoldurar que era para preservar o que os colegas tinham feito e brincar um bocadinho à volta... saímos da sala e vivemos esse momento no exterior. Trazemos mesas, fazemos laboratórios cá fora, aquilo que for preciso. Sinceramente eu acho que o exterior traz luz, é diferente de quatro paredes, é natural, é natureza, traz ao de cima o melhor que nós temos e acalma-os muito também... Se pudesse estava sempre cá fora.

Q: Reconhecendo o espaço exterior como “terceiro educador” e a exploração dos elementos da natureza fundamental no desenvolvimento das crianças, com que frequência realiza atividades com estes elementos?

R: Sempre que posso.

Bloco E - Perceções sobre a importância de relacionar o desenvolvimento da linguagem e exploração ativa de elementos da natureza

Q: Com que frequência estimula/ promove o desenvolvimento da linguagem a partir da exploração dos elementos da natureza?

R: Com frequência.

Q: Na sua opinião, consideraria uma boa estratégia utilizar a exploração do exterior com elementos da natureza, no desenvolvimento lexical? De que forma?

R: É aproveitar tudo aquilo que existe e tentar saber um pouco mais... alargar um bocado mais aquilo que eles sabem e conhecem, para poder depois noutras alturas utilizarem... é

como se fosse uma pedra que cai no charco... é aquela pedra que nós lançamos ali e depois vemos o efeito que tem na água e é um bocado disso.

Q: Analisando o seu percurso enquanto profissional de educação, considera que a exploração de elementos na natureza pode contribuir para o aumento do capital lexical da criança? Em que medida?

R: É aproveitar tudo para jogar com os sinónimos, antónimos... o que é semelhante, diferente, tamanhos, texturas, aproveita tudo aquilo que existe no dia-a-dia, que eles estão a brincar e explorar e observam... Agora estamos com a horta ed: "o que é há numa horta?"... há muitas plantas e depois é descobrir, quais é que são parecidas e quais é que são diferentes, de que família é que são. Eles agora com base na observação acham que as melancias são parecidas com as abóboras, e a folha realmente é, portanto, estás a explorar um bocadinho... E o que é que vem da horta, depois passas para a parte dos alimentos e vais explorar um bocadinho de tudo, frutos, legumes e já houve ali grandes "discussões"... Os jardineiros têm nos ajudado imenso, trazem-nos sempre grandes baldes de terra... A função deles também é cuidar do nosso jardim, ajudar-nos no cultivo da horta, depois passas para as profissões se entrases por aí... Há um que diz "carro" outro já diz "automóvel", depois há uma discussão "é a mesma coisa, não é a mesma coisa... vamos ver.... e o que é que são? são meios de transporte...". As vezes têm dificuldade em perceber o termo, mas se pegares naquela palavra e começares a desconstruí-la...

Q: Durante a exploração ativa dos elementos da natureza, utiliza como estratégia enriquecedora a exploração e/ou desconstrução do significado ou atributos das palavras, para chegar então ao conceito da palavra que exploram? De que forma?

R: Sim. Temos bichos-da-seda... o que é que aconteceu? Devem ter comido qualquer coisa, algumas folhas que começaram a morrer... Ed: "o que é que estava a acontecer?", houve logo ali uma data de ideias e houve uma palavra que ficou "provavelmente as folhas estavam secas e tinham que estar suculentas, por isso eles morreram"... e diz logo outro "o que é que é suculento?"... ed: "o que é que vocês acham? suculento faz lembrar o quê?"... c: "suco, sumo... faz lembrar um sumo"... ed: "então isso quer dizer o quê?... c" que têm água".. depois houve logo quem dissesse c: "estão hidratadas". De uma palavra tentares perceber, fomos um bocado à origem "olha, então é uma folha que está hidratada... se está hidratada tem água... é suculenta", fizeram esse raciocínio. Podia ser por isso porque as folhas estavam secas e os bichinhos da seda precisava de água, que vem das folhas. Foram duas palavras difíceis (hidratar e suculento"... Tentámos desconstruir mesmo a palavra, tentar perceber o que é que eles acham que é, há sempre

um ou outro que ajuda... É a grandeza do grupo... "O que para mim é desconhecido tu trazes e acrescenta". E saímos todos um bocado mais ricos... E tu eras perita a fazer isso "o protocolo" que nós adorámos e agora eles todos dizem "vamos fazer o protocolo"...

Q: Assumindo que as crianças brincam no exterior com os elementos da natureza, tem como hábito procurar com as crianças sinónimos/antónimos dos elementos que exploram? Porquê?

R: Sim.

Q: Reconhecendo que a exploração ativa tem um papel fundamental na aquisição de competências, de que forma, conjugar essa exploração com a estimulação do desenvolvimento lexical influencia percurso académico das crianças?

R: Têm muito mais facilidade na aprendizagem, nos conceitos... em tudo aquilo que é abordado, pedido porque se eles compreenderem, se tiverem um bom léxico, vocabulário e conseguirem perceber o que é que lhes está a ser pedido torna-se muito mais fácil. Se não entenderem, não conhecerem as palavras é mais difícil para eles depois desenvolverem as aprendizagens, isto em todas as áreas....